Jovens *do* Rio

circuitos, crenças e acessos

Regina Reyes Novaes
Cecília Campello do A. Mello

Agradecimentos

Agradecemos o apoio de todos aqueles que viabilizaram as diferentes etapas desta pesquisa, desde sua concepção à sua finalização. Agradecemos especialmente os incansáveis entrevistadores e os jovens entrevistados da cidade do Rio de Janeiro, que nos concederam boa dose de seu tempo e interesse. É a eles que dedicamos esta publicação.

Diretoria
Sérgio Goes de Paula
Ângela Maria Silva Arruda
Antônio Cesar Pimentel Caldeira
Patrícia Birman
Maurício Lissovsky

Secretaria Executiva
Rubem César Fernandes

Assessoria à Secretaria Executiva
Napoleão Miranda

COMUNICAÇÕES DO ISER n. 57

Conselho Editorial
Ana Quiroga
Napoleão Miranda
Regina Reyes Novaes
Rubem Cesar Fernandes
Samyra Crespo

Editoras deste número
Regina Reyes Novaes
Cecília Campello do A. Mello

Pesquisa
Coordenação
Regina Reyes Novaes

Coordenação de Campo
Cecília Campello do A. Mello

Supervisão de Campo
Neyla Vaserstein

Coordenação de Estatística
Maria Tereza Serrano Barbosa
Marcelo de Souza Nascimento
Assistente em estatística e gráficos
Keila Regina Moraes Lôla

Pesquisadores
Alex Silva Monteiro
Bianca Brandão
Carlos Eduardo da Silva Garcia
Carlos José das Chagas
Daniela Silva da C. Almeida
Desirée Luzia Martins da Silva
Emílio Roberto de Souza Domingos
Érica Gomes Daniel
Glória Maria Henriques Souza
Jonas Henrique de Oliveira
Marcelo Simões Serran de Pinho
Maria Regina Athayde Pinheiro
Marilena Cunha
Moema de Castro Guedes
Renata Coura
Rita Zanai de Oliveira Arruda
Rozicléia Estevão do Nascimento

Revisão
Marilena Cunha

Secretaria
Helena Mendonça
Cleber Victorino

Agradecemos à Igreja da Suécia (*Svenska Kyrkans Mission*) pelo apoio financeiro para esta pesquisa.

Design Gráfico e Editoração
Design Genuíno

Fotolitos
Rio Texto

Impressão
Grafitto

Fotos
Tiago Quiroga
Julio Stéphano
Martha Gubernikoff
Daniel Marcelo

Foto de Capa
Tiago Quiroga

Jovens do Rio

circuitos, crenças e acessos

7 A pesquisa: temas, método e bastidores

15 Ser jovem: perfil e percepções

24 Família, escola e trabalho

30 Religião e crenças

38 Sexualidade, Drogas, Lazer

56 Percepções da violência

66 Expressões da política

72 Ídolos, medos e sonhos

79 Notas finais

87 Nota metodológica

88 Questionário

a pesquisa: temas, método e bastidores

"Somos sempre o jovem ou o velho de alguém".
Pierre Bourdieu

O que é "ser jovem"? Como sabemos, as respostas para esta pergunta mudam em espaços sociais diferentes, mudam no decorrer do tempo. A "juventude", como toda categoria socialmente construída, não tem uma definição única que abarque todas as suas dimensões. É um sujeito de frases com muitos predicados, que variam de acordo com quem fala, de que lugar social onde fala e em que circunstâncias fala. Em torno da idéia de "juventude" se fazem múltiplas disputas entre gerações e entre diferentes segmentos sociais. Tais disputas possuem aspectos simbólicos e suportes materiais, históricos, políticos.

A juventude é um *retrato projetivo da sociedade* (Abramo, 1997) que expressa as angústias, os medos, assim como as esperanças em relação ao presente e às possibilidades de futuro. Nesta perspectiva, a categoria "juventude" simboliza os dilemas da contemporaneidade. São três as narrativas mais comuns através das quais se fala em juventude.

Do ponto de vista sociológico, a constituição da juventude como "objeto" de estudo está muito associada à chamada Escola de Chicago. Ali se construiu um tipo de abordagem que, em linhas gerais, enfocava os jovens a partir das lentes da "desorganização social" e dos "problemas sociais" expressos na formação de gangues e de outras formas de "delinqüência". Fontes de inquietação para os acadêmicos, essas questões motivaram estudos aprofundados que buscavam compreender o que se passava com a sociedade americana e, mais precisamente, com a Chicago da época[1]. E até hoje, a produção acadêmica sobre o tema da "juventude" encontra-se freqüentemente articulada a problemas sociais como a violência, a criminalidade e diferentes formas de "desvio"[2]. A "juventude perigosa" se faz presente no discurso de educadores, de cientistas sociais, de formuladores de políticas públicas e de entidades multilaterais e financiadoras de projetos sociais dirigidos a este segmento social.

A categoria "juventude" também traz consigo a possibilidade de mudança e de invenção criativa. Ao falar de juventude, fala-se também em novas potencialidades, novas escolhas, possibilidades de "mudar o presente e construir o futuro". Nos jovens se vislumbra uma via de "redenção", afinal são os jovens que podem ainda fazer o que os adultos não conseguiram e não têm mais tempo ou possibilidade de realizar.

A outra narrativa conhecida equaciona juventude e heroísmo. Nas narrativas trágicas o herói morre jovem. A bela morte é o que confirma os atributos de intensidade e cristaliza os ideais heróicos em sua pureza, mitificando o jovem como encarnação da beleza, justiça e potência. Esta "matriz" de juventude é invocada em narrativas sobre lutas políticas (a figura dos mártires). Mas é re-elaborada segundo a lógica do mundo da publicidade e do marketing, com outros objetivos, enfatizando os atributos de beleza, criatividade e dinamismo desta versão de juventude. Margulis e Urresti (1996) lembram que a estetização coloca a juventude como paradigma do desejável. Todos querem ser jovens para sempre e os especialistas em marketing sabem disto. Tudo o que remete à juventude vende bem.

Juventude perigosa, juventude como lugar da esperança, paradigma do desejável? As

1 Cf. COULON (1995)
2 Cf. VELHO (1999)

imagens convivem, se alternam, disputam entre si. É verdade que, "no mundo de hoje", em tempos de "desagregação social" e dos "malogros econômicos", os jovens – que teriam *naturalmente* uma potência criadora – são quase sempre apresentados sem sua aura salvadora. Localiza-se neles a expressão de apatia, da indiferença, do desencanto. Para explicar estas características, as análises sobre a "juventude de hoje" remetem às "condições sociais" de hoje. A "falta de participação" e a "fragmentação social e perda de valores em um mundo globalizado" por um lado, a pobreza, exclusão e desigualdades sociais, por outro, são razões acionadas como variáveis explicativas tanto para o individualismo e/ou hedonismo exacerbado quanto para estratégias e comportamentos "desviantes" e até criminosos entre "os jovens de hoje".

De onde retirar "serenidade analítica" para relativizar a presumida necessidade de integrar (ou manter) os jovens numa rede institucional representada pela família, pelo mundo do trabalho e pela escola e (ao mesmo tempo) não desconhecer o "perigo" – intrínseco à condição liminar dos jovens (nem criança, nem adulto, nem emancipado, nem totalmente dependente)- de que na ausência das instituições tradicionais, o processo "falhe", a transição não se complete?

Enfim, seja no âmbito familiar, seja na esfera da cidadania, seja nas escolas ou projetos sociais, seja quando se transforma a juventude em "objeto de estudo" não há como escapar das tensões constitutivas do tema. Não há "objetividade" garantida em quando se fala dos "jovens de hoje".

A rigor, há uma liminaridade constitutiva na chamada condição juvenil. Não há como deixar de reconhecer a existência de riscos e vulnerabilidades. Mas, ao mesmo tempo, é preciso ampliar a capacidade de escuta pois cada experiência geracional é original e traz consigo inéditos rearranjos entre o velho e o novo.

Neste sentido as pesquisas são bem vindas. Se elas não têm o poder de revelar "uma" verdade e apontar "uma' solução, elas podem especificar condições sociais, diferenciar segmentos de jovens, compreender como determinadas "marcas geracionais" se imprimem nas múltiplas experiências sociais dos jovens.

As pesquisas quantitativas: entre o fascínio e a desconfiança

Há alguns anos vínhamos pesquisando entre jovens no Rio de Janeiro. Reunimos um bom acervo de dados qualitativos obtidos através de entrevistas, grupos focais, levantamentos e avaliações sobre jovens e projetos relacionados à juventude. Mas, em que medida esses resultados poderiam ser generalizados? As informações recolhidas diziam respeito a determinados grupos, de determinadas regiões da cidade, com certas características em comum. Até que ponto outros grupos, com outras características sócio-econômicas, moradores de outras áreas de cidade partilhariam estas características? Em que situações as diferenças de classe social, gênero, idade, local de moradia, religião são relevantes? Quando resultam em diferenças marcantes? Qual a extensão dessas variações?

Assim nasceu a idéia da pesquisa que apresentamos neste número da Comunicações do ISER. A idéia era "testar" certas hipóteses e conclusões em diferentes áreas da cidade. O método escolhido foi o probabilístico, que prevê a todos os jovens da cidade do Rio de Janeiro chances iguais de serem sorteados[3]. Para tanto, foram sorteadas áreas com uma relativa homogeneidade social – os chamados setores censitários, unidades mínimas de análise estabelecidas pelo IBGE – dentro das quais foi sorteado um determinado número de jovens por setor. Assim, aplicou-se um método de aproximações sucessivas: do total dos setores censitários do município do Rio

3 Procurou-se dar pesos diferenciados e proporcionais aos bairros com mais ou menos jovens, para permitir uma maior representatividade da amostra: assim, áreas onde há maior concentração de jovens (dados PNAD), terão proporcionalmente mais chances de serem sorteadas do que áreas onde há menor concentração de jovens. Da mesma forma, procurou-se manter constante a proporção entre jovens de classe alta, média e baixa, em relação aos dados do conjunto da população da cidade.

de Janeiro, sorteamos um determinado número. Dentre os sorteados, sorteia-se o domicílio e no domicílio, finalmente, sorteia-se o jovem a ser entrevistado.

Seguimos todos estes procedimentos determinados pelos estatísticos com enorme atenção e respeito. Com eles também discutimos cada pergunta do questionário. No início, nosso pretenso questionário mais se assemelhava a um longo roteiro de entrevistas. Ancoradas em informações obtidas através de entrevistas e outros estudos qualitativos, elaboramos perguntas com mais de dez alternativas de resposta. Tínhamos a pretensão de cobrir todas as possibilidades de resposta concebíveis (as fechadas) e inconcebíveis (as abertas). Aos poucos, ouvindo as explicações dos colegas Neyla Vaserstein, Marcelo de Souza Nascimento e da consultora de estatística, Teresa Serrano, fomos aprendendo a conter nossa desconfiança frente aos resultados que iríamos alcançar.

Como se sabe, a tendência de quem faz entrevistas e observação participante é querer usar também o questionário para os propósitos presumidamente "mais nobres" para os quais fomos "antropologicamente" treinadas. Antes de tudo, trata-se de deixar o entrevistado falar. Desta vez, a cada momento, tínhamos que relembrar que o objetivo da pesquisa quantitativa era buscar recorrências estatisticamente significativas. Ou seja, uma pergunta com um número muito grande de opções de resposta não só se torna cansativa para o entrevistado e o entrevistador, como também pulveriza cada variável em tantas possibilidades de respostas que acaba por diminuir seu peso e confiabilidade estatística. Cada pergunta, então, deve ser elaborada de forma a conter várias possibilidades de resposta numa formulação bem sucinta. Se o intuito é aprofundar e detalhar as respostas de cada entrevistado, a solução é fazer o que a consultora de estatística costumava nos aconselhar durante o doloroso processo de "corte" do questionário: "liga o gravador!"

Com muitas conversas superou-se a falsa oposição entre técnicas de pesquisa qualitativas e quantitativas. Não se tratava de negar nenhuma das duas possibilidades de aproximação da realidade. Não existem "receitas mágicas", capazes de, por uma espécie de encantamento próprio, "desvendar a realidade escondida". O importante é apostar na complementação entre as formas de se aproximar da "realidade" e retirar de cada fonte de pesquisa aquilo que ela pode nos fornecer. Daí a importância na escolha do conteúdo e da forma das perguntas. Com estas intenções chegamos a um questionário de 47 perguntas. A pesquisa ouviu 800 jovens entre 15 e 24 anos da cidade do Rio de Janeiro e foi realizada entre novembro de 2000 e fevereiro de 2001.

As temáticas abordadas

No questionário havia um conjunto de questões que tinha por objetivo traçar um perfil dos entrevistados, tais como: idade, escolaridade, gênero, cor, classe social, local de moradia, relações com o mercado de trabalho, religião.

Um segundo conjunto de questões estava relacionado com as percepções dos jovens sobre si mesmos. Perguntamos sobre as vantagens e desvantagens de "ser jovem", perguntamos sobre suas relações com a família, a escola, a sexualidade e as drogas. Assim como buscamos nos aproximar de outras diferenças e semelhanças que definem estilos, turmas, galeras que se expressam e se diferenciam através de gosto musical, locais de lazer, personagens que admiram, etc.

Em um outro conjunto, buscamos compreender como os jovens entrevistados percebem e hierarquizam as instituições sociais e os problemas do Brasil. Buscamos ainda saber como votam, se participam de movimentos sociais e como explicam e vivenciam a violência urbana.

Desde o início, a idéia era poder traçar um panorama geral sobre questões que tocam identidades, valores, comportamentos e perspectivas de futuro dos jovens cariocas. O objetivo final desta pesquisa é apresentar um olhar que abarque uma aproximação tanto do que há de comum quanto das diferenciações que existem entre estes jovens moradores do Rio de Janeiro.

O método, a amostra, o viés...

"*Os cientistas sociais geralmente vêem o problema do viés como uma dificuldade técnica, a ser superada através de métodos mais estritos e rigorosos de pesquisa. Parece, porém, evidente que, mesmo que sejamos cada vez mais cuidadosos em relação aos procedimentos de amostragem, à construção dos questionários e aos métodos de observação e registro dos dados de campo, o problema de viés continuará a existir. Vamos, então, abordá-lo como um problema da organização social de pesquisadores e daqueles que eles estudam, ao invés de vê-lo como uma questão a ser resolvida através de uma técnica cada vez mais rigorosa e disciplinada*" (Becker, 1997, 31).

Dos pouco mais de 1000 jovens sorteados para serem entrevistados, 800 responderam ao questionário, o que representa uma perda de 20%.

Segundo o método probabilístico adotado nesta pesquisa, caso o entrevistador vá ao domicílio e o jovem sorteado estiver ausente ou não quiser responder, ele não poderá entrevistar o jovem mais próximo (como o vizinho, o irmão do sorteado, ou alguém que estiver por perto na hora). Este procedimento é essencial para manter o caráter aleatório da pesquisa.

Como toda pesquisa, esta também tem seu viés. Ao invés de ignorá-lo, buscamos levá-lo em conta no momento da análise, uma vez que ele é parte do fenômeno estudado. Sempre há um número de pessoas que não responde ao questionário, pelas mais diferentes razões. Levar esta perda em consideração é importante. Se o entrevistador completasse esta perda entrevistando as pessoas disponíveis no momento em que ele está em campo, não estaria mais sorteando aleatoriamente o entrevistado, mas *escolhendo* alguém para responder de forma não-aleatória: estaria tendendo a entrevistar, por exemplo, jovens que não trabalham ou outros mais "simpáticos" à situação de entrevista.

Ao se reconhecer a perda de uma determinada porcentagem dos potenciais entrevistados como *parte inerente do processo de pesquisa*, pode-se falar com mais segurança sobre os dados que se tem em mãos. É mais trabalhoso e custoso, mas enriquece a pesquisa de forma substantiva.

Os bastidores do campo

Os entrevistadores – "heróis da resistência"

Relatar e analisar as condições de produção das informações é, como diria Malinowski, um dos primeiros antropólogos a tratar do assunto[4], dar um pouco de "carne e sangue" aos números, síntese final "fria" que tem por atrás de si todo um processo de encontros e desencontros entre agentes sociais. Se isto é, via de regra, considerado em pesquisas qualitativas, quase nunca é levado em conta quando se fala de surveys.

Figuras centrais em pesquisas quantitativas, os entrevistadores são normalmente descartados nas análises sobre "os dados". Mas são eles que, de fato, "fazem a engrenagem funcionar": pegam ônibus, andam pelas ruas, batem nas portas dos domicílios, negociam sua entrada, convencem a pessoa a ser entrevistada, recebem "foras", desculpas e negativas. Se dão sorte e usam seu poder persuasivo, realizam a entrevista. Se não, podem perder o dia e seguir o caminho sob sol, chu-

va, calor ou frio. No nosso caso, infelizmente mais calor do que frio e, felizmente, mais sol do que chuva: a pesquisa de campo terminou em fevereiro de 2001, um dos verões mais quentes e mais secos que existiu na cidade do Rio de Janeiro. Dos 21 entrevistadores que se interessaram pela pesquisa, apenas 7 permaneceram do início ao fim. Os que deixaram tiveram vários motivos tais como desconhecer a cidade, entrar em período de exames, terem conseguido um emprego mais estável. Os que ficaram, se comprometeram com a pesquisa e provaram que saber aplicar questionário não é para qualquer um.

Esta experiência realizada em condições muitas vezes adversas – como veremos a seguir – questiona um certo senso comum objetivista que afirma: "qualquer pessoa com um certo grau de instrução é capaz de aplicar um questionário". Se fosse para traçar um perfil dos pesquisadores que ficaram do começo ao fim da pesquisa poderíamos dizer que embora jovens, já possuem um percurso na profissão de "entrevistador" pontuado por uma espécie de vocação ou simplesmente *gosto pela coisa*. Tal "envolvimento" nem sempre se traduz em uma "alta produtividade", mas necessariamente na qualidade do trabalho de coleta de informações.

Vale destacar que desde o início procuramos compartilhar a construção do objeto e a produção do questionário com os entrevistadores em dois dias inteiros de treinamento. Das quase 150 perguntas iniciais, chegamos a 47 perguntas formuladas que foram testadas e modificadas junto com os entrevistadores em sua maior parte jovens e com experiência neste tipo de pesquisa. Ademais, a interlocução direta dos entrevistadores com a coordenadora de campo foi essencial para que os problemas encontrados no campo fossem explicitados, registrados e soluções fossem encaminhadas.

A aplicação do questionários e seus inimigos – pai, mãe, marido, esposa, namorado, namorada...

"O objetivo da pesquisa é a realização de um panorama sobre as principais questões que fazem parte do cotidiano dos jovens moradores da nossa cidade, tais como escola, trabalho, lazer, afetividade e família" (...)Os resultados da pesquisa certamente serão de grande utilidade para orientação dos pais, mestres e políticas governamentais voltadas para a juventude e estarão plenamente disponíveis para as pessoas e instituições que desejarem a eles ter acesso"

O trecho transcrito acima faz parte da carta de apresentação dirigida aos jovens sorteados para responder o questionário. Foi impressa em papel timbrado, com endereço, telefone, e com assinatura da coordenação. A carta enfatiza o objetivo da pesquisa num sentido amplo, sublinhando a utilidade social dos dados a serem obtidos e o posterior acesso aos resultados a todos àqueles que quiserem consultá-los.

Ao mesmo tempo, enfatizamos o caráter sigiloso e anônimo dos dados, visando prevenir temores dos jovens e pais associados à identificação da origem dos dados. Fornecemos também *folders* explicando o que é o ISER e salientando que esta é uma instituição de pesquisa sem fins lucrativos e *sem filiação religiosa*, (já que o nome Instituto de Estudos da Religião leva as pessoas a pensarem que se trata de uma instituição de caráter confessional).

A carta era endereçada aos jovens, mas na prática foi muito mais lida pelos pais e síndicos. Também cônjuges, namorados e namoradas trataram de lê-la. No geral, considera-se fácil realizar pesquisas com jovens. Eles teriam mais disponibilidade, interesse e objetividade do que os adultos ou idosos. Esta é uma visão que representa o jovem como mais "espontâneo" e livre de determinações outras que não sua própria vontade.

4 Ver Os Argonautas do Pacífico, várias edições.

De fato, em muitos sentidos, os jovens são tidos como mais "diretos" e "francos". Quando se interessam pela pesquisa é "de verdade" e quando não querem ser entrevistados, não hesitam em dizê-lo sem subterfúgios. Mas, o difícil é chegar até eles. Em nossa pesquisa, apesar da carta e das explicações dos pesquisadores, como já foi dito, o índice de não-resposta ficou por volta de 20%, por motivos diversos, tais como[5]:

> Jovem estava com o filho sozinha em casa e não quis marcar um outro dia por ter achado o questionário grande demais.
>
> Ninguém atendeu à porta e o vizinho informou que todos estavam se preparando para um casamento. No dia seguinte, a mãe disse que a sorteada tem 25 anos.
>
> O sorteado não estava em casa e depois ninguém atendeu à porta nas outras duas vezes em que o entrevistador voltou.
>
> O jovem sorteado não quis responder, apesar de estar em casa.
>
> O sorteado se recusou a me atender.

Muitas vezes, a recusa em responder envolvia proibições dos pais e parentes, como por exemplo:

> A mãe pediu para voltar na semana seguinte porque a filha estava viajando, mas quando a pesquisadora retornou, ela afirmou não saber mais quando a filha iria voltar.
>
> O pai não deixou a entrevistadora sondar o jovem para ver se gostaria de ser entrevistado e impediu a entrevista.;
>
> O jovem afirmou que só poderia ser entrevistado se a noiva estivesse ao lado, para evitar que ela sentisse ciúmes da entrevistadora.
>
> O sorteado não estava em casa e o pai ficou de entrar em contato conosco. Finalmente o pai recusou (ele era síndico do edifício), dizendo que como era "opcional" a participação na pesquisa, os moradores não estavam interessados.
>
> A jovem queria ser entrevistada, mas o marido a impediu por não aceitar que ela ficasse sozinha na sala com o entrevistador.
>
> O sorteado não estava em casa. Na segunda ida, a sorteada pediu através de sua irmã para que o entrevistador voltasse outro dia. Mas o pai, Testemunha de Jeová, alegou impedimentos religiosos para a realização da entrevista no dia de sábado.
>
> Depois do entrevistado remarcar a entrevista, de furar o encontro e de ninguém atender à porta na terceira ida, na quarta visita o pai recusou, dizendo: "entrevista é uma furada".

Como se vê, antes mesmo da entrevista ser realizada, o entrevistador encontra uma série de impedimentos com os quais deve lidar com muita habilidade. Os casos bem sucedidos geralmente envolveram algum tipo de "negociação" com os pais. Muitos respeitam as condições de sigilo da entrevista e se retiram para o jovem ficar à vontade para responder, outros ficam por perto, de vez em quando observam a entrevista, mantendo uma certa distância. Nesses casos, a estratégia adotada pelos entrevistadores era baixar o tom de voz e estabelecer uma certa cumplicidade com o jovem, impedindo que os pais pudessem ter acesso à sua privacidade. Em alguns casos, quando a presença do pai ou da mãe era mais ostensiva, o entrevistador apenas apontava para a questão, o jovem a lia e apontava a resposta. Em outros, os jovens optavam por pronunciar somente o número correspondente à sua resposta[6]. Muitas vezes, os jovens sabiam como escapar do controle dos pais e sugeriam que a entrevista fosse feita no portão da casa, na rua, no jardim ou na portaria do prédio. Outras vezes, este tipo de sugestão partia do entrevistador. Em várias ocasiões esta certa cumplici-

5 Estes são alguns exemplos de razões para a recusa, que foram anotadas pelos entrevistadores em espaço destinado para isso no questionário ou relatados diretamente à coordenadora de campo.

6 Por exemplo: o entrevistador perguntava: "você já transou alguma vez". O entrevistado respondia: "número 1", que significa sim, no questionário.

dade entre entrevistador e entrevistado "salvou" a pesquisa. Há um caso que vale a pena relatar. Uma jovem respondeu a todo o questionário com a mãe presente na sala. Depois de tudo terminado, quando o entrevistador já estava na rua, ela veio ao seu encontro dizendo: "olha, esquece tudo o que eu te disse, era tudo mentira. Pode me perguntar tudo de novo, que agora minha mãe não está por perto".

Barreiras sociais: localizar o endereço, contornar desconfianças, ultrapassar as grades e parafernálias eletrônicas

Nas favelas se repetiram os já conhecidos problemas do controle do tráfico e do imponderável nos dias em que se acirra as disputas entre grupos rivais. Geralmente os pesquisadores encontraram certos "anjos da guarda" que preveniam "hoje não dá, volte outro dia".

Nas áreas mais pobres e com menor infra-estrutura urbana, o desafio era encontrar o endereço já que a lógica dos "quarteirões" e dos números nem sempre funciona. Localizar a casa já significava meio caminho andado.

Já nas áreas de maior valorização imobiliária, a dificuldade deixa de ser localizar endereço e passa a ser de acesso aos moradores. Nestas áreas o entrevistador tinha a missão de, em primeiro lugar, conversar com o porteiro e listar os jovens de cada edifício do setor. Porém, chegar a estes jovens só foi possível quando, munidos dos nomes e endereços dos jovens a serem entrevistados, conseguimos seus respectivos telefones pelo *auxílio à lista* e, desta forma, marcamos previamente entrevistas.

Muitos de nossos entrevistadores relataram a imensa dificuldade em se entrar num prédio de apartamentos de classe média. Os porteiros cuidam da segurança do prédio e utilizam uma gama extensa de parafernálias eletrônicas, tais como interfones, botões para abrir a porta principal, grades externas e câmeras que indicam a movimentação e... dificultam a entrada de pesquisadores.

Alguns pesquisadores, acostumados a um acesso cotidiano mais ou menos facilitado quando visitam algum amigo ou parente, impressionaram-se com o grau de dificuldade de acesso a estes mesmos prédios ao assumirem a identidade de "pesquisador". Os porteiros são treinados para vigiar, suspeitar e classificar os visitantes e, no geral, não podem autorizar nada sem a aprovação do síndico. Por isso, foi preciso elaborarmos uma carta direcionada especialmente para convencer os síndicos a permitirem a entrada dos pesquisadores nos edifícios ou ,ao menos, interfonar para os moradores. O que deu certo em alguns casos e não em outros. Uma entrevistadora responsável por uma área nobre da Zona Sul fez o seguinte relato:

"Deixei a carta para o síndico e quando fui buscar a resposta, o chefe dos porteiros conversou comigo e disse que o Sr. síndico não permitiu a entrada no prédio porque elas já viveram uma situação em que um pesquisador se apresentou com uma carteira de identidade e uma carta de apresentação, mas, na verdade, era um bandido. Conversei muito com ele informando que ele poderia entrar em contado com o ISER e etc., mas não teve jeito. Ele pronunciou trezentas vezes a palavra medo e segurança. Eu perguntei se o síndico havia conversado com os outros moradores e ele disse que eles haviam se negado a participar da pesquisa".

Ou seja, para além da questão da "pesquisa", a questão da segurança está muito presente nos locais de moradia da classe média e ali se (re) produz hierarquias de ameaças baseadas nas marcas mais evidentes das desigualdades sociais. Conversamos sobre estas questões com a equipe e seguimos o conselho de um experiente entrevistador, que trabalha há muitos anos no IBGE para conseguir adentrar nos edifícios de classe média. Segundo ele, deveríamos designar alguém "*com cara de*

Zona Sul, de preferência mulher, novinha, branquinha, simpática e arrumadinha". De fato, duas jovens com este perfil conseguiram o que dois entrevistadores negros (primeiro um homem e depois uma mulher) e uma branca de meia idade não haviam conseguido (apesar de terem tidos experiências muito bem sucedidas em bairros mais pobres). Para as entrevistadoras "estilo Zona Sul" não apenas foi fácil entrar nos edifícios, como foi ainda possível obter de porteiros e síndicos informações detalhadas sobre os moradores.

Contudo, se uma desconfiança inicial é regra quase geral, várias idas e vindas podem resultar em relações pessoais e facultar acesso aos jovens. Alguns porteiros, a princípio distantes, acabaram se solidarizando com o que reconhecem como o duro labor do entrevistador e se dispuseram a ajudar. Em muitos casos, um total fechamento inicial deu lugar a um acesso irrestrito a quaisquer informações de que precisássemos[7].

Para além dos números obtidos, as explicações possíveis...

Como já foi dito, o desafio inicial desta pesquisa era produzir um questionário que fizesse sentido para os jovens que seriam entrevistados[8], que se beneficiasse de uma certa "bagagem" acumulada de pesquisas qualitativas e que produzisse novas informações sobre os jovens no Rio de Janeiro.

Na montagem do questionário fizemos, junto com nossos colegas estatísticos e entrevistadores, um grande esforço para apreender valores, comportamentos e representações "disponíveis" na realidade[9] dos jovens do Rio de Janeiro.

Ao selecionar determinadas questões que nos pareciam importantes (e deixando outras tantas de lado), dois aspectos foram sempre levados em conta. Por um lado, questionamos a idéia de que a representação estatística é apenas um instrumento para testar hipóteses ou medir a extensão de um fenômeno, através desta pesquisa também pudemos descobrir relações que não tínhamos imaginado. Por outro lado, buscamos evitar a tendência em se confiar cegamente na fascinante magia dos números.

A estatística é uma das formas de representar a vida social. É aquela nos permite traduzir percepções individuais em tabelas e gráficos, "cristalizando-as" num formato padronizado, buscando destacar regularidades e produzindo um tipo específico de conhecimento. Porém, há sempre um risco ao se lidar com os números pois eles podem produzir um efeito de "verdade" que mantém o leitor leigo a uma distância que "*permite ao especialista economizar sua reflexão e sua inteligência.*" (Bourdieu, 1963:10).

De fato, o desafio da reflexão sociológica é atribuir sentido às relações apreendidas através de diferentes técnicas de pesquisa qualitativas ou quantitativas. Mas as "explicações" que "dão sentido" nunca perdem seu caráter hipotético, (mesmo quando a força da "evidência" é marcante). É a explicação sociológica que funciona como uma "costura" produtora de inteligibilidade.

Neste livro, nem todas as relações descobertas se transformaram em hipóteses suficientemente compreendidas, sociologicamente explicadas. Apesar de todo cuidado, muitas dúvidas ficaram e estão a exigir maior aprofundamento. Ainda assim, optamos por apresentar o maior conjunto possível de informações. Isto porque acreditamos que fazer uma pesquisa é participar de um processo a longo prazo, que permite sucessivas aproximações e novos olhares para um mesmo material. Esperamos voltar a analisar os resultados aqui apresentados. Buscaremos explorar mais conexões e comparações tanto em seu interior e como com pesquisas feitas por outros centros e institutos. Esperamos que outros colegas também possam dialogar, ratificar ou questionar estes resultados que ora apresentamos.

7 Mesmo assim, a classe A ficou ligeiramente sub-representada no total das entrevistas realizadas.

8 Para uma análise sobre o uso de diferentes metodologias de pesquisa ver Bourdieu (1963).

9 Como afirma Becker (1997: 142): "usuários de representações nunca lidam com a realidade em si mesma, mas, em vez disso, com a realidade traduzida em materiais e na linguagem convencional de um ofício específico".

ser jovem: perfil e percepções

Perfil dos jovens entrevistados

Não há consenso em torno dos limites de idade que definem a juventude. O mais comum é delimitar a faixa etária de 15 a 24 anos, critério utilizado por organizações internacionais como a UNESCO e em análises demográficas. Porém sabemos que as diferentes maneiras de ser e de viver dos jovem nos distintos setores sociais certamente não podem ser unificadas por um dado "natural" como a data de nascimento. Este é um limite estabelecido de forma arbitrária, de modo a permitir um recorte que garanta a comparabilidade dos dados. No entanto, mesmo considerando esta faixa etária, nos restringindo ao tempo presente e à cidade do Rio de Janeiro, são várias as diferenciações internas que recortam esta "juventude":

Grupos etários

A maioria dos entrevistados (82%) tinha, na época da pesquisa, até 21 anos: 40,3 % entre 15 e 17 anos e 41,7% entre 18 e 21 anos. Os jovens entrevistados com idades entre 22 e 24 anos perfizeram 17,9% do total (gráfico 1).

Moradores do Rio de Janeiro: muitos jovens cariocas e alguns migrantes

A maioria nasceu na cidade do Rio de Janeiro (87,4%) ou no Estado do Rio de Janeiro (1,9%). Dos 10,7% que migraram de outros estados, temos quase todos os estados brasileiros representados, sendo que os 5 mais significativos são, nesta ordem, Minas Gerais (1,9%), Paraíba (1,3%), Bahia (0,9%), Alagoas (0,8%) e Ceará (0,6%).

Muitos jovens cariocas e alguns migrantes: e onde nasceram seus pais?

Quanto ao local de nascimento dos pais, 63 % das mães e 58,5% dos pais nasceram no Estado do Rio de Janeiro. Dentre as mães, 7,9% são naturais de Minas Gerais, 4,4% da Paraíba, 3,5% da Bahia, 3% do Espírito Santo, 2,6% do Ceará e 2,6% de Pernambuco, para citar os Estados mais representados. Dentre os pais, 6,9% eram de Minas Gerais, 3,6% da Paraíba, 3,3% do Espírito Santo, 3,1 % da Bahia, 2,8% do Ceará e 2,6% de Pernambuco.

Homens e Mulheres

Do total de entrevistados, 55,8% eram mulheres e 44,2% eram homens (gráfico2).

Cor ou raça

No que diz respeito à cor ou raça do entrevistado, optamos por fazer a pergunta seguindo o modelo do IBGE de cinco "cores": branca, negra, parda, amarela e indígena (gráfico 3). Acrescentamos, porém, mais uma opção de resposta aberta.[1]

Assim, 41% dos jovens definem-se como de cor branca, 19,9%, consideram-se de cor negra, 21,3% parda, 5,5% amarela e 3,1% indígena. No total, 9,2% se definiram como de "outra cor", dos quais 8,1% se definem como "moreno" ou "morena" e o restante como "mestiço", "bronze", "mulata" e "moreno claro". Estes que se definem como "outra cor" poderiam, sob uma outra ótica, ser classificados em sua maioria como pardos ou negros. Este seria o grupo que, do ponto de vista do movimento negro, "não assume a sua cor". Por outro lado, o número relativamente alto dos que se definem como "amarelos" ou "indígenas", parece exprimir a irreverência dos jovens entrevistados frente à inadequação entre as categorias do Censo e sua auto-percepção.

Local de moradia

A cidade do Rio de Janeiro está dividida espacialmente em APs, ou Áreas de Planejamento, para fins de planejamento e administração. As APs englobam as várias regiões administrativas, que por sua vez englobam todos os bairros da cidade do Rio de Janeiro. Usaremos esta divisão espacial ao longo de toda a análise dos dados. A AP1 é a AP Centro e compreende as seguintes Regi-

1 Também registramos a percepção do entrevistador para definir a cor/raça do entrevistado. Ainda não exploramos as semelhanças e diferenças destas classificações. O que deverá ser feito posteriormente.

ões Administrativas (RAs): Zona Portuária, Centro, Rio Comprido, São Cristóvão, Paquetá e Santa Teresa. A AP2 é a AP Sul, que compreende as RAs de Botafogo, Copacabana, Lagoa, Rocinha, Tijuca e Vila Isabel. A AP3 é a AP Norte, a maior de todas, que inclui as RAs do Méier, Inhaúma, Jacarezinho, Complexo do Alemão, Ramos, Penha, Ilha do Governador, Complexo da Maré, Irajá, Madureira, Anchieta e Pavuna. A AP4 é a AP Baixada Litorânea, que inclui as RAs de Jacarepaguá, Cidade de Deus e da Barra. Por fim, a AP 5, AP Oeste, compreende as RAs de Bangu, Realengo, Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba. Do total de entrevistados, 40,6% são moradores da AP Norte, 27,3% são moradores da AP Oeste, 16% moradores da AP Sul e 15,1% moradores da AP Baixada Litorânea (gráfico 4). Apenas 1,0% dos jovens entrevistados moram na AP Centro. Por estar subrepresentada na amostra, optamos por não incluir esta AP nos cruzamentos.

Solteiros, casados, com ou sem filhos

Quanto ao estado civil, temos um número alto de solteiros, dado esperado pela faixa etária estudada (83,1%); um número significativo de pessoas "casadas" (15,8% dos jovens entrevistados), seja por terem uma união estável ou morarem juntos (10,5%) ou por serem pessoas casadas no civil, no religioso ou em ambos (5,3%); 0,9% de divorciados/separados e 0,3% de viúvos. A maioria não tem filhos (83,9%), mas um número significativo (16,1%) os tem. Do total, 11,8% dos jovens têm um filho, 3,1% têm dois filhos e 1,2% têm 3 ou mais filhos.

Situação de classe

Vários caminhos foram experimentados para determinar a classe social do entrevistado. Decidimos não perguntar pela renda familiar, baseados em outras pesquisas realizadas nas quais os jovens demonstram não saber ou não querer dizer qual é este montante. Para poder imaginar a situação social dos jovens entrevistados usamos três caminhos:

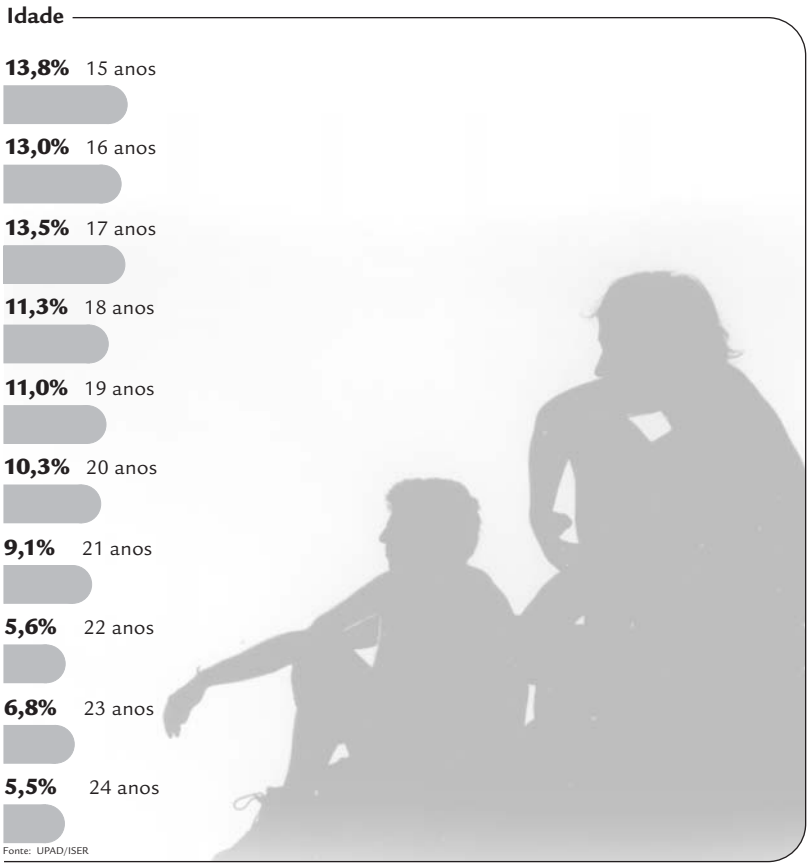


gráfico 1

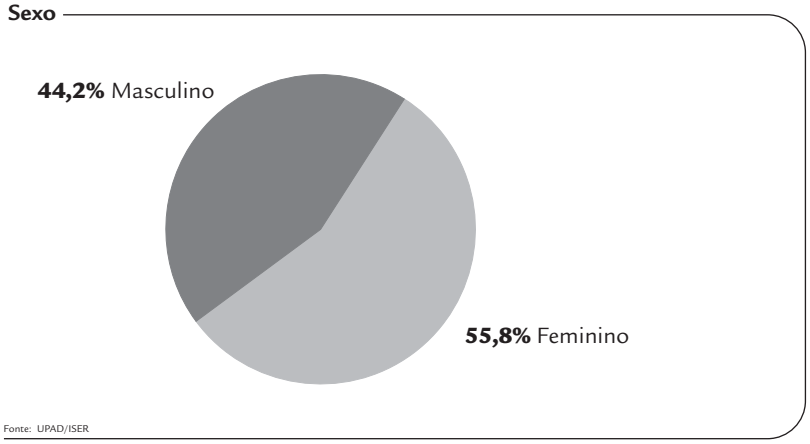


gráfico 2

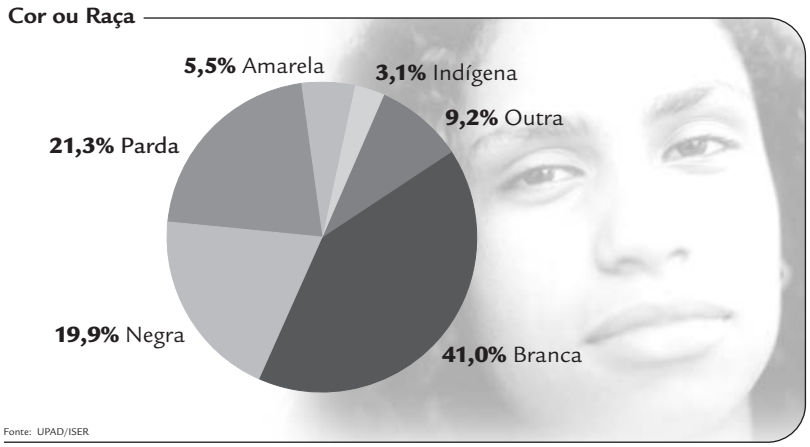


gráfico 3

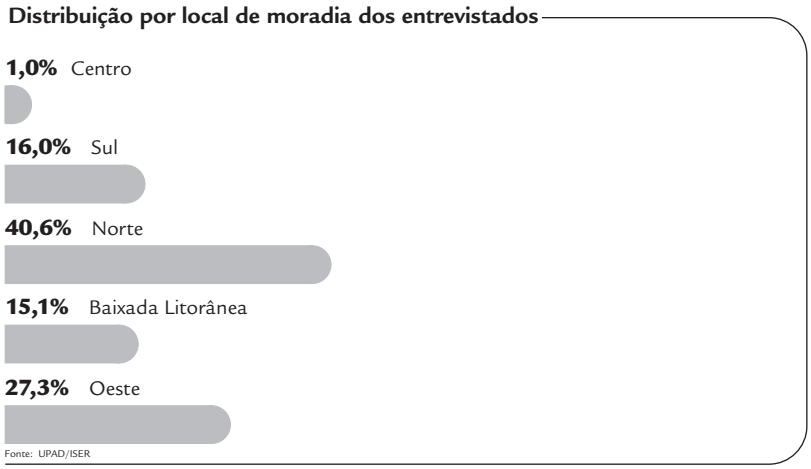


gráfico 4

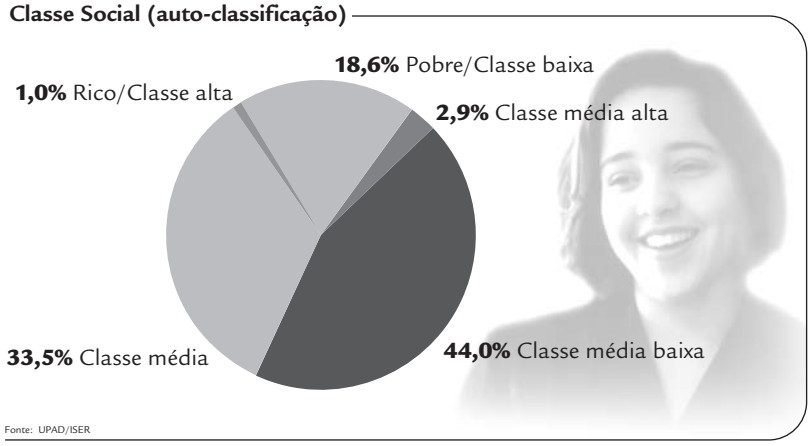


gráfico 5

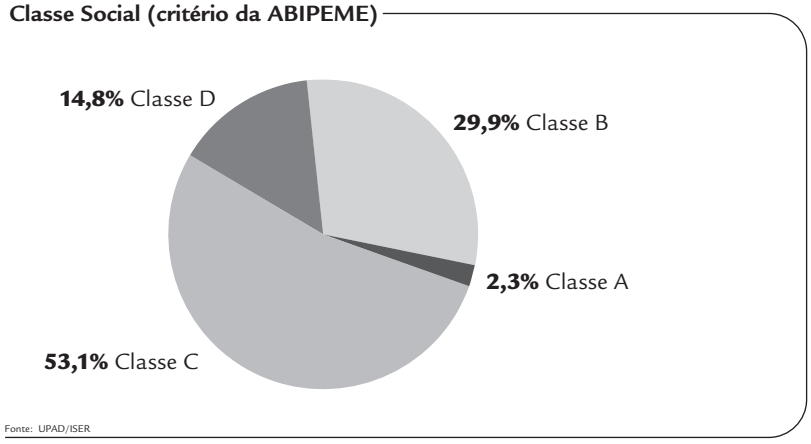


gráfico 6

1) Auto classificação. Como os jovens representam sua situação de classe? Indagamos em qual classe social se colocariam, no gráfico 5, apresentamos os resultados.

2) Critério de classificação econômica comum (ABIPEME). Este critério é comumente usado em pesquisas de mercado e define a situação de classe pelo tamanho do domicílio e pela presença de bens de consumo duráveis. Utilizando este critério temos os resultados apresentados no gráfico 6.

2 Este critério foi desenvolvido pela Associação Brasileira de Pesquisa de Mercado com o objetivo de tornar comparáveis pesquisas que consideravam diferentes parâmetros. Seu objetivo é classificar a população em termos de "classes econômicas". Este critério leva em conta tanto critérios "materiais" (posse de bens de consumo duráveis), como variáveis "socioculturais" (grau de instrução do chefe de família).

Embora não seja nossa intenção sugerir a existência de uma correlação perfeita entre os dois critérios, os números acima apontam para uma aproximação entre os índices obtidos através do critério da ABIPEME e a auto-percepção dos jovens entrevistados. Por isso, optamos por utilizar o critério da ABIPEME em todos os cruzamentos.

3) A escolaridade dos pais. Este critério supõe uma correlação entre grau de escolaridade e renda familiar.

No que se refere à escolaridade do chefe do domicílio, tivemos os seguintes resultados:
2,9% dos chefes de domicílio dos entrevistados têm menos de um ano de estudo;
16,2% têm primário incompleto ou completo;
26,9% dos chefes de domicílio têm o primeiro grau incompleto ou completo;
32,7% têm o segundo grau incompleto ou completo;
21,3% dos chefes de domicílio têm superior incompleto, completo ou mais.

Cruzando a escolaridade do chefe de domicílio com a classe, segundo definição da Abipeme, temos o seguinte quadro:

dos chefes de domicílio da classe A, 83,4 têm nível superior ou mais, 11,1% têm segundo grau incompleto e 5,6% têm primeiro grau completo.

dos chefes de domicílio da classe B, 7,1% têm primário completo ou incompleto, 23,3% têm primeiro grau completo ou incompleto, 32,5% têm segundo grau completo ou incompleto e 39,1% têm superior completo ou incompleto.

Na classe C, 2,3% não têm escolaridade alguma, 17,5% têm primário completo ou incompleto, 30,5% têm primeiro grau completo ou incompleto, 36,9% têm segundo grau completo ou incompleto e 12,2% têm superior completo ou incompleto.

Na classe D, 11,5% não têm escolaridade alguma, 32,7% têm primário completo ou incompleto, 30,9% têm primeiro grau completo ou incompleto, 19,3% têm segundo grau completo ou incompleto e 5,8% têm superior completo ou incompleto.

Enfim, sem pretender chegar a uma amostra numericamente representativa que nos permita inferências estatísticas, creio que chegamos a um universo que contém a diversidade existente entre os jovens do Rio de Janeiro e nos permite refletir sobre eles. Estes recortes podem ainda ter suas fronteiras reforçadas ou flexibilizadas a partir de outras variáveis que funcionam como demarcadores de pertencimentos, porque refletem a adesão a um certo conjunto de valores e referências culturais tais como, o histórico de suas relações com a escola e com o mercado de trabalho, com a família, pertencimentos associativos, religiosos, políticos, gosto musical, opções de lazer e cultura. Serão os temas dos próximos capítulos.

E o que há de melhor e de pior em "ser jovem"?

Através destas perguntas buscamos compreender como os jovens cariocas vivem e pensam esta fase da vida. Nas respostas, o destaque foi para o futuro. A melhor coisa de ser jovem é "ter o futuro pela frente" e, ao mesmo tempo, a pior coisa de ser jovem é a "preocupação com o futuro". Isto vale para o conjunto de entrevistados. Mas analisando mais detidamente as respostas é possível afirmar que o futuro enquanto fonte de **preocupação** e **apreensão** se faz mais presentes entre os jovens das classes A e B. Esses seriam o que têm algo a perder e são mais pressionados pelas expectativas dos pais que neles investem esperando sucesso. Já o futuro enquanto **esperança**, possibilidade de reverter situações de exclusão social e ascender socialmente, seria uma marca das classes C e D.

Escolaridade do chefe de domicílio

2,9% Nenhum

5,1% Até a 3ª série do 1° grau (primário incompleto)

11,1% 4ª série do 1° grau completa (primário completo)

12,3% Entre a 5ª e a 7ª série 1° grau (1° grau incompleto)

14,6% 8ª série do 1° grau completa (1° grau completo)

25,0% 4ª série do 1° grau completa (primário completo)

7,7% 2° grau completo

4,9% Superior incompleto

16,4% Superior completo ou mais

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 7

Escolaridade do chefe de domicílio - Classe A

5,6% 4ª série do 1° grau completa (primário completo)

11,1% 2° grau completo

83,3% Superior completo ou mais

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 8

Escolaridade do chefe de domicílio - Classe B

1,3% Até a 3ª série do 1° grau (primário incompleto)

5,8% 4ª série do 1° grau completa (primário completo)

7,1% Entre a 5ª e a 7ª série 1° grau (1° grau incompleto)

14,2% 8ª série do 1° grau completa (1° grau completo)

5,8% Segundo grau completo

26,7% 2° grau incompleto

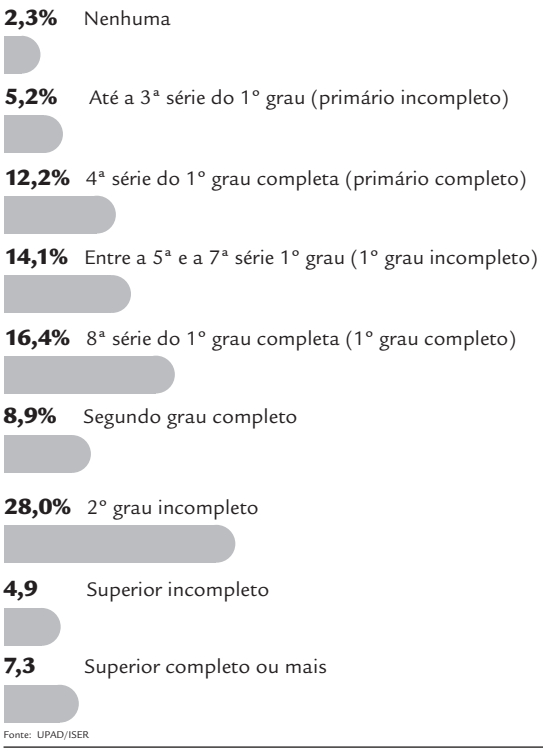
7,1% Superior incompleto

32,0 Superior completo ou mais

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 9

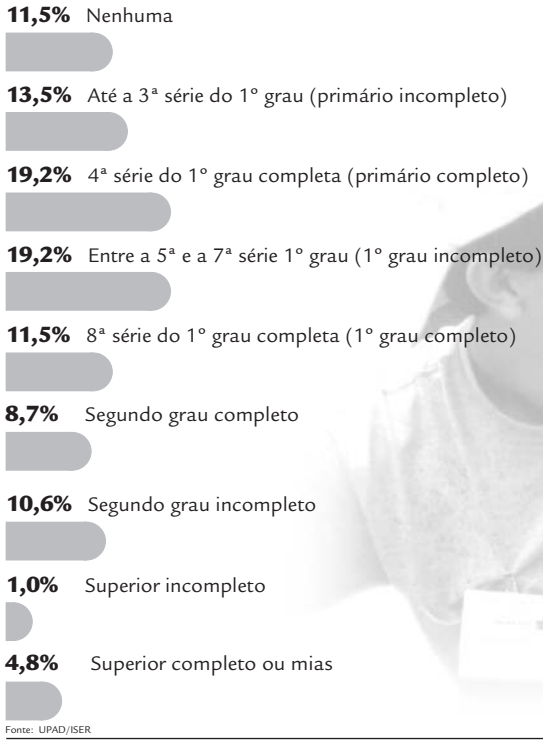
Escolaridade do chefe de domicílio - Classe C



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 10

Escolaridade do chefe de domicílio - Classe D



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 11

Os gráficos 12 e 13 apresentam o conjunto das respostas.

As respostas dos jovens não enfatizam a irresponsabilidade e descompromisso muitas vezes acionado nas narrativas sobre juventude. Nas respostas, ganha o futuro sobre o qual o jovem pode projetar sua vida. Ao introduzirmos o recorte de gênero, observamos ligeiras mudanças nestes números. Embora a ordenação das opções permaneça a mesma, as mulheres jovens atribuem ainda mais peso que os homens jovens para a dimensão do futuro (67,7% das mulheres e 59,3% dos homens)[3].

Também "poder só se preocupar com estudos" é positivo para 10,8% das mulheres e 6,8% dos homens, principalmente nas classes C e D. Nestas classes valorização parece corresponder a uma possibilidade maior das mulheres – embora desde cedo envolvidas com o trabalho doméstico – se dedicarem aos estudos, enquanto há uma expectativa maior de que os jovens homens desde cedo trabalhem fora para ajudar a família. De acordo com vários depoimentos[4], os rapazes destas camadas também valorizam positivamente a possibilidade de trabalhar mais cedo porque lhes traz a possibilidade de ter independência financeira em relação à família. Esta diferença de percepção sobre o trabalho a partir do recorte de gênero, também fica evidente quando se indaga "qual a pior coisa de ser jovem", e a opção "não poder se sustentar sozinho/a" ter sido mais freqüente entre os homens (17,2%) do que entre as mulheres (12,8%), denotando a maior valorização da independência econômica por parte dos homens jovens. Vejamos agora quais as outras respostas sobre o "pior de ser jovem".

É interessante notar a pouca expressão do problema "controle dos pais" entre os jovens entrevistados. Estas respostas corroboram as hipóteses segundo as quais os jovens dessa geração diferenciam-se fundamentalmente dos seus pais quando jovens. Na geração dos pais, a questão do "controle" significava "repressão" familiar bastante direcionada para questões morais e de costumes. O mundo dos filhos, para a maior parte da população, é bastante diferente daquele vivenciado pelos pais. O ritmo da circulação de informações provocou mudanças profundas na sociedade. A idéia de que é preferível "conversar" do que "reprimir" é constantemente repetida (é possível ouvir isto no Programa

3 Entre as piores coisas de ser jovem, "a preocupação com o futuro" também é mais citada pelas mulheres (36,2% das mulheres e 33,9% dos homens).

4 Sobre o assunto, ver Relatório PNUD 2000 e também Abramo.H e Venturi, G. "Juventude: cultura e cidadania". Revista Teoria e Debate, n. 45, jul-ago-set 2000.

do Ratinho, no Jô Soares 11 e ½, na revista Cláudia, na Caras e em um Caderno da Folha de S. Paulo). Daí a idéia de "liberdade outorgada". Mas, os desafios passam a ser outros. Os confrontos com os pais se dão através de outras questões que vão desde o limite para o uso de drogas até a pressão cotidiana para a preparação para a inserção no mercado de trabalho. Isto tensiona os pais que embora assegurem liberdade no que diz respeito aos chamados "usos e costumes", nem sempre estão preparados para aprender com a própria experiência desta geração na qual as escolhas são mais provisórias e reversíveis.

E o que compromete o futuro? Não por acaso, para os entrevistados, a "preocupação com o futuro" se faz seguir pela "influência das más companhias", "o desemprego" e "não poder se sustentar sozinho". Em entrevistas com pais e filhos pudemos perceber um raciocínio que articulam estes fatores. O desemprego e a falta de oportunidades contribuiriam para tornar os jovens mais suscetíveis à influência das "más companhias", geralmente relacionadas com tráfico e/ou ao consumo de drogas. Esta equação tem suas derivadas de acordo com as distintas fases da juventude e, também, de acordo com diferenças de classe social.

A pior coisa em ser jovem, segundo faixas etárias. A preocupação com o futuro se concentra nos jovens entre 18 e 20 anos (38,5%), época que se espera que assumam responsabilidades e façam escolhas para a vida. Para eles e também para aqueles com mais de 21 anos, o "desemprego" é a segunda pior coisa em ser jovem (20,8% entre 18 e 20 e significativos 29,3% entre 21 e 24 anos). Só então é citada a "influência das más companhias" (18,8% e 20%, respectivamente). Já entre os jovens entre 15-18 anos, as "más companhias" são apresentadas como a segunda pior coisa em ser jovem (23%), seguida da impossibilidade de se sustentarem sozinhos (16,8%).

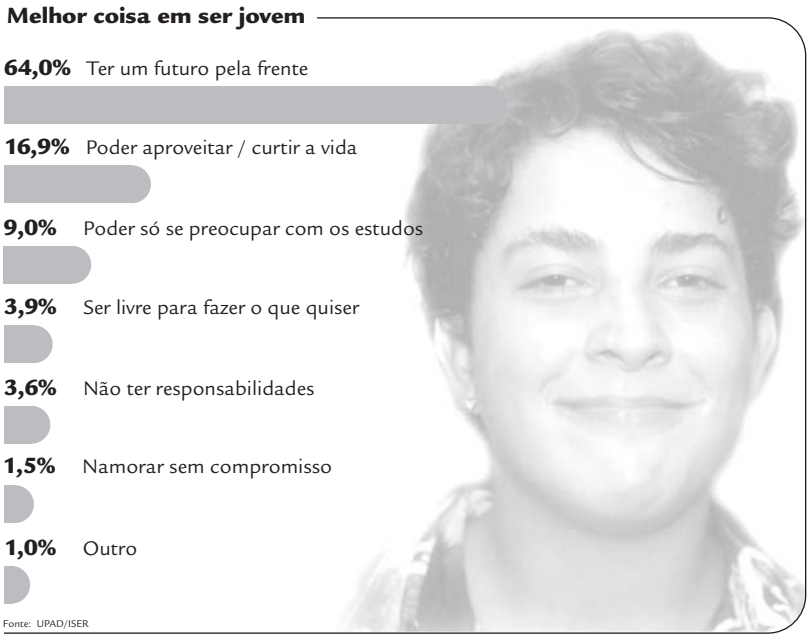


gráfico 12

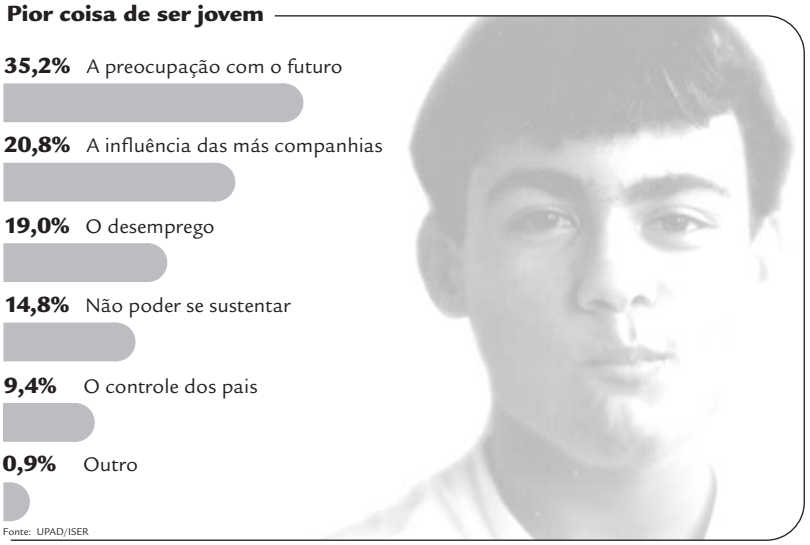


gráfico 13

A pior coisa de ser jovem segundo a escolaridade dos entrevistados. O futuro é fator de preocupação principalmente para os jovens com escolaridade mais alta (38,9%, 39% e 45,5% dos que têm segundo grau completo, superior incompleto e superior completo, respectivamente), mas também é significativamente citada pelos jovens com primário incompleto (33%). O desemprego é a segunda maior preocupação para quem tem o segundo grau completo (27,2%) e o superior completo (27,3%), mas também assusta quem tem menor escolaridade (33%, primário incompleto e 23%, primário completo). A "influência das más companhias" é o principal problema para os jovens com menor escolaridade (33%, primário incompleto e 40%, têm o primário completo). São estes os jovens que têm menores

perspectivas de inserção social "formal" e, nesse sentido, sentem-se mais vulneráveis às chamadas "más companhias". Vale observar que, entre os jovens com o primário incompleto, a preocupação com o futuro, o desemprego e a influência das más companhias são igualmente citados (33% para cada um). A dificuldade de se manter sozinhos é a segunda pior coisa de ser jovem para os que têm superior incompleto (25,4%) e a terceira pior coisa de ser jovem para os que têm superior completo (18,2%). Já para os jovens de escolaridade mais baixa este problema é surpreendentemente pouco citado. Observamos, assim, que a dificuldade para se sustentar sozinho(a) é considerada como um problema, principalmente, para os jovens com renda e escolaridade altas.

A pior coisa em ser jovem, segundo classes sociais. Para os jovens pobres da classe D, os principais problemas de ser jovem são, em primeiro lugar, o desemprego (31,4%), seguido da preocupação com o futuro (28,8%) e a influência das más companhias (com 23,7%). Para os jovens da classe A, a preocupação do futuro vem em primeiro lugar (com significativos 50%), seguida da opção "não poder se sustentar sozinho" (27,8%). O desejo de sustentar-se sozinho parece ser mais um objetivo dos jovens cuja experiência de vida valoriza a privacidade e autonomia da família nuclear. Este não é um problema significativo para os jovens da classe D, apenas 11,9% citam a dificuldade de se sustentar sozinho, indicando um padrão de família extensa em que se faz necessária a contribuição de todos. Em terceiro lugar, os jovens da classe A citam a "influência das más companhias" (11%) e o "controle dos pais" (11%).

Vale destacar que o "desemprego", considerado o pior problema para os jovens pobres, ficou em último lugar entre os jovens da classe A e em 4º no "ranking" das preocupações da classe B (15,5%). Isso não quer dizer que as questões relacionadas com a instabilidade do mercado de trabalho só sejam percebidas pelos mais pobres, em outras respostas esta preocupação também se destaca. Mas é possível que a palavra "desemprego" tenha conotações diferentes para jovens de classes sociais diferentes. Entre os jovens dos estratos mais pobres e menos escolarizados a palavra "desemprego" é uma referência imediata e cotidiana. Já para jovens de classe média talvez esta palavra indique algo irreversível, sendo menos usada por quem se vê com maiores possibilidades de buscar adaptar-se às atuais artimanhas do mercado de trabalho. De qualquer forma, as questões relacionadas ao chamado "mundo do trabalho" são centrais para os jovens de hoje, estão presentes nos seus medos e atravessam seus sonhos.

família, escola e trabalho

A Família

Do total de jovens entrevistados, 80,6% moram com os pais e 19,6% moram fora da casa dos pais (com cônjuge, outros parentes, sozinho, etc.).

A maior parte dos que mora com os pais são jovens do sexo masculino (87,6%), enquanto que as mulheres somam 75,1%, diferença que pode ser explicada pelo fato das mulheres casarem mais cedo do que os homens e passarem a morar com o marido ou o companheiro.

Dentre os jovens com menos de 18 anos, 91,6% moram com os pais; entre 18 e 20 anos, este índice cai para 81,2% e, nos jovens entre 21 e 24 anos, este índice cai de forma um pouco mais acentuada, 63,9% dos jovens dessa idade moram com os pais.

Todos os jovens da classe A entrevistados moram com os pais.
Quanto à classe social, é interessante observar a curva decrescente. 100% dos jovens da classe A moram com os pais; na classe B estes somam 92,1%, índice que cai para 79,3% na classe C e 59,3% na classe D.

Vontade de sair de casa?

Indagamos aos jovens que moram com os pais o grau de desejo de saírem da casa dos pais, pedindo para que dessem uma nota de 0 a 10 à vontade de sair de casa. Do total dos entrevistados, 33,7% deram nota zero, isto é, não têm nenhuma vontade de sair da casa dos pais, 15,5% deram nota 5, denotando uma vontade mediana e 14,4% deram nota 10, expressando total vontade de deixar a casa dos pais. A média das respostas é baixa – nota 4,3 – o que exprime a pouca vontade dos jovens entrevistados em sair da casa dos pais.

As mulheres jovens têm mais vontade de sair da casa dos pais do que os homens jovens. A vontade de deixar a casa dos pais é maior nas mulheres, 16,2% deram nota 10, em relação a 12,6% dos homens jovens.

Os jovens entre 18 e 20 anos são os que têm mais vontade de sair de casa. Quanto à idade, o grupo entre 18 e 20 anos é o que se declara com mais desejo de deixar a casa dos pais, 20,4% deram nota 10, em relação a 13,9% dos com mais de 21 anos e 10,5% dos jovens abaixo de 18 anos.

Morar com os pais segundo a classe social

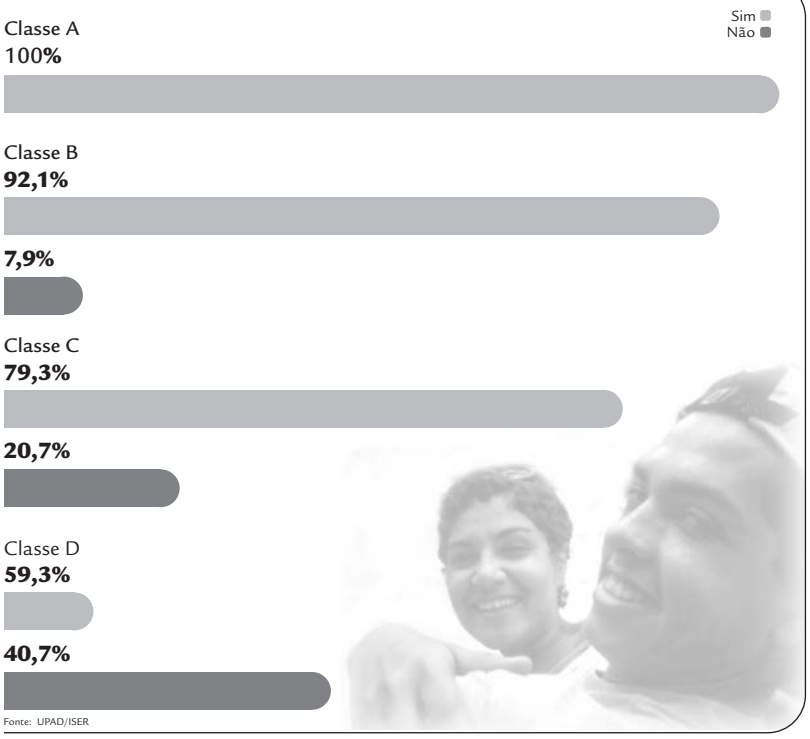


gráfico 14

Grau de vontade de sair da casa dos pais

33,7% Nota 0
2,3% Nota 1
3,6% Nota 2
3,9% Nota 3
2,5% Nota 4
15,5% Nota 5
5,0% Nota 6
7,8% Nota 7
7,6% Nota 8
3,7% Nota 9
14,4% Nota 10

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 15

Motivos para permanecer na casa dos pais

34,3% Eu tenho um bom relacionamento com eles, gosto da companhia
29,3% Não teria dinheiro para me manter sozinho(a)
15,3% Mesmo tendo dinheiro para viver sozinho(a), não mud. padr. vida
11,8% Na casa dos meus pais eu tenho liberdade e conforto
7,3% Não quero assumir a responsabilidade pela casa o tempo todo
2,0% Outros

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 16

Os jovens da classe D têm quatro vezes mais vontade de deixar a casa dos pais do que os jovens da classe A. Dentre os jovens da classe A, 38,9% não têm nenhuma vontade de sair da casa dos pais, enquanto que 27,8% têm uma vontade mediana e apenas 5,6% têm muita vontade de deixar a casa dos pais. Já dentre os jovens da classe D, 30,4% não têm nenhuma vontade, 17,4% têm vontade mediana e 23,2% têm vontade máxima. Dentre os jovens da classe B, 29,1% não têm a menor vontade de sair da casa dos pais, 17,3% têm uma vontade mediana e 11,4% muita vontade. Já entre os jovens entrevistados da classe C, 37,1% não têm a menor vontade, 13,4% têm vontade mediana e 15,1% têm muita vontade (gráfico 15).

Por que ficar morando na casa dos pais?

Indagamos aos jovens que moram com os pais qual é o principal motivo que explicaria sua permanência na casa dos pais. Do total, 34,3% dos jovens destaca ter um bom relacionamento com os pais e gostar da companhia deles. Ao focalizarmos apenas nas mulheres, esse número sobe para 36,4% e, nos homens, cai para 31,9%. Os jovens com menos de 18 anos também tendem a destacar mais a questão de ter um bom relacionamento com os pais (39%), do que os jovens entre 18 e 20 anos (30,8%) e acima de 21 anos (29,7%). Outro grupo significativo aponta as dificuldades financeiras que teriam para se manter sozinhos, razão levantada por um total de 29,3% dos entrevistados. A razão que se centra nas dificuldades para se manter o padrão de vida atual foi apontada por 15,3% dos jovens. Por fim, 11,8% dos entrevistados afirmam que na casa dos pais têm liberdade e conforto e 7,3% alegam não querer se responsabilizar pela casa o tempo todo (gráfico 16).

Em relação à classe social, dentre os jovens da classe A, a questão central para não deixarem a casa dos pais é o fato de terem um bom relacionamento com eles e gostarem de sua companhia, que agrega um total de 44,4% dos jovens dessa classe. O mesmo ocorre na classe C, onde 36,2% dos jovens alegam este motivo para continuarem morando com os pais. Na classe D, porém, o principal fator para os jovens não deixarem a casa dos pais é não terem condições financeiras para fazê-lo, 34,3% dos jovens destacam esta opção. Esse fator também é o principal colocado pelos jovens da classe B, 32,7% dos

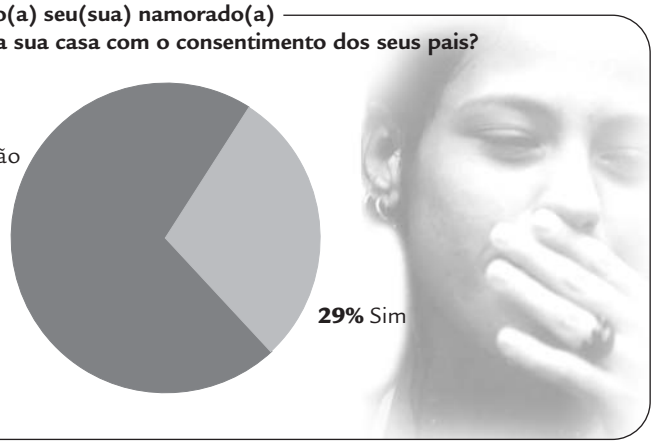
jovens afirmam que não saem da casa dos pais por não poderem se manter sozinhos. Um dado interessante é que, dentre os jovens da classe A, apenas 5,6% declaram que não saem da casa dos pais porque não conseguiriam manter o seu padrão de vida atual, mesmo tendo dinheiro para viver sozinho(a). Já dentre os jovens da classe D, 17% escolheram esta mesma opção, de que mesmo tendo condições financeiras, não sairiam da casa dos pais por não poderem manter seu padrão de vida. Dentre os jovens da classe B, esse número é de 13,2% e, 16,9% dos jovens da classe C escolheram esta opção.

Os jovens destacam seu bom relacionamento com os pais como elemento motivador da relativa demora para saírem de casa de forma independente. Por outro lado, é significativo o número de jovens que destaca as dificuldades financeiras para tal empreitada. Para a geração de seus pais, os conflitos de valores eram mais evidentes. Hoje, por outro lado, há um espaço de "tolerância" ou de negociação que não havia com os pais das gerações precedentes, e se reconhece que existem maiores dificuldades para se inserir no mercado do trabalho e retirar seu sustento de forma estável e independente.

Metade dos jovens da classe A já levou o(a) namorado(a) para dormir em casa com o consentimento dos pais. Nas classes C e D este índice é de 1/4.

Para avaliarmos a extensão dessa "margem de negociação" com os pais, indagamos aos jovens se eles já levaram o(a) namorado(a) para dormir em casa com o consentimento dos pais. Quase 30% dos jovens entrevistados com idades entre 15 e 24 anos tinham levado seu(sua) namorado(a) para dormir na casa dos pais, com o consentimento deles (gráfico 17). É interessante notar que o percentual de mulheres jovens que já levou seus namorados para dormir em casa seja maior do que dos homens jovens (32,5% das mulheres, em relação a 24,6% dos homens).

Você já levou o(a) seu(sua) namorado(a) para dormir na sua casa com o consentimento dos seus pais?



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 17

Os(as) jovens mais velhos (entre 21 e 24 anos) são o grupo em que a proporção dos jovens que já levou o(a) namorado(a) para dormir na casa dos pais é maior (52,9%), em relação a 30,5% dos jovens entre 18 e 20 anos e 16,3% dos jovens com menos de 18 anos. O recorte de classe também revela algumas diferenças entre os jovens. Na classe A, metade (50%) dos jovens já levou seu(sua) namorado(a) para dormir em casa; na classe B, um terço (33,8%) já o fez e nas classes C e D, um quarto dos jovens (25%), respectivamente, já levou seus namorados para dormir em casa.

A Escola

Do total dos jovens entrevistados, 64,5% estão estudando e 35,5% estão fora da escola. Dos que estão estudando, 55,8% são mulheres e 44,3% são homens.

Motivos para parar de estudar

Do total, os jovens que pararam de estudar o fizeram pelas seguintes razões:

Os jovens acreditam na importância da escola, apesar de todos os seus problemas[1].

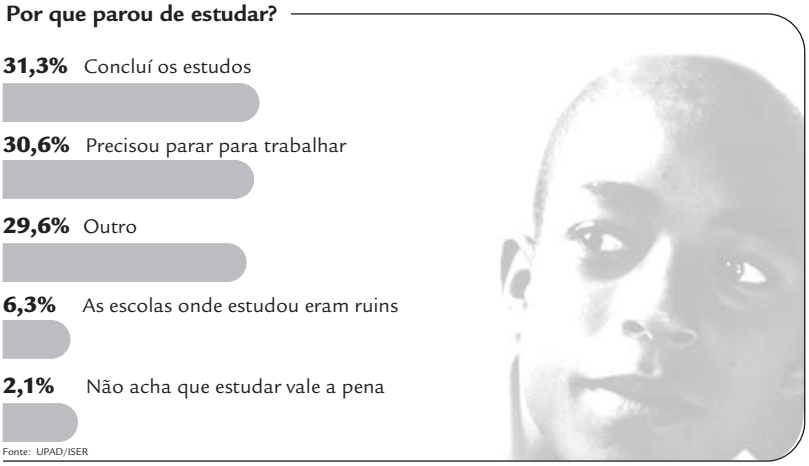
Quase 1/3 dos jovens entrevistados pararam de estudar por terem concluído os estudos[2]. O fator externo que pesa mais para os homens jovens pararem de estudar é a ne-

1 Nesta e em outras pesquisas já amplamente divulgadas há uma recorrência: mesmo os jovens que tiveram problemas com determinadas escolas, via de regra, valorizam positivamente a instituição escola.

2 Entre os jovens entrevistados, "conclusão dos estudos" significa níveis de escolaridade diferentes.

cessidade de trabalhar. Dos 30,6% dos jovens que precisaram parar de estudar para trabalhar, 41,4% são homens e 23,2% são mulheres. As mulheres citam mais "outros motivos" para terem parado de estudar (36,3%). Observando o total de jovens que respondeu "outros motivos" (29,6%), observamos um viés de gênero: dentre o total de "outros", 33,3% se referem ao fato de ter engravidado e tornado-se mães e 12,3% relacionam ao casamento e às obrigações domésticas. Dentre os "outros", um fator que também chama a atenção é a falta de vontade, expulsão ou desinteresse (27% dos "outros").

Por que parou de estudar?



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 18

Dos jovens com menos de 18 anos que pararam de estudar, 1/4 precisou trabalhar. Em relação aos jovens acima de 21 anos que pararam de estudar, a razão principal é a necessidade de trabalhar (34,8%); em seguida o fato de terem concluído os estudos (29,7%) e "outros motivos"(27,5%). Já dentre os jovens com menos de 18 anos que precisaram parar de estudar, 38,5% alegam "outros motivos", 23% concluíram os estudos e 23% precisaram parar para trabalhar, porcentagem significativa, levando-se em conta que jovens abaixo de 18 ainda estão na chamada "idade escolar".

O recorte por classe social traz as seguintes correlações: enquanto na classe D, 34,4% dos jovens que não estão estudando precisaram parar para trabalhar, na classe A, nenhum jovem citou este motivo e na classe B, o número significativo de 27% dos jovens cita esta razão. Por outro lado, a razão para 75% dos jovens da classe A terem parado de estudar é terem concluído os estudos, enquanto que este motivo cai para 52,4% na classe B, 30,1% na classe C e apenas 10,9% na classe D.

Visões da Escola para quem já estudou ou continua estudando

Aos jovens que estão estudando ou que já estudaram foi indagado qual é ou foi o maior problema da sua escola ou universidade. Entre eles, 31,2% afirmam que os problemas da escola são devidos à indisciplina e ao desinteresse dos alunos. Esta percepção é partilhada por todas as classes sociais. Uma porcentagem significativa dos jovens afirma que não há problemas na sua escola ou universidade, 29,6% do total. Afirmam que sua escola não tem problemas:

35,3% dos jovens da classe A;
32,5% dos jovens da classe B;
28,4% dos jovens da classe C;
27,1% dos jovens da classe D.

Os jovens entrevistados da classe A são os que mais reclamam da falta de recursos ou infra-estrutura da escola.

Do total, 17% dos jovens citam a falta de recursos e infra-estrutura como o problema principal da sua escola. A classe A é a que mais destaca o problema da falta de recursos, 23,5% dos jovens desta classe, em relação a 16,5% da classe B e 16,6% da classe C e 18,6% da classe D. Por fim, 11% dos jovens destacam o problema dos professores que faltam ou não respeitam o aluno e 11% citam a violência dentro ou fora da escola. É relevante que o problema da violência não é citado pela classe A, enquanto que é lembrado por 6,9% dos jovens da classe B, 12,3% dos jovens da classe C e 16% dos jovens da classe D.

O trabalho

Do total dos entrevistados, 57% não trabalham, 13,3% estão empregados com carteira assinada, 10,4% empregados sem carteira, 9,1% trabalham por conta própria, 4,1% são donas de casa e 2,9% fazem estágio com remuneração (gráfico 19).

Do total de entrevistados que trabalham, 32,2% começaram a trabalhar com menos de 14 anos, 57,3% entre 15 e 18 anos e 10,6% com mais de 18 anos. A média de idade em que os jovens começaram a trabalhar é 15,5 anos.

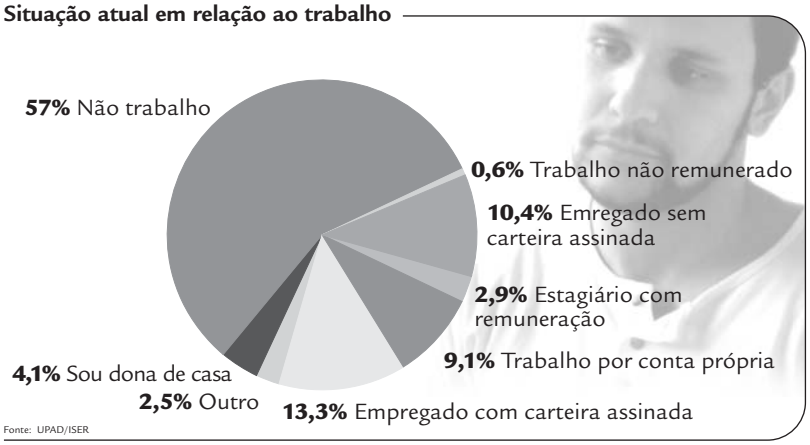
A resposta "não trabalho" pode significar tanto que o jovem estuda ou que está desempregado. Esta resposta foi um pouco mais freqüente entre as mulheres (54,2% do total) do que entre os homens (50,7%) do total. Dentre os homens jovens, 17% têm empregos com carteira assinada, um número maior que o de mulheres na mesma situação, 10,3%. Já nos empregos sem carteira assinada e por conta própria, a proporção entre homens e mulheres é mais parecida. Do total das mulheres, 9,9% estão empregadas sem carteira e 8,8% trabalham por conta própria, enquanto, 11% dos homens trabalham sem carteira e 9,6% trabalham por conta própria. Do total, 7,2% das mulheres são donas de casa.

Em relação à classe social, observamos que na classe A, a maior parte dos entrevistados (88,9%) não trabalha, 5,6% estão empregados com carteira assinada e 5,6% são estagiários com remuneração (gráfico 20).

Na classe B, 63,2% não trabalham, 13,8% estão empregados com carteira assinada, 6,7% estão empregados sem carteira assinada e 5,9% trabalham por conta própria (gráfico 21).

Já na classe C, é menor a proporção dos que não trabalham (54,4%) e maior a proporção dos que estão trabalhando com carteira (15,1%), sem carteira assinada (11,1%) ou por conta própria (8,7%) (gráfico 22).

Situação atual em relação ao trabalho

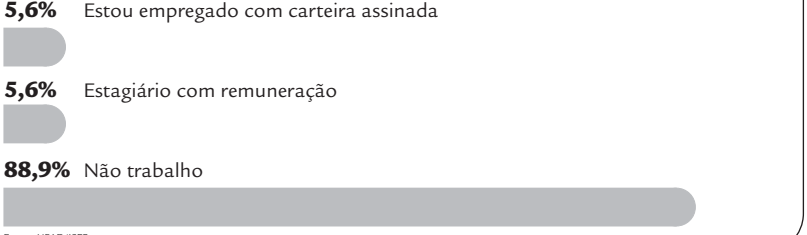


Fonte: UPAD/ISER

gráfico 19

Enfim, na classe D, é menor a proporção dos que não trabalham (45,8%) e bem maior o peso daqueles jovens que trabalham no setor informal da economia, 16,9% são empregados sem carteira assinada e 18,6% trabalham por conta própria. Apenas 6,8% estão empregados com carteira.

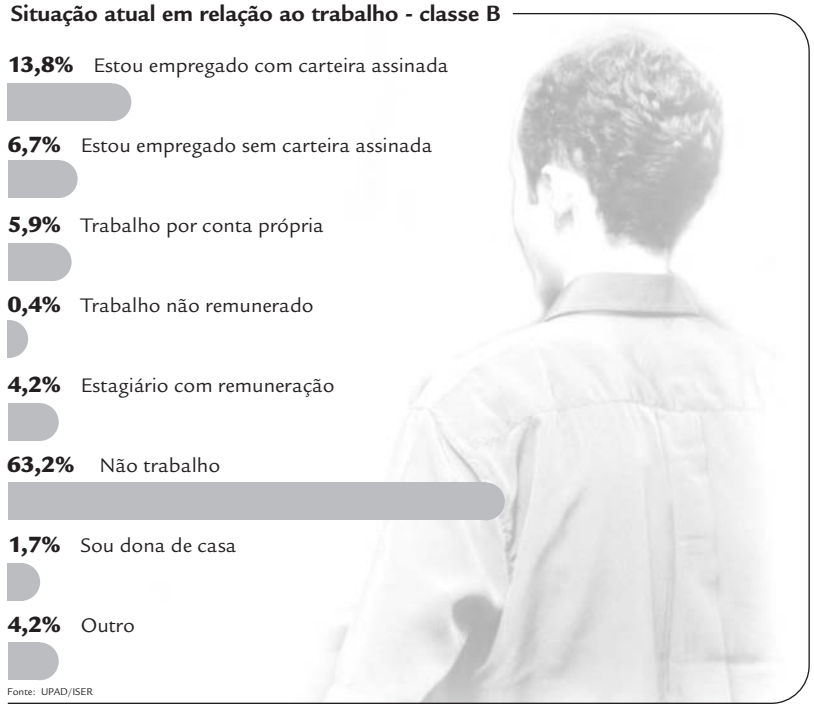
Situação atual em relação ao trabalho - classe A



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 20

Situação atual em relação ao trabalho - classe B



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 21

Situação atual em relação ao trabalho - classe C

15,1% Estou empregado com carteira assinada

11,1% Estou empregado sem carteira assinada

8,7% Trabalho por conta própria

0,7% Trabalho não remunerado

2,8% Estagiário remunerado

54,4% Não trabalho

5,0% Sou dona de casa

2,1% Outro

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 22

Situação atual em relação ao trabalho - classe D

6,8% Estou empregado com carteira assinada

16,9% Estou empregado sem carteira assinada

18,6% Trabalho por conta própria

0,8% Trabalho não remunerado

49,2% Não trabalho

6,8% Sou dona de casa

0,8% Outro

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 23

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD-IBGE), o volume de desempregados jovens, entre 15 e 24 anos, mais que triplicou, passando de 1 milhão em 1989 para 3,3 milhões em 1998.

A taxa de desemprego juvenil aumentou de 5,8% para 17,1%, ou seja cresceu 194,8%.

Em dezembro de 1991, 14,7% das pessoas entre 18 e 24 anos estavam desempregadas na região metropolitana de São Paulo. Em dezembro de 2001 esse número saltou para 24,9%. Tomada como um todo, a média de desemprego jovem das regiões metropolitanas brasileiras é superior a 30%.

Fonte: Pochmann, Márcio. 2000. A Batalha pelo Primeiro Emprego. São Paulo, Publisher.
Isto é Dinheiro, 27 de março de 2002.

O peso relativo das jovens que se declaram "dona de casa" também aumenta na classe B apenas 1,7% são donas de casa, na C, esse número sobe para 5,0% e, na classe D, para 6,8%.

E o desemprego jovem?

Para termos a dimensão do desemprego jovem, é preciso verificarmos dentre os que não trabalham aqueles que estão procurando emprego. Do total de jovens entrevistados, **18,4% não trabalham e estão procurando emprego. Este é o contingente de jovens desempregados encontrado nesta pesquisa.** Como mostra o box abaixo, este número, embora elevado, está próximo daquele apontado pela PNAD em 1998 e abaixo daquele apontado pelo Dieese em 2001.

Analisando a situação do emprego dos jovens entrevistados em relação ao seu grau de escolaridade, temos o seguinte quadro:

Dentre os jovens entrevistados que estão empregados com carteira assinada, a maior parte tem segundo grau incompleto (26,4%) ou segundo grau completo (36,8%). Dentre os jovens que estão empregados sem carteira assinada, a maior parte está distribuída entre os que têm segundo grau incompleto (30,1%), segundo grau completo (22,9%) e primeiro grau incompleto (19,3%) (gráficos 24 e 25).

Dentre os jovens que trabalham por conta própria (gráfico 26), o nível de escolaridade é bem diferenciado: são 23,3% os que têm primeiro grau incompleto, 17,8% os que têm primeiro grau completo, também 17,8% os que têm segundo grau incompleto e 20,5% os que têm segundo grau completo. Os jovens que fazem algum tipo de trabalho não remunerado (gráfico 27) têm, em sua maior parte, primeiro grau completo (40%). Os jovens que fazem estágio e recebem remuneração (gráfico 28) por isso se concentram mais entre os que estão fazendo curso su-

perior (34,8%) e segundo grau incompleto (26,1%). Das jovens que se declaram donas de casa, 39,4% têm primeiro grau incompleto.

Os dados acima revelam que para se ter uma inserção menos precária no mercado de trabalho é imprescindível um grau elevado de escolaridade. No entanto, ao verificarmos que nas inserções mais precárias há uma diversidade de níveis de escolaridade, pode-se concluir que a elevação dos anos de estudo da população não é fator suficiente para garantir o acesso dos jovens ao mercado de trabalho.

E o que é importante para melhorar de vida?

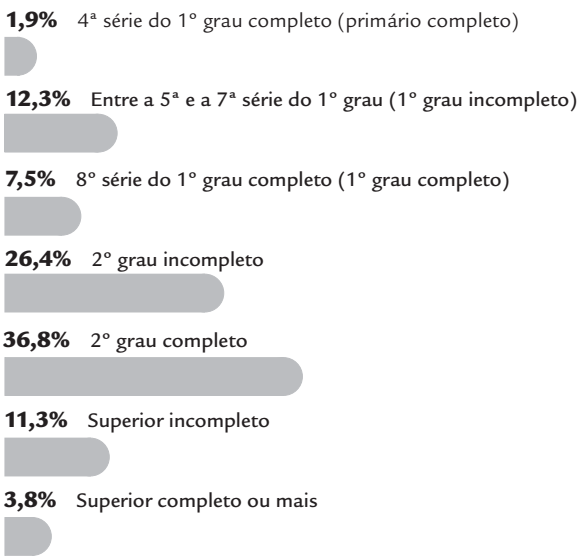
Para entender os valores e estratégias associadas à busca de uma melhoria de vida, havia uma questão em que os jovens atribuíram notas de 0 a 10 definindo o grau de importância de determinados aspectos para se "melhorar de vida". As médias seguem a seguinte ordem.

Mesmo se tratando de pequenas variações, vale a pena chamar a atenção para certos recortes.

Diferenças entre gêneros. Dos que deram nota 10 para a importância de se "falar bem", 82,7% são mulheres e 75,1% são homens; os que deram nota máxima para ter boa aparência, 48,9% são mulheres e 41,8%, homens e dos que deram nota máxima para ser inteligente ou talentoso, 74% são mulheres e 70,3% são homens.

Diferenças entre classes. A opção "falar bem" é mais valorizada por jovens da classe D (85,6%) do que por aqueles da classe C (79,1%) e da classe B (78,2%) ou da classe A (61,1%). "Ter uma boa aparência" também é um atributo considerado importante para se melhorar de vida mais ressaltado pelos jovens da classe D (56,8%) e C (48,5%) do que pelos jovens das classes A (27,8%) e B

Empregado com carteira assinada por escolaridade do entrevistado



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 24

Empregado sem carteira assinada por escolaridade do entrevistado

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 25

(36,8%). "Ter parentes e amigos influentes" é visto como muito importante para 51,7% dos jovens da classe D, 44,2% dos jovens da classe C, 34,5% da classe B e 27,8% da classe A. "Ter sorte" também é mais citado como tendo máxima importância por 69,8% dos jovens da classe D, 57,4% dos jovens da classe C, 46% dos jovens da classe B e 11,8% dos jovens da classe A. "Ter experiência" recebe grau de importância máximo entre 69,5% dos jovens da classe D, 62,7% dos jovens da classe C, 55,6% dos jovens da classe B e apenas 38,9% dos jovens da classe A. Finalmente, "ser inteligente ou talentoso" é consi-

Trabalho por conta própria por escolaridade do entrevistado

5,5% Até a 3° série do 1° grau (primário incompleto)

8,2% 4ª série do 1° grau completo (primário completo)

23,3% Entre a 5ª e a 7ª série do 1° grau (1° grau incompleto)

17,8% 8° série do 1° grau completo (1° grau completo)

17,8% 2° grau incompleto

20,5% 2° grau completo

5,5% Superior incompleto

1,4% Superior completo ou mais

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 26

Trabalho não remunerado por escolaridade do entrevistado

20% Até a 3° série do 1° grau (primário incompleto)

20% Entre a 5ª e a 7ª série do 1° grau (1° grau incompleto)

40% 8° série do 1° grau completo (1° grau completo)

20% 2° grau incompleto

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 27

Estagiário com remuneração por escolaridade do entrevistado

13,0% Entre a 5ª e a 7ª série do 1° grau (1° grau incompleto)

21,7% 8ª série do 1° grau completo (1° grau incompleto)

26,1% 2° grau incompleto

4,3% 2° grau completo

34,8% Superior incompleto

Fonte: UPAD/ISER

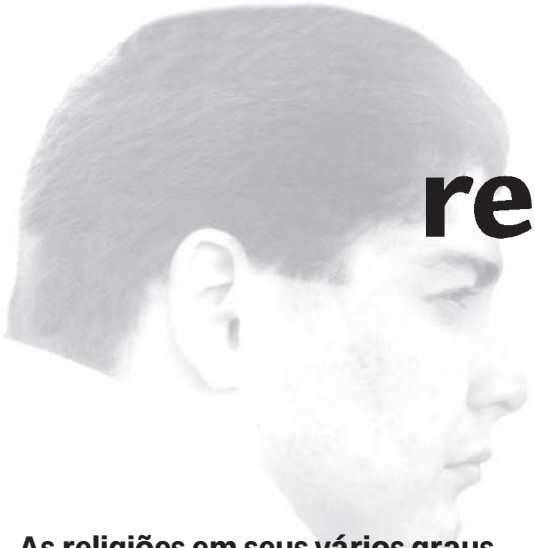
gráfico 28

derado muito importante por 80,5% dos jovens da classe D, 74,4% dos jovens da classe C, 67,8% dos jovens da classe B e 33,3% dos jovens da classe A.

Deste conjunto podemos destacar dois pontos:

"trabalhar duro e ser dedicado" é o único item que não teve variações significativas.

Os jovens da classe D são os que reconhecem a importância em **todos os itens**. Estes jovens se vêem com menos acesso tanto a um capital de relações familiares, quanto à escolaridade e acesso a postos de trabalho. Assim, valorizam igualmente esforços e atributos pessoais, redes de relações e, ainda, reconhecem o lugar do imponderável: "ter sorte".



religião e crenças

As religiões em seus vários graus de pertencimento

Em nossa pesquisa foram 51,9% dos jovens entrevistados os que se declaram católicos, sendo 30,8% não-praticantes e 21,1% praticantes.

Os que se declaram evangélicos são 18,6% (14,2% pentecostais e 4,4% não pentecostais). Declaram-se espíritas kardecistas 6,3% do total; 1,8% se declaram pertencentes às religiões afro-brasileiras e 1,4% são de religiões orientais. Há ainda jovens que afirmam não ter religião (21,2%). Do total, 1,3% dos jovens dizem pertencer a "outras religiões".

No conjunto, quando indagados acerca da freqüência com que participam de encontros ou atividades da sua religião, 15,3% dos jovens responderam de duas a três vezes por semana; 26,6% dos jovens responderam "uma vez por semana",19,3% dos entrevistados afirmaram que participam mensalmente, 15,8% anualmente. O índice de jovens que não comparece nunca a atividades de sua religião é de 12,4%.

Os jovens evangélicos são o grupo mais assíduo às atividades de sua religião, 38,3% dos protestantes históricos e 52,6% dos pentecostais disseram ir duas vezes ou mais por semana a esse tipo de atividade[1]. A porcentagem de jovens que comparecem somente uma vez por semana também é alta: 26,5% nos protestantes e 29,5% nos pentecostais. Dentre os católicos, 52,1% responderam freqüentar os encontros religiosos uma vez por semana. Ainda neste grupo, 14,4% dos jovens disseram ir às atividades duas ou mais vezes por semana. Essa presença circunscrita a encontros semanais também ocorre entre os jovens que se declaram espíritas (30,6%). Observe-se que entre os católicos não praticantes, 33,2% vão à Igreja anualmente. Entre os jovens pertencentes à religiões afro-brasileiras, 28,6% responderam freqüentar às atividades uma vez por semana, 21,4% afirmam ir quinzenalmente e 28,6% mensalmente.

CENSO 2000 IBGE Religião

	Brasil		Rio de Janeiro	
Católicos	1991	83,76%	1991	67,65%
	2000	73,77%	2000	57,16%
Evangélicos	1991	9,05%	1991	12,86
	2000	15,45%	2000	21,13
"sem religião"	1991	4,78%	1991	13,94%
	2000	7,28%	2000	15,53%

Segundo o CENSO 2000, **1,4%** de brasileiros declaram-se **espíritas**; **0,3%** declararam-se adeptos da **umbanda e candomblé**: **0,3%** declararam-se seguidores de **religiões orientais**; **1,3%** citaram **outras religiosidades**

E quem são os "sem religião"?

Enquanto nas outras alternativas religiosas os homens estão quase equiparados às mulheres, entre os que declaram "não ter religião", há mais homens (25,5%) do que mulheres (17,8%).

Fizemos uma pergunta aos jovens que declaram não ter religião. Entre os 21,2 % dos que não têm religião, uma parcela afirmou "não ter religião, mas ter crenças" (15,9% do

1 Para efeito de facilitar a visualização dos grupos de freqüência em cada religião, somamos os jovens que responderam "todos os dias" e "duas a três vezes por semana".

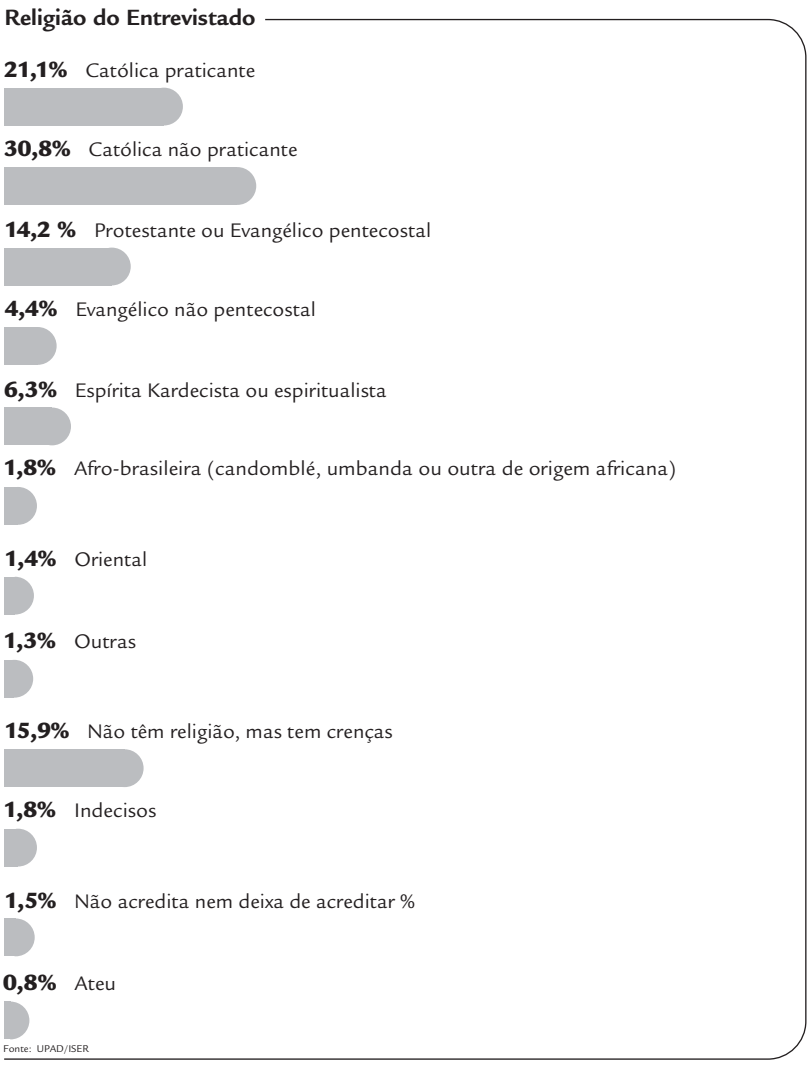


gráfico 29

total). Um número bem menor de jovens (1,8%) declara que estão "indecisos" e 1,5% que "não acreditam nem deixam de acreditar em Deus". Do total, há ainda 0,8% que se definiram como "ateus".

Religião: variações por classe e local de moradia

Vejamos agora as religiões dos jovens entrevistados quando consideramos desigualdades e diferenças sociais.

Desigualdades econômicas[2]

Como era de se esperar, os católicos praticantes estão distribuídos por todas as classes. Entre os católicos praticantes, 19,8% dos jovens são das classes A/B, 23,9% da classe C e 13,7% da classe D. Já os jovens que se declaram católicos não praticantes concentram-se mais nas classes A/B (40,8%) e somam 26,1% na classe C e 25,6% na classe D. Nas classes A/B, 2,7% dos jovens declaram-se pertencentes às religiões afro-brasileiras. Na classe C, 1,2% dos jovens e na classe D 1,7% dos jovens seguem essa religião.

O chamado protestantismo histórico, também está presente nas diversas classes sociais, 5,4% nas classes A/B, 3,3% na classe C e 6% na classe D. Os jovens evangélicos pentecostais estão presentes nas classes A/B (8,1%) mas se concentram na classe C (16,4%) e na classe D (16,4%).

O inverso ocorre com o grupo de jovens espíritas kardecistas. Esta opção religiosa se faz mais presente nas classes mais altas, sendo 9,3% nas classes A/B, 5,5% na classe C e 2,6% na classe D.

Os "sem religião" estão nas classes A/B (14,3%), são 23% classe C e 29,9% classe D.

Entre os jovens que se declaram pertencentes a religiões orientais, 1,5% nas classes A/B, 1,7% na classe C e nenhum na, classe D.

As surpresas maiores deste item vêm da classe D. Nesta classe aparecem mais jovens evangélicos pentecostais do que católicos praticantes e, ao mesmo tempo, é também entre os mais pobres dos 1/3 que se declaram "sem religião". Estas duas informações nos permitem vislumbrar um configuração histórica que não só faculta a concorrência pentecostal, mas também introduz o questionamento sobre a necessidade de vínculos com as instituições religiosas .

2 Dado o número pouco representativo de jovens da classe A entrevistados, em alguns cruzamentos optamos por juntar as classes A e B.

Geografia do pertencimento religioso

A distribuição dos jovens entrevistados entre as diferentes religiões também varia segundo a região onde vivem.

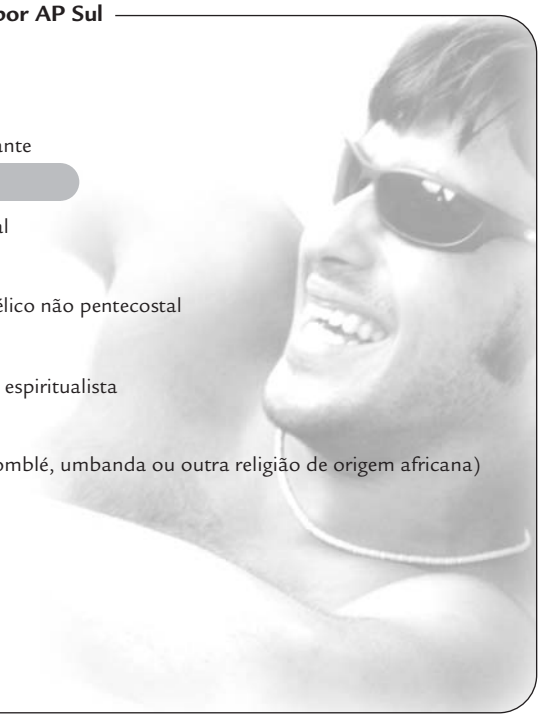
Na AP Sul, 43% dos jovens entrevistados se declaram católicos não-praticantes, seguidos dos grupos de católicos praticantes e jovens "sem religião" (ambos com a mesma porcentagem de 21,1%). Os espíritas kardecistas são o terceiro maior grupo (7%), seguidos dos evangélicos pentecostais (4,7%) (gráfico 30).

Na AP Norte os católicos, não-praticantes somam 32%, seguidos dos católicos praticantes (23,1%). O grupo de jovens "sem religião" é o terceiro e soma 15,4%. Os jovens evangélicos pentecostais totalizam um número bem maior que o da AP Sul, 13,8%. Os espíritas são 8,6% (gráfico 31).

Na AP Baixada Litorânea, 30,5% dos jovens são católicos não praticantes. O grupo de jovens "sem religião" alcança seu maior índice nesta área (29,7%), sendo o segundo maior. Os católicos praticantes são o terceiro maior grupo (17,8%), seguidos dos jovens evangélicos pentecostais (12,7%). Apenas 5,9% dos entrevistados desta área são espíritas (gráfico 32).

Na AP Oeste, são 25,8% dos jovens que se declaram "sem religião". O índice de católicos não praticantes é de 21,7%. Os jovens evangélicos pentecostais alcançam seu maior percentual nessa área (21,2%), mais do que o número de católicos praticantes (19,8%). O número de protestantes (7,4%) também é mais expressivo de que em outras áreas da cidade. O índice de espíritas na AP Oeste é de 2,8% (gráfico 33).

Religião do Entrevistado por AP Sul



21,1% Católica praticante

43,0% Católico não praticante

4,7% Evangélico pentecostal

0,8% Protestante ou evangélico não pentecostal

7,0% Espírita Kardecista ou espiritualista

2,3% Afro-brasileira (candomblé, umbanda ou outra religião de origem africana)

2,3% Oriental

21,1% Não tem Religião

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 30

Religião do Entrevistado por AP Norte

23,1% Católica praticante

32,0% Católico não praticante

13,8% Evangélico pentecostal

4,9% Protestante ou evangélico não pentecostal

8,6% Espírita Kardecista ou espiritualista

2,2% Afro-brasileira (candomblé, umbanda ou outra religião de origem africana)

1,5% Oriental

15,4% Não tem Religião

0,6% NS/NR

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 31

Religião do Entrevistado por AP Baixada Litorânea

17,8% Católica praticante

30,5% Católico não praticante

12,7% Evangélico pentecostal

1,7% Protestante ou evangélico não pentecostal

5,9% Espírita Kardecista ou espiritualista

0,8% Afro-brasileira (candomblé, umbanda ou outra religião de origem africana)

1,7% Oriental

29,7% Não tem Religião

0,8% NS/NR

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 32

Religião do Entrevistado por AP Oeste

19,8% Católica praticante

21,7% Católico não praticante

21,2 Evangélico pentecostal

7,4% Protestante ou evangélico não pentecostal

2,8% Espírita Kardecista ou espiritualista

1,4% Afro-brasileira (candomblé, umbanda ou outra religião de origem africana)

0,5% Oriental

25,8% Não tem Religião

1,4% Outra

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 33

Os quadros nos permitem constatar a presença de múltiplas alternativas religiosas espalhadas por diferentes espaços da cidade e, ao mesmo tempo, reafirmam a tendência do pentecostalismo se fazer mais presente nas áreas de menor valorização imobiliária da cidade, em algumas das quais o catolicismo perde espaço que teve na juventude de gerações anteriores.

Religião, permanências e mudanças: o peso (relativo) da família

Ao correlacionar as religiões dos jovens entrevistados com as diferentes faixas etárias que compõem nossa amostra, constamos que o número de católicos praticantes diminui com o aumento da idade: dentre os com menos de 18 anos, somam 25,2%, dentre os que têm entre 18 e 20 anos esse número cai para 20,2% e dentre os com mais de 21 anos, são 16,3%. Já os evangélicos pentecostais estão mais entre os jovens com mais de 21 anos (19,1%) do que entre os de 18 e 20 anos (10,5%) e são 14%, os abaixo de 18 anos.

Vejamos agora quais são as religiões dos pais dos entrevistados.

Religião da mãe

Segundo os jovens entrevistados, 34,7% das mães são católicas não-praticantes. As praticantes somam 21,9%. As mães evangélicas pentecostais são 17% do total e as espíritas kardecistas somam 9,8%. As mães protestantes são 4,4%, as mães que pertencem a religiões afro-brasileiras somam 4,2%, e 1,1% das mães pertencem a religiões orientais. Há ainda 7,1% de mães que não têm religião (gráfico 34).

Religião do pai

Os pais católicos não praticantes são 35,6% e 20,4% "sem religião". Há 12,2% de pais

católicos praticantes, 8,2% evangélicos pentecostais, 4,3% espíritas, 3,1% protestantes; 3% pertencentes a religiões afro-brasileiras; 1% pertencentes a religiões orientais, 0,4% a religião judaica e 0,1% outra (gráfico 35).

O cotejo da religião dos jovens entrevistados com a religião de suas mães e pais pode revelar o peso relativo da influência da família na escolha da religião.

São **28,1%** os filhos de mães pertencentes a religiões afro-brasileiras que partilham da mesma opção religiosa que suas mães. No grupo de pais pertencentes a religiões afro-brasileiras, **33,3%** dos filhos seguem sua crença.

Os evangélicos são o grupo de jovens que mais segue a crença da mãe: 71,4% no caso dos protestantes e 60,2% no caso dos pentecostais. No grupo de pais evangélicos 60% dos filhos seguem sua religiosidade (mesma porcentagem nos protestantes e nos pentecostais).

58,7% dos jovens católicos praticantes seguem a religião da mãe e 60,8% seguem a religião do pai. Entre os jovens não-praticantes, 58,2% coincidem com a religião da mãe e 49,5% com a religião do pai.

No grupo de mães espíritas, 44,2% dos filhos seguem sua religião. Metade dos filhos de espíritas, 50%, segue a religião do pai.

É interessante observar também que mais de 30% dos jovens cujas mães não têm religião declaram ter alguma religião. No grupo de pais "sem religião", 55,3% dos filhos têm religião. Dentre os jovens com religião cujos pais não têm religião, a religião mais representada é a evangélica pentecostal (9,1% dos filhos de mães "sem religião" e 16,4% dos filhos de pais "sem religião" seguem esta religião) (gráficos 36 e 37).

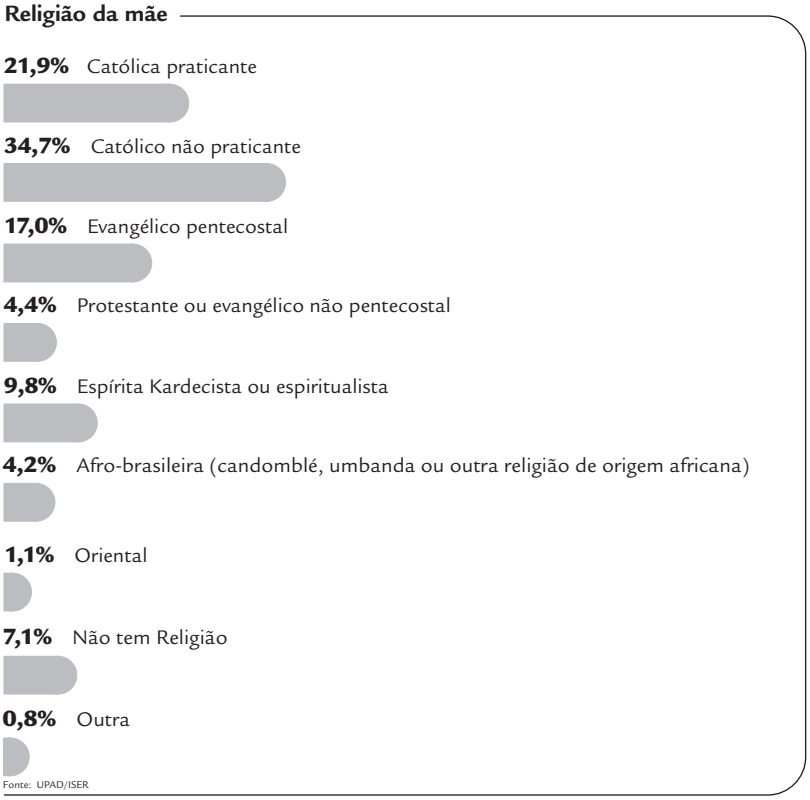


gráfico 34

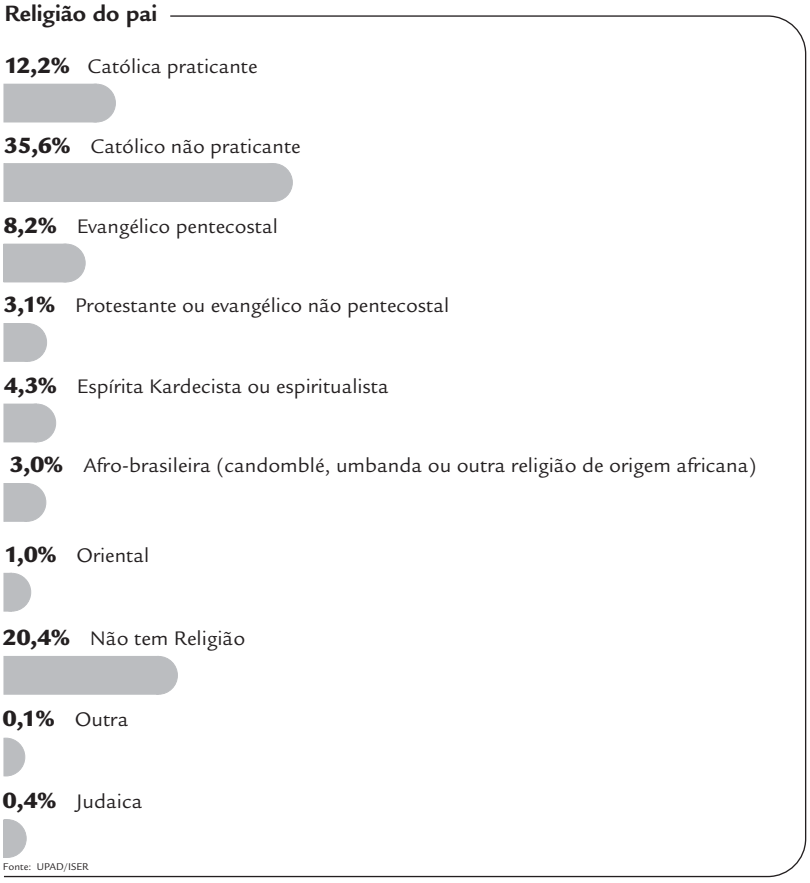
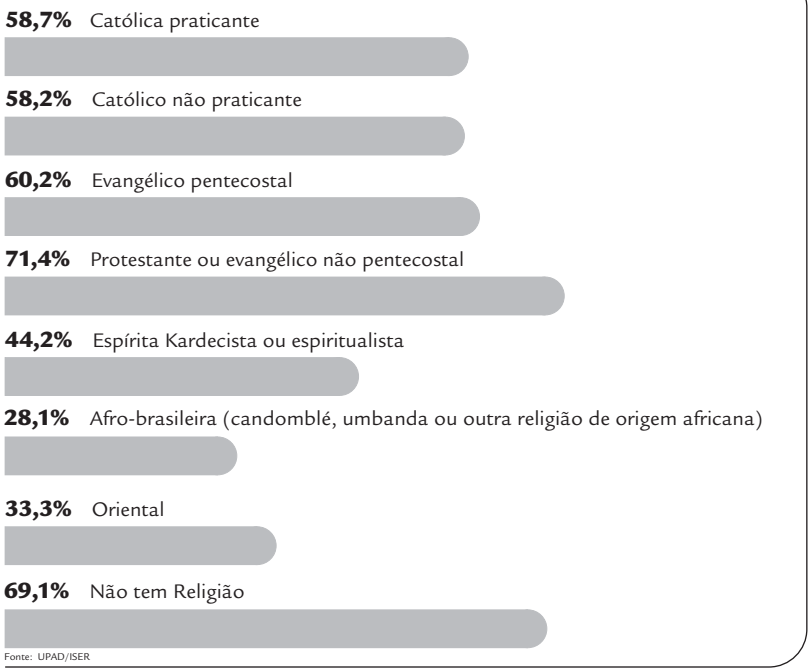


gráfico 35

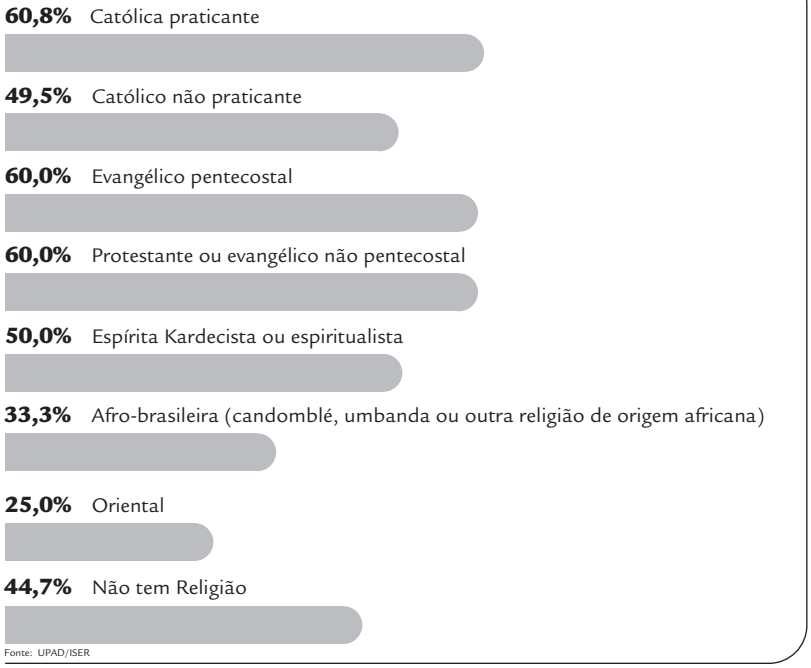
Percentual de filhos que seguem a filiação religiosa da mãe



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 36

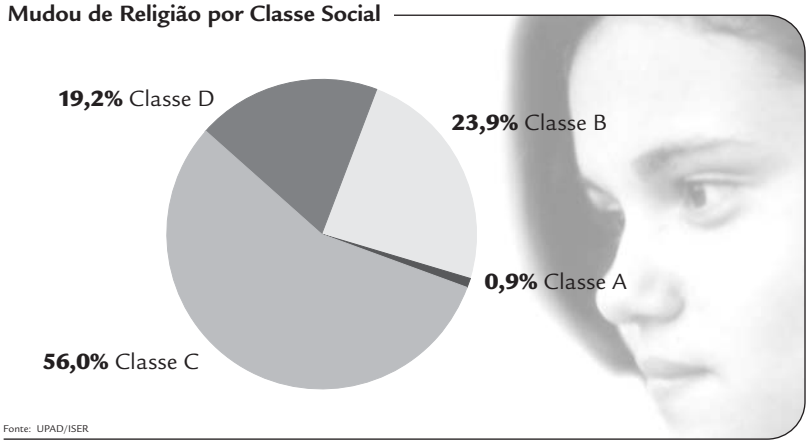
Percentual de filhos que seguem a filiação religiosa do pai



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 37

Mudou de Religião por Classe Social



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 38

Em uma outra pergunta, buscamos apreender a percepção dos jovens sobre as influências que determinaram a escolha de sua religião: a maior parte respondeu a família (58,1%). Porém, se a família ainda é considerada importante na transmissão religiosa intergeracional, é importante observar que mais de 40% dos jovens entrevistados apontaram outras "influências" como motivos pessoais (33,1%), seguir os amigos (6,6%) e agentes religiosos (1,6%).

Do total dos jovens entrevistados, o expressivo número de 17,3% já mudou de religião. Esse número não varia muito a partir de um recorte de gênero. Em relação à classe social, mais da metade dos jovens da classe C (56%) já mudou de religião pelo menos uma vez. Na classe B, são 23,9%. 19,3% dos jovens da classe D e apenas 0,9% dos jovens da classe A (gráficos 38).

Entre o grupo que já mudou de religião, 34,9% afirmam que o principal fator para essa mudança foi "porque não respondia mais suas necessidades espirituais e emocionais". Destes, 28,3% afirmam que isto se deu "por falta de coerência entre o que a religião pregava e as atitudes das pessoas. A "influência de familiares e amigos" soma 17% das respostas; "porque era muito rígida" foi a opção escolhida por 7,5% dos jovens que já mudaram de religião e 2,8% declaram ter havido "desentendimento com os líderes da sua religião".

Quando indagados se existe alguma alternativa religiosa que já foram ou gostariam de ir, 32% dos jovens disseram que existe. A religião que mais desperta a curiosidade dos jovens que responderam sim é a evangélica pentecostal (32%), seguida do espiritismo (23,3%). As religiões orientais também apresentaram um índice significativo: 18,2%. Neste caso, respostas obtidas não variam substancialmente a partir de um recorte de gênero, idade, classe social ou local de moradia.

Um cardápio de crenças

Apresentamos aos jovens entrevistados um "cardápio" de crenças pedindo que indicassem em quais delas acreditavam ou não. As respostas revelaram interessantes combinações entre crenças pertencentes a diferentes doutrinas religiosas. No quadro ao lado podemos ver o "ranking" obtido.

Vejamos agora as variações no interior de cada subconjunto religioso:

Entre os jovens pertencentes a religiões afro-brasileiras: 100% acreditam em "Deus" e "Jesus Cristo", 92,9% acreditam em "Orixás", no "Espírito Santo" e em "espíritos" e 85,7% acreditam em "Santos" e "nos ensinamentos da Bíblia". Muitos crêem em "anjos", na "Vigem Maria", na "imortalidade da alma" e em "reencarnação" (78,6%, respectivamente). Um total de 71,4% destes jovens crêem em "energia" e em "astrologia", 57,1% em "demônios" e 21,4% em "gnomos ou fadas". Esse grupo é o que "mais acredita" e tem altos percentuais em todas as crenças listadas.

Entre os jovens protestantes: 100% acreditam em "Deus", 94,3% acreditam em "Jesus Cristo" e "nos ensinamentos da bíblia", 88,6% acreditam no "Espírito Santo" e 71,4% acreditam em "anjos", 60% crêem em "demônios", 25,7% crêem em "espíritos". Na "Virgem Maria" 20% dizem acreditar e há ainda 14,3% de jovens evangélicos que afirmam sua crença em "santos", em "energias" e em "reencarnação" e 8,6% afirmam acreditar em "Orixás".

Entre os evangélicos pentecostais: 100% acreditam "nos ensinamentos da Bíblia", 99,1% acreditam em "Deus" e "Jesus Cristo", 95,6% acreditam no "Espírito Santo" e 82,3% acreditam em "anjos". Um número significativo deste grupo crê na "Virgem Maria" (24,8%) e 12,4% acredita em "santos". Além disso, juntamente com os adeptos de religiões afro-brasileiras, este grupo afirmou crer em "demônios" (66,7%). Ademais, 15% dos adeptos das religiões pentecostais acreditam em "Orixás" e 40,7% em "espíritos".

Entre os espíritas: 100% acreditam em "Espíritos", 98% acreditam em "Jesus Cristo", 96% acreditam em "Deus" e em "reencarnação" e 94% acreditam em "anjos". Eles também crêem em "Orixás" (68%), "santos" (62%) e "astrologia" (66%). Um significativo número de membros deste grupo acredita em "demônios" (32%). Os "gnomos e fadas", que no "ranking" geral ficaram em último lugar, entre os jovens espíritas tiveram significativos 38%.

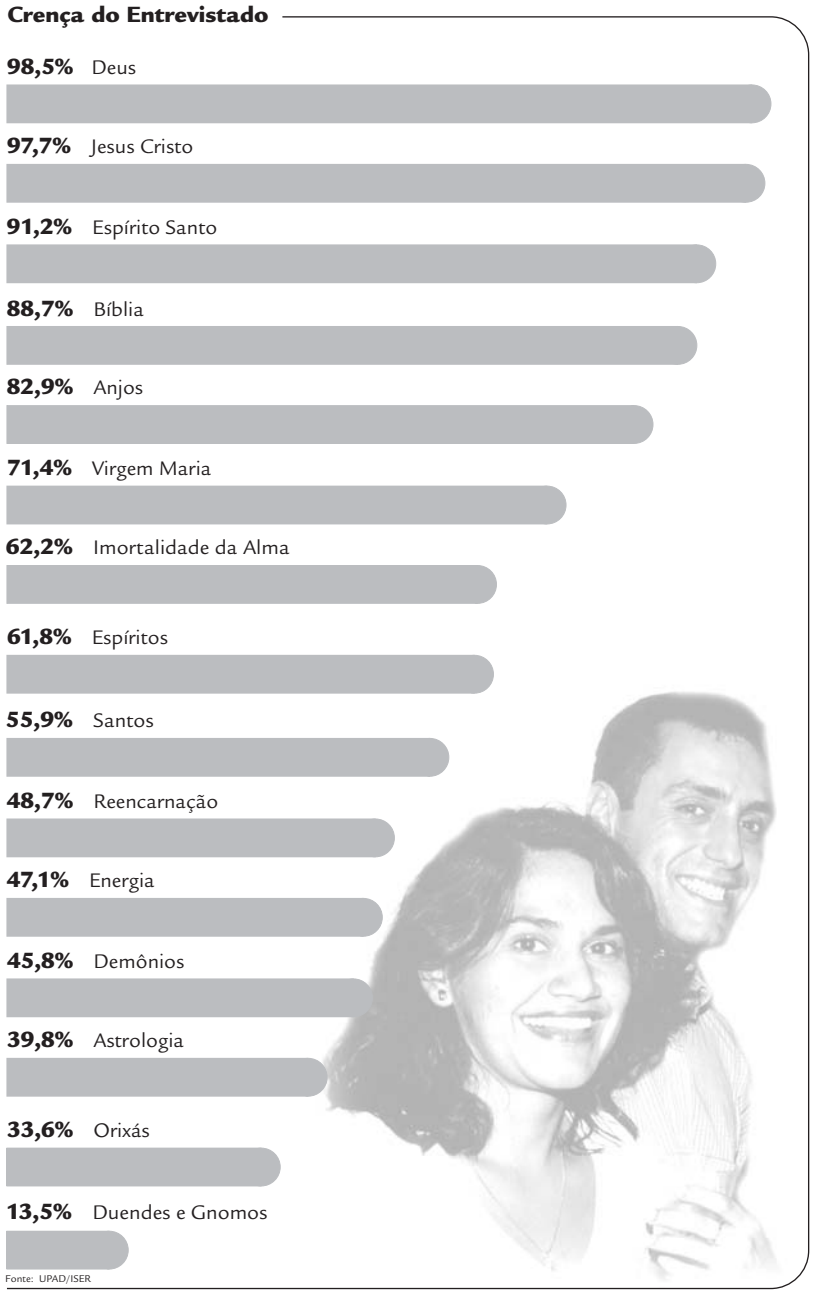


gráfico 39

Entre os católicos praticantes: 100% acreditam em "Deus", 98,8% acreditam em "Jesus Cristo", 95,8% acreditam em "Espírito Santo", 94,6% acreditam "nos ensinamentos da Bíblia" e 90,5% acreditam em "Virgem Maria". É interessante observar que há mais de 10% dos católicos praticantes que declararam não crer na "Virgem Maria". Neste caso, a "Virgem Maria" com seus 79% perdeu dos "anjos" que tiveram 87,5%. Um total de 59,5% acredita em "espíritos". Chama a atenção o fato da metade dos católicos praticantes entrevistados crer em "energias" e, sobretudo, em "reencarnação". Um número significativo crê em "astrologia" (45,8%) e 38,7% dizem acreditar em "demônios". Mais de um quarto dos jovens que se dizem católicos praticantes acredita em "Orixás" (25,6%).

Entre os católicos não praticantes: 98,4% acreditam em "Deus", 98% acreditam em "Jesus Cristo", 93,5% acreditam em "Virgem Maria" (percentual maior do que entre os praticantes) e 92,7% acreditam no "Espírito Santo". Muitos crêem nos "ensinamentos da Bíblia" (87,3%) e em "anjos" (85,7%), assim como em "santos" (74,7%) e em "espíritos" (70,6%). Metade acredita em "astrologia" (50,6%), 41,6% crêem em "Orixás" e 38,8% acreditam em "demônios".

Entre os que declaram não ter religião, há muitas crenças: 98,2% acreditam em "Deus", 96,9% acreditam em "Jesus Cristo", 88,3% acreditam no "Espírito Santo", 80,4% acreditam "nos ensinamentos das Bíblia", 76,1% acreditam em "Anjos" e 62,6% acreditam em "Espíritos". Um total de 60,7% crê na "Virgem Maria", 48,5% crêem em "demônios", 44,8% acreditam em energia e "reencarnação", 42,9% crêem em "santos", 35,6% acreditam em "Orixás" e 36,8% em "astrologia".

sexualidade, drogas e lazer

Sexo e amor

Pedimos aos jovens entrevistados que escolhessem entre três frases aquela que mais refletia sua opinião.

72,8% dos jovens afirmaram que "***só pode haver sexo se houver amor***",
24,1% disseram que "***pode haver sexo sem amor***"
3,1% acham que "***sexo sem amor é muito melhor***".

Interessante notar que o resultado não varia quase nada em termos de diferença de idade ou de local de moradia. No entanto, varia consideravelmente quando introduzimos recortes de gênero e classe social.

Mulheres buscam sexo com amor: Entre as mulheres, a grande maioria (86,8%) afirma que "só pode haver sexo com amor", em relação a 54,8% dos homens. Por outro lado, 40,2% dos homens afirmam que "pode haver sexo sem amor" e apenas 11,6% das mulheres compartilham dessa mesma opinião. A opção "sexo sem amor é muito melhor" foi muito baixa em ambos os sexos, porém os homens (5%) optaram por essa opinião mais do que as mulheres (1,6%) (gráfico 40).

Jovens mais pobres buscam mais aliar sexo e amor. Como vimos, a opção "sexo sem amor é muito melhor" foi baixa em todas as classes. Mas com relação à classe social, a opção "só pode haver sexo se houver amor" foi mais citada entre os jovens das classes sociais C e D: 55,6% dos jovens escolheram essa opção na classe A, 66,2% na classe B, 73,5% na classe C e 86,1% na classe D. O inverso ocorre com a opinião "pode haver sexo sem amor": 12,2% na classe D, 22,7% na classe C, 31,2% na classe B e 44,4% na classe A.

Do total dos jovens entrevistados, 68,3% declararam que já tiveram relações sexuais. Mais uma vez, o recorte de gênero traz mudanças significativas: 59,3% das mulheres afirmam já ter tido relações sexuais, em relação a 79,5% dos homens. Com relação a idade, o número de jovens que já transaram cresce de acordo com a idade. Os recortes de classe social e AP não mostram mudanças significativas (todos os grupos ficam perto dessa média de 68,3% que já tiveram relações sexuais) (gráficos 41 e 42).

Sobre a idade da primeira relação sexual, as experiências são bem diversificadas: a idade que concentra o maior número de resposta é 15 anos (24,9%), idade que também foi a média. Tiveram sua primeira relação sexual entre 9 e 12 anos, 5,8% dos jovens entrevistados. Entre 13 e 16 anos se

Opiniões sobre sexo e amor / Gênero

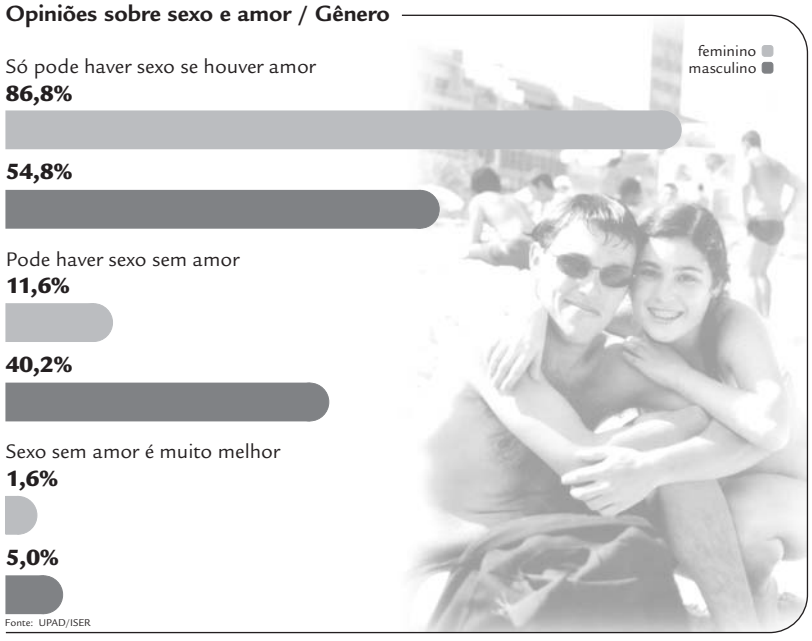


gráfico 40

concentra a maior parte das respostas, 66,6%, entre 17 e 20 anos temos 26,6% dos jovens e entre 21 e 24 anos 1,2%. A maior parte dos jovens declarou que nos últimos seis meses, teve relações sexuais com uma só pessoa. Esses dados parecem indicar que, se por um lado, a iniciação sexual dos jovens ocorre relativamente cedo, por outro, um número significativo mantém um(a) parceiro(a) fixo(a).

Será que ser adepto de alguma religião tem alguma relação com a sexualidade dos jovens? Embora não seja possível responder a essa pergunta apenas com os dados disponíveis, podemos dizer que, em todas as religiões, mais de 50% dos jovens já teve relações sexuais. Isso representa um contingente expressivo de jovens para os quais a vida privada e as escolhas sexuais não estão submetidas às regras e dogmas religiosos. Porém, essa espécie de "liberdade sexual" é mais presente entre os jovens "sem religião", os que seguem as religiões orientais, os católicos não praticantes e os espíritas (gráfico 43)

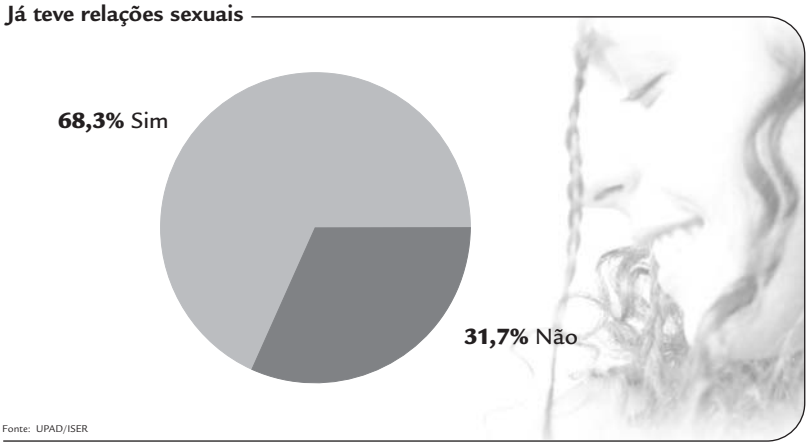


gráfico 41

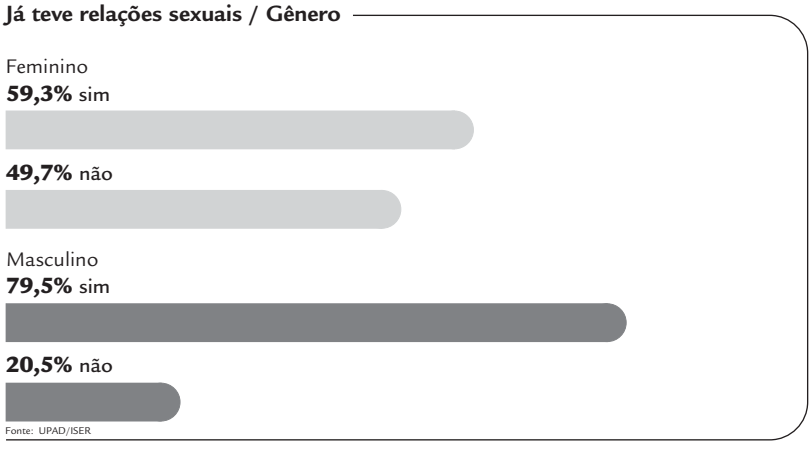


gráfico 42

Do uso de preservativos

Sobre o uso de preservativos, mais da metade (55,3%) dos jovens afirma usar camisinha em todas as relações sexuais. A outra metade assume que em muitos casos abre mão do uso do preservativo. Havia uma questão sobre as diferentes situações em que o jovem abre mão do uso da camisinha. Eis as respostas:

30,4% afirmam não usar quando têm relações sexuais com uma pessoa em quem confia;
9,3% dos jovens disseram não usar camisinha nunca;
8,2% responderam que não usam camisinha quando ele(a) ou o parceiro(a) não tem;
3% não usam quando o parceiro não quer e apenas;
1,5% não usam por motivos religiosos.

Cada jovem podia marcar mais de uma opção, por isso o total ultrapassa os 50% que assumem não usar camisinha sempre. Em cada recorte, assim como no resultado geral, as respostas ficaram polarizadas em torno de três práticas: "uso em todas as relações" (segurança total), "não uso quando tenho relações sexuais com uma pessoa em quem confio" (segurança parcial) e "nunca uso" (insegurança total). Porém estas três opções variam significativamente segundo os recortes de gênero, idade, classe social e AP.

Homens e mulheres: quem mais faz uso da camisinha? As mulheres jovens exigem bem menos camisinha que os homens. A maioria dos homens, 53,4% diz usar camisinha em todas as relações sexuais, número que cai para 24,2% entre as mulheres (gráfico 44). Por outro lado, 2,5% dos homens afirmam nunca usar camisinha, em relação a

16,7% das mulheres (quase sete vezes mais). A questão de não fazer uso da camisinha quando tem relações com uma pessoa em quem confia foi apontada por 34,1% das mulheres contra 26,9% dos homens.

Uma vez mais, os códigos sociais morais parecem intervir nas respostas e, ao que parece, na vida. O que leva um grupo tão grande de mulheres a não se prevenir? Esta falta de proteção estaria ligada com a persistente busca da dobradinha amor + sexo, como foi apontado acima? Ou seria o medo de parecer "promíscua" que se expressaria ao exigir o uso da camisinha e/ou ao responder uma pesquisa como a nossa? De uma maneira ou outra, as marcas das desigualdades de gênero também se expressam de forma significativa nesta geração.

Na pesquisa nacional intitulada "Dossiê MTV – Universo Jovem", publicada em agosto de 1999 pela MTV Brasil, também se evidencia a exposição maior das mulheres jovens às DST/AIDS: 51% dos homens jovens declaram que usam camisinha sempre, enquanto apenas 29% das mulheres jovens exigem o uso do preservativo em todas as relações sexuais.

Quanto aos grupos etários, são os mais jovens que se protegem mais.

Idade entre quem sempre usa camisinha
71,6% dos jovens menores de 18 anos;
58,8% entre 18 e 20 anos;
40,5% dos maiores de 21 anos.

Idade de quem nunca usa
6,4% dos menores de 18 anos;
8,2% entre 18 e 20 anos;
12% dos jovens maiores de 21.

Podemos relacionar estes resultados com a maior disseminação de informações nos meios de comunicação e nas escolas, o que atingiria mais diretamente os mais jovens. Quando se indaga sobre a necessidade de não usar camisinha quando tem relações sexuais com uma pessoa em quem confia, novamente os mais novos se previnem mais: 40% dos maiores de 21 não usam a camisinha quando confiam no(a) parceiro(a), 30,4% dos jovens entre 18 e 20 anos e 17% dos menores de 18 anos.

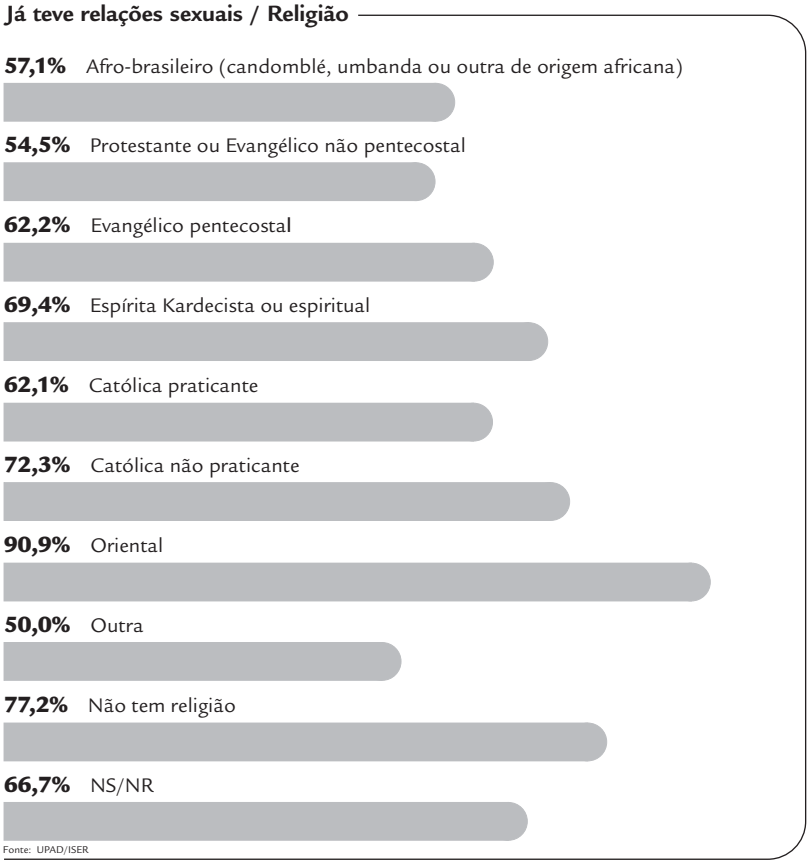


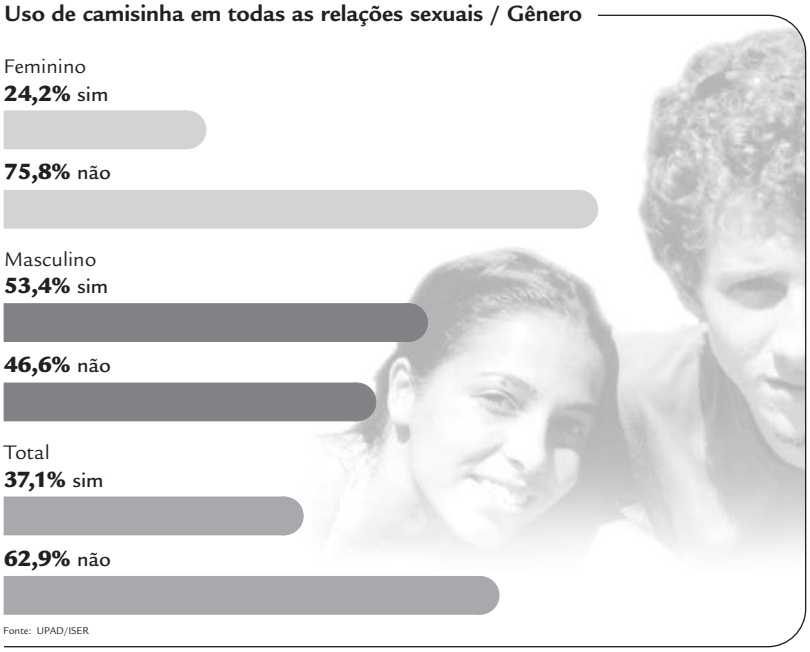
gráfico 43

Uso de camisinha, classe social, local de moradia. No que diz respeito aos que usam (sempre ou em determinadas situações), as fronteiras de classe não são tão expressivas:

Com relação ao uso de camisinha em todas as relações, as classes A e D são as que mais se assemelham: 46, 7% na A e 41,8% na D. Os grupos sociais B e C apresentaram respectivamente, 66,7% e 53,2%.

Na resposta "não uso quando tenho relações sexuais como uma pessoa em quem confio", as classes A e D novamente se aproximam: 40% do primeiro e 40,5% do segundo. Os resultados entre as classes B e C também são praticamente os mesmos: 28,3% naquela e 28,2% nesta. Porém, entre os jovens que nunca usam camisinha prevalecem os de classes mais baixas: 12,7% na classe D, 10,9% na C, 5% na classe B e 6,7% na A.

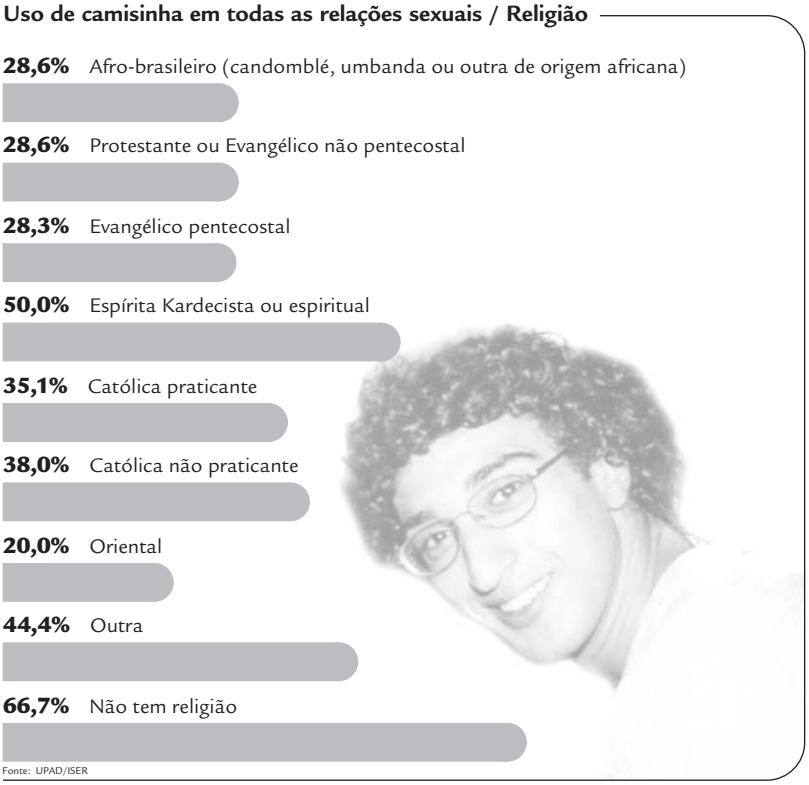
Uso de camisinha em todas as relações sexuais / Gênero



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 44

Uso de camisinha em todas as relações sexuais / Religião



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 45

As APs Norte, Baixada Litorânea e Oeste têm resultados próximos da média geral nessa questão do uso do preservativo (em torno de 53% dos jovens usa sempre e em torno de 12% não usa nunca). A única AP que apresenta resultados diferentes é a Sul. Um grupo maior de jovens dessa área usa camisinha sempre (64,4%) e um grupo bem menor (apenas 2,2%) não usa nunca.

A religião dos jovens entrevistados não parece ser uma variável determinante em relação ao uso do preservativo, como mostram os dados. De fato, foram apenas 1,5% dos jovens entrevistados que afirmaram não usar camisinha por motivos religiosos.

Os jovens que sempre usam camisinha são os que não têm religião (66,7%), os espíritas (50%), os católicos não-praticantes (38%) e os que se declaram adeptos de outra religião não definida no questionário (44,4%) (gráfico 45).

Do total de jovens, os que não usam camisinha quando transam com alguém em quem confiam, se concentram mais entre os adeptos das religiões afro-brasileiras (28,6%), "outra religião" (30%) e os católicos não praticantes (26,9%).

Embora seja menor o grupo de jovens que nunca usa camisinha, é significativa a presença dos jovens evangélicos: 15,8% dos pentecostais e 15,9% dos não pentecostais. Há também 10% de jovens "sem religião" que nunca usam preservativo.

E o que dizem os jovens sobre o aborto?

Que motivos justificariam se fazer um aborto? Oferecidas as alternativas, os jovens poderiam marcar mais de uma resposta:

43% dos jovens entrevistados justificariam um aborto quando a vida da mãe corre perigo;
41,8% dos jovens acham que nada justifica um aborto;
37,9% dos jovens acham essa uma atitude válida quando o bebê pode nascer com defeito ou doença;
11,7% dos jovens afirmaram que o aborto se justifica quando a mulher não quer ter o filho;
6,1% acham que o fato do pai não querer assumir o filho justifica um aborto.

Menos da metade dos jovens pensa que nada justifica o aborto. A outra parcela se divide entre as justificativas. Questões de saúde e de ordem biológica – a vida da mãe e o filho defeituoso – produzem mais consenso[1]. Fatores subjetivos – o desejo da mãe e do pai – justificam bem menos.

Embora não haja uma diferença muito significativa sobre a visão dos rapazes e das moças sobre esta questão, vale a pena chamar atenção para o fato de que os homens (13,6%), mais que as mulheres (10,1%) acham que o fato da mulher não querer ter um filho justifica o aborto.

Os jovens mais novos são os que mais acreditam que nada justifica o aborto. Com relação a fazer aborto quando a mãe corre perigo de vida, são a favor: 37,5% dos jovens menores de 18 anos, 44,2% dos jovens entre 18 e 20 anos e 50,2% dos maiores de 21 anos. Com relação ao aborto, quando o bebê pode nascer com doença, 30,9% dos menores de 18 são a favor, 37,7% dos jovens entre 18 e 20 anos e 47,9% dos jovens maiores de 21 anos. Inversamente, acham que nada justifica um aborto, 48,4% dos menores de 18 anos, 41,9% dos jovens entre 18 e 20 anos e 32,1% dos jovens maiores de 21 anos.

Os jovens da classe A são os que mais aceitam a possibilidade do aborto. 72,2% apóiam no caso da mãe correr perigo de vida, 50% apóiam quando o bebê pode nascer com defeito e 22,2% quando a mulher não quer ter o filho. Entre eles, 22,2% acham que nada justifica fazer um aborto.

Na classe B, 49% dos jovens entrevistados apóiam o aborto quando a mãe corre risco de vida e 44,4% quando o bebê pode nascer com alguma doença. Dentre eles, 10,9% apóiam o aborto quando a mãe não quer ter o filho e 37,2% não apóiam em nenhuma circunstância.

Na classe C, 45% dos jovens não apóiam o aborto sob nenhuma justificativa; 41,2% apóiam no caso de risco para a mãe e 34,1% no caso do bebê poder vir a nascer com alguma doença e 10,9% apóiam quando a mãe não quer o filho.

Na classe D, 42,4% dos jovens não apóiam o aborto sob nenhuma justificativa; 33,1% apóiam o aborto quando a mãe corre risco de vida e 36,4% quando o bebê pode nascer com algum defeito e 14,4% apóiam quando a mãe não quer ter o filho.

Na AP Sul há mais jovens que não se declaram contra o aborto. Com relação às áreas de planejamento, os jovens da AP Sul apresentaram um perfil diferente. Para 35,2% dos jovens desta AP nada justifica o aborto, em relação a 40,7% dos jovens da AP Norte, 42% da AP Baixada Litorânea e 48,2% da AP Oeste.

Aborto e religião. As repostas relativas a essa questão do aborto têm algumas variações nos diferentes grupos religiosos:

No grupo dos jovens pertencentes a **religiões afro-brasileiras**, a maior parte das respostas foi favorável ao aborto quando a mãe corre risco de vida (50%) e quando o bebê pode nascer com doença (57,1%). Dentre eles, 35,7% são contra o aborto sob qualquer circunstância.

No grupo de **protestantes históricos**, 57,1% dos jovens acham que nada justifica um aborto, 34,3% são favoráveis quando a mãe corre risco de vida e 28,6% são favoráveis quando o bebê pode nascer com alguma doença.

Entre **evangélicos pentecostais,** o resultado é parecido: 54,5% não justificam por razão alguma um aborto, 40,2% aceitam quando a mãe corre risco de vida e 31,3% aceitam quando o bebê pode nascer com doença.

Os **espíritas** são o grupo de jovens onde as respostas mais foram polarizadas. Ao mesmo tempo que um alto índice acha que

1 Entre o bebê nascer doente/mãe correr risco, alguns subgrupos acham o 1º mais "justificável que o segundo".

nada justifica um aborto (40%), uma grande parcela é a favor, quando a mãe corre risco de vida (46%) e quando o bebê pode nascer com alguma doença (38%).

Os **católicos praticantes** têm um resultado parecido com o dos evangélicos pentecostais: um grande número é contra o aborto em qualquer hipótese (49,7%); 38,3% justificam quando a mãe corre algum risco e 30,5% quando o bebê pode nascer com alguma doença.

O resultado dos **católicos não praticantes** é outro: a maioria apóia o aborto quando a mãe corre risco de vida (49,8%) ou quando o bebê pode nascer com doença (44,9%). Entre eles, 32,2% acham que nada justifica fazer um aborto.

Dentre os jovens que se declaram **"sem religião"**, 41,1% apóiam o aborto quando a mãe corre risco de vida e 42,9% quando o bebê pode nascer doente. Entre eles, 35,7% são totalmente contra o aborto.

Os jovens e a questão da união civil entre homossexuais:
23,8% são a favor;
50,3% são indiferentes;
25,9% são contra.

As **mulheres** jovens entrevistadas se mostraram bem mais tolerantes que os homens: 30,2% de apoio à causa da união civil contra 15,8% dos homens. Inversamente, o dobro de homens (36,4%) são contra em relação aos 17,5% das mulheres. São ainda os homens que se sentem mais constrangidos com a questão. Talvez porque entre rapazes há quem tema que uma declaração "a favor" possa identificá-los pessoalmente com a "causa homossexual".

Religião e opinião sobre união civil entre homossexuais.
Os jovens pertencentes às **religiões afro-brasileiras** foram os únicos onde a resposta "a favor" (57,1%) ultrapassou 35,7% de "indiferentes" e os 7,1% que se disseram contrários à união civil de homossexuais.

A maioria dos **jovens evangélicos históricos** (51,5%) disseram ser indiferentes em relação a essa questão, seguidos proximamente dos que se posicionaram contra (45,5%).O percentual de jovens a favor (3%), nesse grupo, foi o menor de todos (inclusive em relação aos pentecostais).

O grupo de jovens **evangélicos pentecostais** foi o que mais se declarou contrário à união civil entre homossexuais, com o índice de 60%. De qualquer forma é interessante notar que quase um quarto (24,1%) se declarou indiferente e 15,2% destes jovens disseram ser a favor.

Os **espíritas** foi o grupo de jovens que menos se declarou contra (6%). O número de jovens a favor também foi alto (38%), a maior parte se definiu como indiferente (56%).

Os **católicos praticantes** a maioria também se diz indiferente (54,5%). Mas nos restantes a questão ficou polarizada. Os percentuais contra e a favor são muito próximos: 23% se dizem contra e 22,4% se dizem a favor.

Os **católicos não praticantes** são o grupo com maior índice de indiferentes (56,7%). Contudo, há mais jovens a favor (26,7%) em relação aos contrários (16,7%).

O grupo de **jovens "sem religião"** tem um resultado parecido com o de católicos praticantes, um alto índice de indiferentes (52,4%) e uma polarização entre os contra (22,6%) e os a favor (25%)

Considerando o conjunto das respostas dos jovens sobre a união civil entre homossexuais é interessante notar que apenas 25% se declaram contra. Se é verdade que as decla-

rações “a favor“ podem estar mais ancoradas no estoque de argumentos “politicamente corretos”[2] do que em efetiva mudança de percepções, também o número de jovens que se declara “indiferentes” chama a atenção. Declaram-se “indiferentes”: 52,3% das mulheres e 47,9% dos homens. Ser “indiferente” não é a mesma coisa do que ser contra. Pode-se declarar “indiferente” para se livrar do constrangimento de ser visto como “politicamente incorreto”, mas também porque as diferenças de opções sexuais hoje já não ameacem tanto instituições e pessoas. Nesta hipótese, o número alto de “indiferentes” seria um termômetro apontando para a construção de padrão social mais tolerante na área da opção sexual

Perto de casa é difícil falar de drogas?

Uma vez que esta é uma pesquisa domiciliar, as respostas sobre sexualidade e, sobretudo, sobre o uso de drogas talvez tenham sido prejudicadas. Questionários auto-aplicados, sobretudo longe de casa, podem oferecer respostas mais confiáveis. Ainda assim, sabendo que estamos lidando com um universo sub-representado, vale a pena se deter por um momento nas respostas obtidas sobre o uso de drogas (gráfico 46):

Quanto ao consumo de bebida alcoólica, 74,6% dos jovens entrevistados afirmam que bebem ou que já experimentaram pelo menos uma vez, assim distribuídos: 1,1% bebe todos os dias ou quase todos os dias; 27,4% afirmam beber nos fins de semana e em festas; 18% bebem esporadicamente; 22,4% apenas experimentaram; 6,2% deixaram de beber.

Q**uanto ao consumo de maconha**, temos por volta de 10% dos jovens entrevistados que declaram já ter fumado pelo menos uma vez, assim distribuídos: 1,0 % fuma de forma contumaz (sempre ou nos finais de semana); 1,0% fuma esporadicamente; 5,7% afirmam ter apenas experimentado e 2,3% não fumam mais.

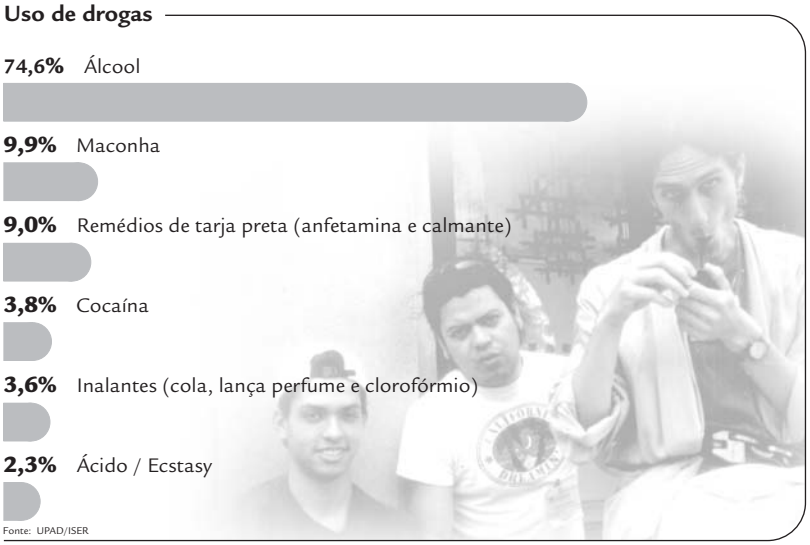


gráfico 46

Quanto ao consumo de remédios de tarja preta, como anfetaminas e calmantes, 9,0% dos jovens já fizeram uso deles, assim distribuídos: 0,4% usa de modo contumaz (0,1% sempre, 0,3% nos finais de semana) ; 2,4% usa esporadicamente; 2,8% apenas experimentaram e 3,5% não usam mais.

Quanto ao consumo de cocaína, 3,8% dos jovens afirmam já ter experimentado, assim distribuídos: 0,1% afirma usar de modo contumaz; 0,3% usa de forma esporádica; 2% só experimentaram e 1,4% não usam mais.

Quanto ao consumo de drogas inalantes, tais como cola, lança perfume e clorofórmio, 3,6% dos jovens usam ou já experimentaram. Do total, 0,6% declara usar de modo esporádico ou contumaz; 1,9% apenas experimentou e 1,1% não usa mais.

Quanto aos ácidos ou ecstasy são conhecidos por 2,3% dos jovens entrevistados: 0,2% usa de forma contumaz; 1,3% só experimentaram e 0,8% não usam mais.

Pode-se perceber nas respostas uma hierarquia que mistura drogas socialmente aceitas e legais com as mais proscritas. O uso de álcool é o mais socialmente aceito e isso se revela no número altamente significativo de jovens que diz já ter consumido ao menos uma vez bebida alcoólica. Bem abaixo, aparecem as drogas cujo uso é menos aceito socialmente, sejam elas ilegais (como a maconha, a cocaína e os ácidos ou ecstasy), sejam

2 Entre os jovens da AP Sul são 30,5% que se dizem a favor, número bem maior que a média. Nas outras áreas – e também através da variável “classe social” – não há diferenças que chamem a atenção.

elas legais, como os remédios de tarja preta e as drogas inalantes. Tais respostas podem ser lidas de duas maneiras. Por um lado, se os números indicados não podem ser lidos como um reflexo da "realidade", eles indicam uma gradação na proporção do uso. Por outro lado, as respostas revelam que, entre os jovens, há uma hierarquia da valoração do uso de determinadas drogas. Entender porque certas drogas são mais usadas do que outras requer um estudo que leve em conta, entre outras coisas, as possibilidades reais de acesso a certas drogas (viabilidade econômica, facilidade para comprar), as diferenças entre as preferências das diversas "sub-culturas" juvenis e, certamente, a dimensão da subjetividade dos agentes.

Lazeres possíveis: entre o real e o ideal

O lazer tem uma dimensão muito importante na vida dos jovens. Por isso, é uma boa porta de entrada para entendermos as possibilidades reais, desejos, identidades e diferenças entre os jovens entrevistados. Como os jovens usam seu tempo livre? Como gostariam de usá-lo? Para buscar estas respostas, indagamos o que eles fizeram no seu último final de semana e quais seriam as atividades de um final de semana "ideal". A seguir, apresentamos dois gráficos 47 e 48 para observamos de que forma o real e o ideal de fim de semana são imaginados pelos jovens.

Comparando o que os jovens fizeram realmente no seu último final de semana e o que eles gostariam de ter feito, podemos observar as atividades mais valorizadas pelos jovens entrevistados:

- ir à praia; praticar esportes (jogar futebol, caminhar);
- sair com amigos para festas e bares;
- namorar;
- ir à shows, bailes e danceterias;
- namorar, passear e viajar.

Mas, na prática,

- boa parte permaneceu em casa;
- praticou esportes;
- trabalhou;
- saiu com amigos para festas e bares;
- freqüentou shows, bailes e boates;
- fez programas em família e foi à praia.

Ou seja, os jovens gostariam de **ficar menos em casa** e **não desejam trabalhar nos finais de semana.**

Inversamente, os jovens gostariam de ir mais à praia, namorar mais, passear mais e poder viajar com mais freqüência.

Os programas em família e as atividades religiosas caem ligeiramente na preferência dos jovens quando comparam o fim de semana real com o fim de semana ideal. Estudar, fazer cursos e provas também não é o que os jovens mais sonham para o seu final de semana. Essas atividades só perdem para o trabalho em "índice de rejeição".

Podemos perceber que as atividades tanto desejadas quanto realizadas são aquelas que possuem variados estilos, localizações e custos. As atividades esportivas podem ser realizadas sem gastos, na rua, em grandes e pequenos clubes, na praia etc. O mesmo é válido para as atividades com o grupo de amigos (festas, bares, etc.). Freqüentar shows, bailes, boates etc. podem ser realizadas perto ou longe de casa, com custos diferenciados, com freqüências diversas.

Como a idade influi? A idade dos jovens não parece ter influência decisiva sobre o tipo de atividade de lazer que eles fizeram no final de semana. Apenas em relação às atividades esportivas, há uma tendência à diminuição da prática com o aumento da idade: 45,7% dos jovens com menos de 18 anos praticam esportes, em relação a 32,3% dos jovens entre 18 e 20 anos e 27,6% daqueles com mais de 21 anos. Os jovens até 20

anos (22% dos com menos de 18 e 25,4% dos entre 18 e 20) freqüentam mais shows, bailes e danceterias do que aqueles com mais de 21 anos (apenas 14%). Inversamente, a tendência é que os jovens mais velhos trabalhem mais do que mais novos (apenas 22% dos com menos de 18 anos declaram ter trabalhado, contra 39% dos jovens com mais de 21 anos).

O recorte etário nos revela que os jovens mais velhos dão mais preferência aos programas em família (21%, 21 anos ou mais) do que os mais jovens (apenas 8% dos menores de 18 anos). Os jovens com mais de 21 anos também preferem atividades culturais (ir ao teatro, ao cinema, ao museu), as viagens e ir à praia, relativamente mais do que os menores de 18 anos. É interessante notar que as citações de atividades religiosas aumentam significativamente com a idade: de 4,7 dos jovens com menos de 18 anos e 3,8% dos jovens entre 18 e 20 anos, há um salto para 12% dos jovens com mais de 21 anos, que fizeram atividades relativas a sua religião.

Jovem, lazer e classe social: idades semelhantes, possibilidades desiguais

Em alguns casos, as diferenças econômicas separam os jovens em seus momentos de lazer. Vejamos dois exemplos:

Os jovens das classes C (13,2%) e D (19,5%) fazem **passeios a lugares públicos** (como a Quinta da Boa Vista, praças em geral, cachoeiras etc.), o que é bem menos comum entre os jovens das classes A (5,6%) e B (10%). Tal diferença se reafirma no final de semana ideal: 41,5% dos jovens da classe D afirmam desejar passear nesses lugares, freqüência que cai pela metade, 22%, em relação aos jovens da classe A.

A prática de **atividades esportivas** é mais freqüente nas classes A, B e C (em torno de 39% cada uma) do que na classe D (19,5%). No final de semana ideal, a classe A continua a valorizar mais as atividades esportivas (44,4%) do que a classe D (27%).

O que fez no final de semana

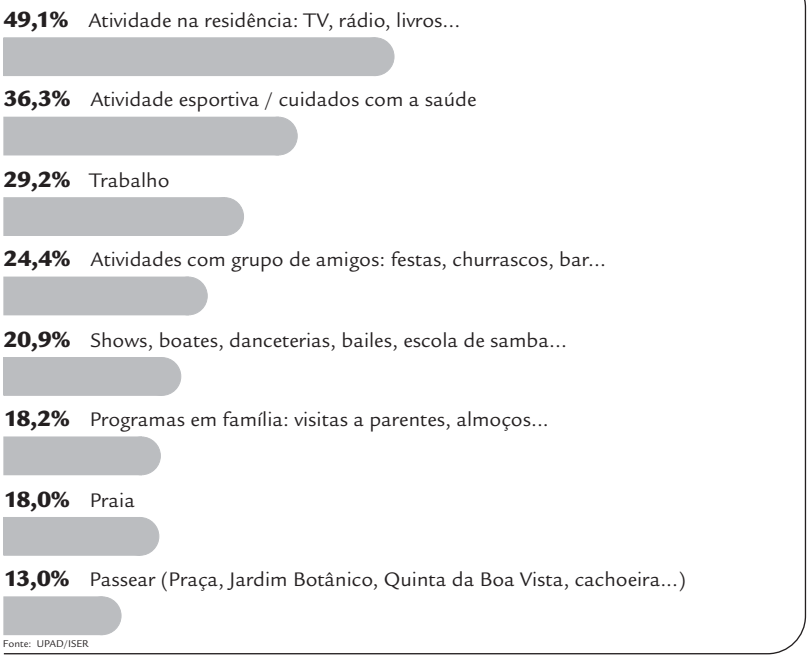


gráfico 47

Final de semana ideal

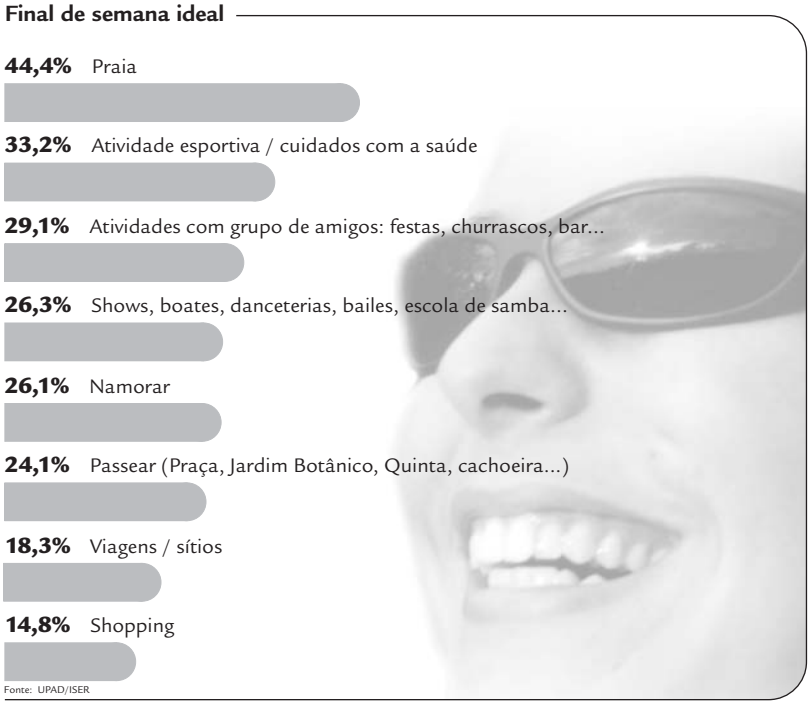


gráfico 48

Nestes dois casos, para além da questão das diferenças em termos de recursos, podemos falar também em diferenças de gostos e estilos entre os jovens do Rio de Janeiro. No entanto, na maioria das respostas, as diferenças de classe (A, B, C, D) nos levam a correlacionar "preferências de lazer" e "possibilidades financeiras" .

Os jovens das classes C (32%) e D (37%) **trabalham nos finais de semana** mais do que aqueles das classes A (28%) e B (20%). Inversamente, os jovens das classes A (16,7%) e B(18,5%) **estudaram ou fizeram mais cursos ou provas no final de semana** do que os jovens das classes C (10,6%) e D (5,9%).

Mas em termos de opção, "**ir à praia**" se apresenta como um denominador comum na preferência máxima de jovens moradores da cidade do Rio de Janeiro. Ainda assim, a praia é mais freqüentada pelos jovens das classes A e B (respectivamente 22,2% e 18,9%) do que pelos jovens das classes C e D (17,7% e 16,9%). Sem dúvida, mesmo que "ir à praia" seja uma atividade de "baixo custo" para a maioria dos jovens entrevistados, este programa requer, no mínimo, o dinheiro da passagem e enfrentar grandes deslocamentos e ônibus lotados.

Já em relação à freqüência às **atividades religiosas** no fim de semana, observamos que ela aumenta conforme se "desce" na pirâmide social. Deste modo, 11,8% dos jovens da classe C e 12,7% dos jovens da classe D freqüentaram atividades religiosas, em relação a apenas 8% dos jovens da classe B e nenhum jovem da classe A.

Atividades dentro de casa (ver TV, vídeo, ler livro, ficar no computador). 38,9% dos jovens da classe A declararam que as atividades dentro de casa fazem parte do que projetam para o seu final de semana ideal. Esta freqüência é bastante distinta daquela observada dentre os jovens das outras classes, apenas 10,5% dos jovens da classe B, 9,7% dos jovens da classe C e 13,6% dos jovens da classe D citam as atividades na residência em seu final de semana ideal. As atividades citadas pressupõem certos espaços apropriados. No classe A, significa ter um quarto individual ou compartilhado com um ou dois irmãos. O que não corresponde à realidade doméstica dos jovens das demais classes.

Já os **programas em família** são mais citados no "fim de semana real" pelos jovens das classes C e D (em torno de 25%) do que por aqueles das classes A e B (menos do que 12,6%). Inversamente, os jovens da classe A freqüentam quase duas vezes mais **bares, festas e churrascos com os amigos** (38,9%) do que os jovens da classe D (23,7%).

Os números relativos a **bares, festas e programas com amigos** (diferentemente dos programas a lugares públicos, como já foi assinalado anteriormente) parecem seguir a mesma lógica que relaciona lazer e uso do tempo livre com possibilidade de acesso e recursos financeiros. É interessante notar que "no plano ideal" estas freqüências são muito parecidas em todas as classes (média de 28%).

Em relação à ida a **shows, bailes e boates** na descrição do fim de semana "real", não há diferenças significativas entre as classes. Isto porque há shows, bailes e boates para "todos os bolsos". Contudo, quando passamos para o "ideal", são os jovens da classe D os que mais enfatizam seu desejo de freqüentar tais lugares (32%, em relação a 22% da classe A). Justamente a dificuldade de acesso é o que faz com que esses lugares sejam mais desejados pelos jovens da classe D.

Como era esperado, aquelas atividades que envolvem gastos elevados e, portanto, um maior nível de renda, tais como **teatro, cinema, museus** são mais citadas pelos jovens da classe A. Dentre eles, 16,7% recentemente fizeram atividades culturais, em relação a apenas 9,7% da classe B, 2,8% da classe C e 3,4% dos jovens da classe D. Porém, no plano ideal, jovens de classes sociais diferentes declaram que gostariam de ter feito mais atividades culturais (27,8% da classe A, 16,8 da B, 13,7% da C e 12% da classe D). Enfim, pesquisas que buscam conhecer o perfil do "jovem de hoje" e enfatizam o tempo gasto em frente a televisão, muitas vezes parecem esquecer que atividades como

freqüentar cinemas, teatros e museus são muitas vezes desejadas pelos jovens, mas envolvem custos com os quais os jovens não podem arcar.

As **viagens.** Entre os jovens da classe A, 27,8% viajaram recentemente e apenas 3,4% dos jovens da classe D o fizeram. No plano "ideal", 11% dos jovens da classe A incluem as viagens, percentagem que cresce entre os jovens da classe D (17,8%). Na classe B, 5,5% viajaram e 24,4% gostariam de ter viajado.

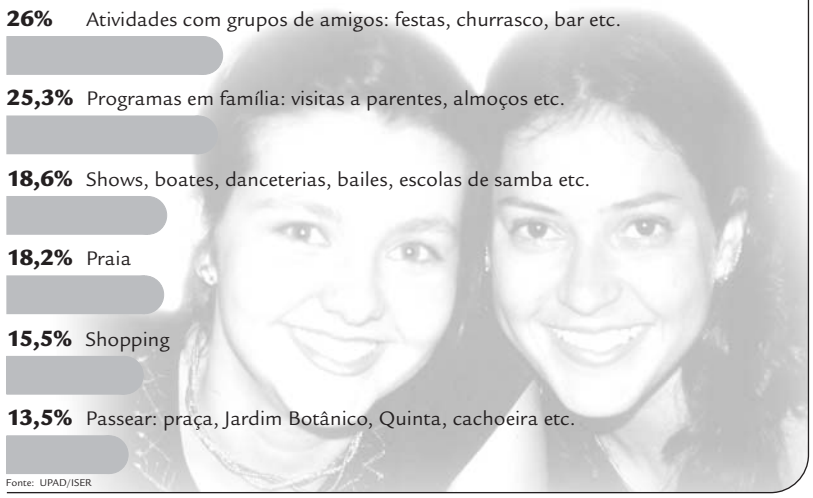
Os **shoppings** são mais freqüentados pelos jovens das classes B (16%) e C (11%) do que pelos jovens das classes A (5,6%) e D (5,9%)**.** São os dois extremos – os mais ricos e os mais pobres – que não fazem do shopping um programa de fim de semana. Os primeiros talvez porque não vêem o shopping como opção de lazer, mas de consumo. Já os jovens da classe D, que talvez não freqüentem os shoppigns pela distância, por falta de tempo para ir, roupa para sair de casa ou dinheiro para fazer compras, são os que mais manifestam o desejo de freqüentá-los já que quase 20% incluíram os shoppings em seu final de semana ideal.

Meninas e meninos: quais diferenças?

Olhando este mesmo quadro pelo prisma das relações de gênero, podemos dizer que nos fins de semana, **elas** fazem menos esportes, trabalham mais, fazem mais programas em família e vão muito mais às igrejas do que **eles**. As atividades na residência e idas à praia foram citadas igualmente por homens e mulheres (gráficos 49 a 52).

Nada de muito novo: 65,9% dos homens declaram ter praticado esportes no final de semana, em relação a apenas 13% das mulheres. Por outro lado, observamos que as mulheres jovens trabalharam mais (36,3%) do que os homens jovens (20,2%) nos finais de semana e fizeram mais programas em

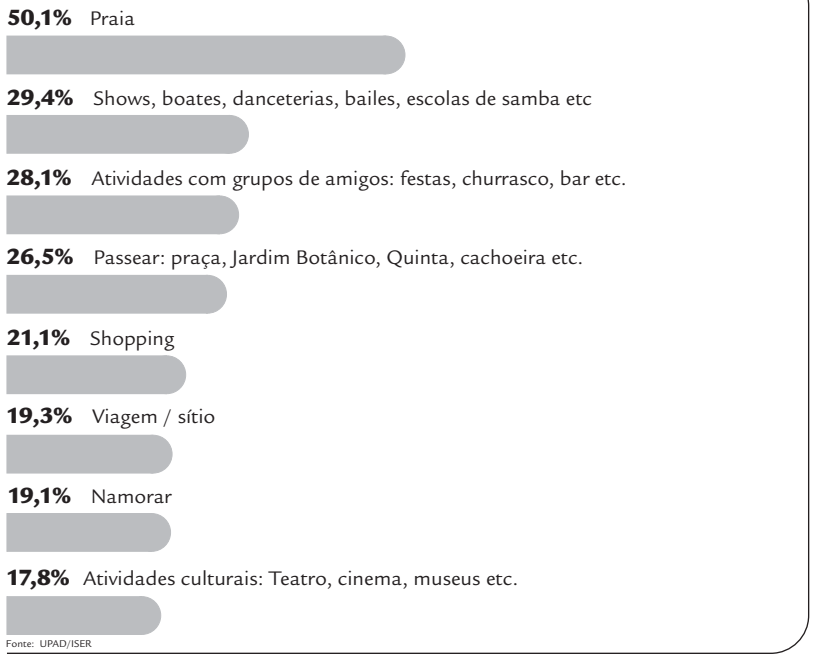
O que as mulheres jovens fizeram no final de semana



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 49

O que as mulheres jovens gostariam de fazer no final de semana



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 51

O que as homens jovens fizeram no final de semana

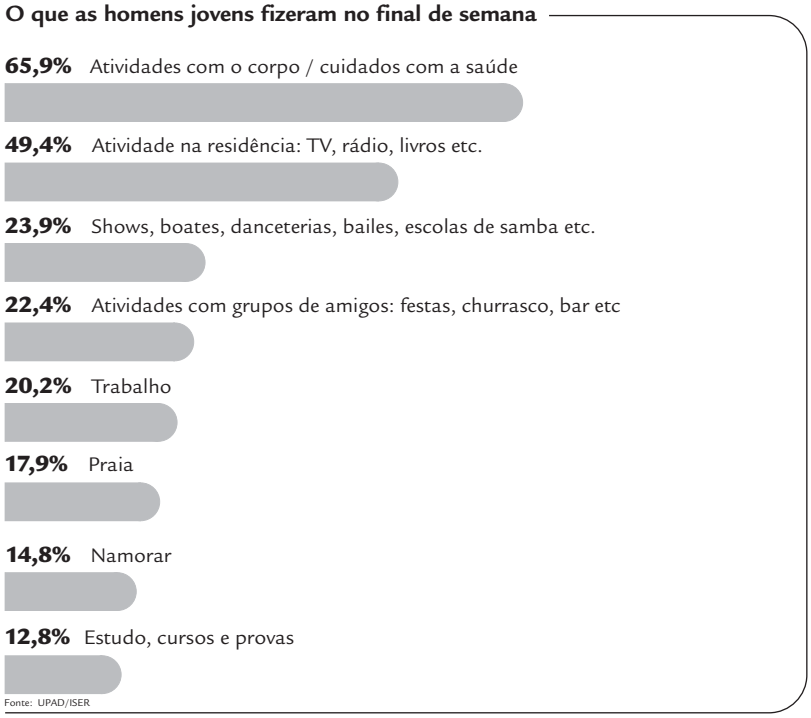


gráfico 50

O que os homens jovens gostariam de fazer no final de semana

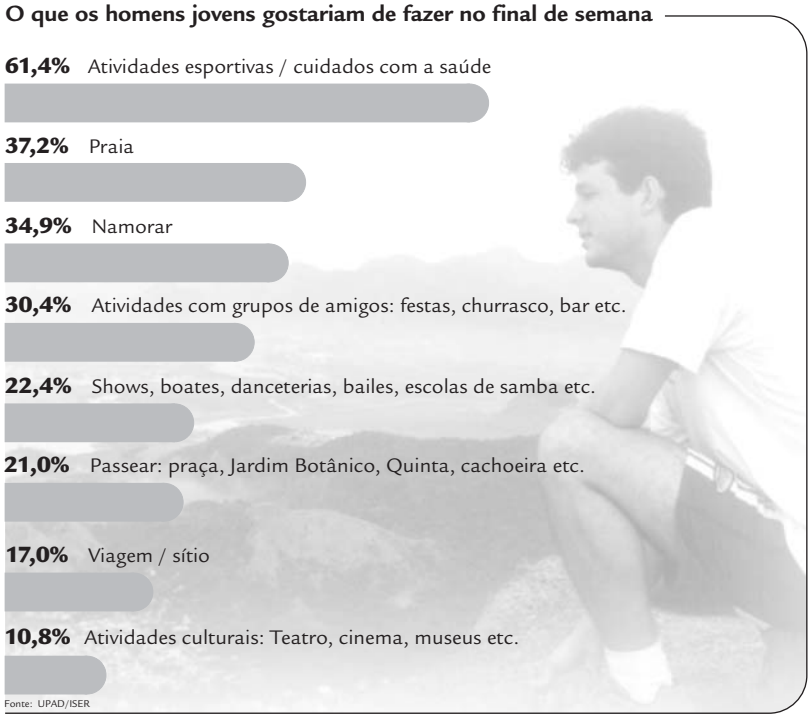


gráfico 52

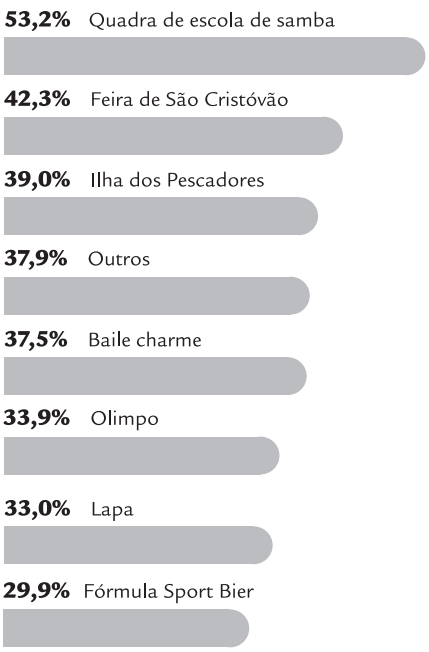
família – como visitar parentes (25,3%) – do que os homens jovens (9%). Em relação às práticas religiosas, observamos que as mulheres foram à igreja quase duas vezes mais do que os homens (13% das mulheres e 7,4% dos homens). Freqüentar shoppings é um programa mais atraente para as mulheres (15,5%) do que para os homens jovens (6,8%).

O que as meninas gostam mais do que os meninos? Ir à praia (50% das mulheres em relação a 37,2% dos homens); **freqüentar shoppings** (21% em relação a 7% dos homens) e **ir ao teatro, ao cinema ou ao museu** (17,8% contra 10,8% dos homens). Os meninos valorizam mais as atividades esportivas, ir à praia e namorar. Os homens jovens declaram mais que gostariam de namorar (34,9%), do que as mulheres (19,1%). Ambos desejam freqüentar shows, bailes e danceterias, estar com os amigos, passear e viajar.

Qual é a *boa*?

Também buscamos mapear o trânsito dos jovens moradores do Rio de Janeiro por espaços de lazer noturno. O questionário oferecia um "cardápio". Para construir esta lista de opções, durante a fase exploratória da pesquisa, ouvimos jovens de diferentes regiões da cidade. Quais são os lugares mais conhecidos? Quais os mais freqüentados? (gráfico 53) E, ainda, quais os lugares conhecidos que os jovens mais gostariam de ir? (gráfico 54). Nosso objetivo era saber que tipo de jovem freqüenta (ou gostaria de freqüentar) cada um dos locais citados. Como combinam suas preferências? Existem fronteiras entre classes sociais, idade e gênero quando se escolhe onde ir à noite?

Lugares mais freqüentados



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 53

O cardápio: opções para todos os gostos e bolsos em ordem de freqüência pelos jovens:

1º) As **quadras das escolas de samba** são a opção de lazer mais conhecidas e mais freqüentadas (53,2%) pelos jovens entrevistados do Rio de Janeiro. Dos que nunca foram, 25% declaram que gostariam de ir. Dos que já foram aos ensaios nas quadras de escolas de samba, 58,4% são da classe C, 27,6% da classe B, 11,4% da classe D e apenas 2,6% da classe A. Dos que freqüentam as escolas de samba, 47% são moradores da AP Norte, 23,2% da AP Oeste, 16,3% da AP Sul e 12% da AP Baixada Litorânea.

2º) A **Feira de São Cristóvão**, tradicional feira de imigrantes nordestinos é conhecida por 89,5% dos jovens entrevistados. Do total, 42,3% dos jovens já a visitaram pelo menos uma vez e 33,2% nunca foram, mas gostariam de ir, o que demonstra quase 80% de "simpatia" dos jovens em relação à feira. A feira de São Cristóvão é freqüentada por todas as classes sociais, mas a classe C forma o maior contingente (56,5%), seguida pela classe B (31,2%). Do total, 10,7% dos jovens da classe D e apenas 1,6% dos jovens da classe A já foram à feira. A maior parte dos freqüentadores é da AP Norte (51%), seguidos pela AP Sul (21,4%), AP Oeste (15,6%) e AP Baixada Litorânea (11%).

3º) A **Ilha dos Pescadores**, casa de shows da Barra da Tijuca, com um cardápio variado de estilos, (principalmente pagode e axé e, mais recentemente, forró), é o terceiro local mais freqüentado pelos jovens entrevistados. Do total dos jovens, 39% afirmam já ter ido pelo menos uma vez. Dos que já ouviram falar nesta casa de shows, 49,5% nunca foram, mas têm vontade de ir. É ligeiramente mas freqüentada por homens (53,1%) do que por mulheres (46,8%) e por jovens das classes C (51%) e B (38,7%). É mais freqüentada por jovens da AP Norte (46%), do que por jovens da AP Sul (21%), Oeste (16,5%) e Baixada Litorânea (14,8%).

4º) Em quarto lugar, os jovens citaram opções diversas de lazer, que não estavam na lista de opções do questionário, em geral, citando locais próximos ao seu local de residência.

5º) Os **Bailes Charme** aparecem nas falas dos jovens moradores da cidade como uma alternativa "pacífica" aos bailes funk. A música é, de um modo geral, de cantores e grupos negros norte-americanos e, segundo os jovens, mais melódica e dançante. Do total de jovens entrevistados, 37,5% já foram a algum baile charme. Dos 83% dos jovens que conhecem ou sabem o que é o baile charme, 20,3% não foram mas gostariam de ir.

A maioria dos bailes charme citados estão situados na Zona Norte, Oeste ou subúrbios da cidade: o mais freqüentado é o de Marechal Hermes (31,5%), seguido de longe por bailes da região de Madureira, Rocha Miranda, Campinho e Vila Valqueire (12,7%); da região de Sepetiba, Santa Cruz, Pedra de Guaratiba (6,6%) e da área do Méier, Abolição e Pilares (também 6,6%). Os da Zona Sul e da Tijuca e Vila Isabel vêm em seguida, somando um total de 5,6% das citações.

Locais que os jovens mais querem ir

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 54

Os freqüentadores dos bailes charme se concentram na classe C (61,9%). Da classe B, 22,7% dos jovens já foram a bailes charme; da D, 13,9% e da classe A, apenas 1,4% dos jovens. Os bailes charme são frequentados por homens (53%) e por mulheres (47%) que moram na Zona Norte (43,9%) e na Zona Oeste (31,8%). Entre os entrevistados, 10,3% e 12%, respectivamente, dos jovens que freqüentam os bailes charme são respectivamente da AP Sul ou Baixada Litorânea.

6º) O **Olimpo** é uma casa de shows localizada na Vila da Penha. Apresentações tanto de grupos de rock nacional como de grupos de pagode já marcaram presença por lá. Do total, 92% dos jovens já ouviram falar no Olimpo. Dentre os jovens que já ouviram falar, mas nunca foram, 51,3% gostariam de ir. Do total de entrevistados, 33,4% já foram pelo menos uma vez. É mais freqüentado por jovens das classes B (38,4%) e C (51,4%) e moradores da AP Norte (61,5%).

7º) A **Lapa**, bairro boêmio do Centro do Rio de Janeiro, tem se tornado cada vez mais um local de encontro de diferentes juventudes cariocas, que se reúnem nas ruas, bares, boates, rodas de samba, peças de teatro, eventos de poesia, apresentações de grupos de arte popular, festas, mostras de filmes e exposições. Essa é uma região muito conhecida dos jovens entrevistados, 86% deles a conhecem. Um número elevado deste total, 30%, dos jovens afirmam já ter freqüentado a Lapa à noite, para se divertir. Há também jovens que nunca foram, mas gostariam de ir (33%). Do total dos jovens que já foram à Lapa, 56,3% são da classe C, 32,5% da classe B e 9,2% da classe D.

8º) O **Fórmula Sport Bier,** localizado na Vila da Penha, é um bar-discoteca. Possui dois ambientes. No primeiro andar, há música ao vivo. Já no segundo andar, há uma discoteca. É conhecido por 73,6% dos jovens entrevistados, dos quais 32,7% gostariam de ir. Do total, 29,9% já foram pelo menos uma vez. É mais freqüentado por jovens da classe C (55%) e da classe B (34,4%), a maioria (68,8%) moradores da AP Norte.

9º) Foi feita uma pergunta específica sobre o Disco Voador de Marechal Hermes, um clube que possui diferentes ambientes e variados tipos de música, entre eles o Charme, o Hip Hop e o Pagode. Aos domingos, o Disco Voador costuma abrigar um grande baile charme, que é conhecido por 76% dos jovens entrevistados. Dos que nunca foram, 29,4% gostariam de ir. Do total de entrevistados, 24,6% já foram ao Disco Voador. Há um equilíbrio entre o número de homens e mulheres que freqüentam este baile (50% de homens e mulheres). É mais freqüentado por jovens da classe C (63%), seguido pela classe B (24%), classe D (10%) e classe A (2,8%) e por jovens da AP Norte (51,4%) e Oeste (32,4%). Apenas 8,3% dos jovens da AP BaixadaLitorânea e 6,7% dos jovens da AP Sul freqüentam o Disco Voador.

10º) O baile funk de **Rio das Pedras**[1], por outro lado, é conhecido por 87,6% dos jovens entrevistados do Rio de Janeiro e, do total dos jovens 32,1% gostariam de ir. Chama atenção que quase um quarto (24%) dos jovens já foi a este baile, o que corresponde à fama do baile "sem violência", onde

1 Quanto aos **Bailes Funk**, escolhemos dois dos mais conhecidos à época do campo da pesquisa. Um na zona sul – o baile da Ladeira dos Tabajaras – e outro na zona oeste, o de Rio das Pedras.

se reúnem jovens de diferentes áreas da cidade e diferentes classes sociais. Dos que o freqüentam, a maioria é de homens jovens (60,6%), em relação ao número de mulheres jovens (39,4%). São os jovens da classe C os que mais freqüentam este baile (57,7%), seguidos de 33% dos jovens da classe B, 8% da classe D e 1% da classe A. Dos freqüentadores, 40% moram na AP Norte e 25% na AP Baixada Litorânea. É interessante notar que o número de freqüentadores da AP Sul (17,7%) é significativo e é ligeiramente maior que o da AP Oeste (16,6%).

11º) A boate **El Turf**, tem duas sedes. Uma na Gávea (dentro do Jockey Clube da Lagoa) e outra no Norteshoping (dentro do próprio shopping). Os ritmos tocados são o dance e o pop, ouvidos em rádios comerciais. É conhecido por quase 70% dos jovens entrevistados. Do total, 28,4% gostariam de ir e 23,5% dos jovens já foram pelo menos uma vez. É um local mais freqüentado pelos homens entrevistados (54,3%) do que por mulheres (45,6%). Os jovens das classes B e C são os que mais freqüentam esta boate (47,3% e 41,5%, respectivamente). A maioria dos freqüentadores mora na AP Norte (49%) e na AP Sul (28%).

12º) As **Lonas Culturais** surgem como uma opção de divertimento para os jovens que moram em áreas com poucas alternativas de lazer. A programação varia entre shows de música, teatro e dança. A "comunidade" geralmente se envolve na organização da programação, estrutura, etc. As Lonas Culturais são também bastante conhecidas pelos jovens cariocas, 70% deles já ouviram falar delas. Do total dos jovens que as conhecem, 40,3% gostariam de ir. Do total, 21,8% dos jovens já foram a alguma lona cultural. A lona mais citada pelos jovens entrevistados foi a de Irajá/Vista Alegre (9,4%), seguida pela de Bangu (3%) e de Realengo (2,8%). O público das lonas culturais é basicamente de jovens das classes C (56,6%) e B (32,5%). Apenas 6,9% dos jovens que já foram às lonas são da classe D. A maior parte dos seus frequentadores são da AP Norte (48,4%) e Oeste (33,3%).

13º) O **Viaduto de Madureira** (também conhecido como Viaduto Negrão de Lima, próximo ao "Mercadão de Madureira") é conhecido por 70% dos jovens entrevistados. Lá acontece um baile de black music e charme aos sábados. O baile é gratuito e se realiza ao ar livre[2] . Dos que conhecem este baile, 15,6% gostariam de ir. A maioria dos que declaram já ter ido ao viaduto de Madureira (um total de 21,3%) é de jovens homens (59%), em relação a 41% de mulheres. Dos frequentadores entrevistados, 65% pertencem à classe C; 23,8% pertencem à classe B e 10,3% à classe D. A maior parte dos frequentadores mora na AP Norte (45%), seguido das APs Oeste (24,5%) e Baixada Litorânea (22%). Apenas 6,4% dos frequentadores moram na AP Sul.

14º) A **Quinta do Bosque**, um clube em Santa Teresa, é um espaço para festas de forró e reggae. É conhecida por 54% dos jovens entrevistados. Desses, 42,9% gostariam de ir e, do total, 18% já foram pelo menos uma vez. A maior parte dos jovens que freqüenta a Quinta do Bosque é da classe C (50%) e da classe B (38,6%) e mora na AP Norte (41,6%) ou na AP Sul (30%).

15º) O **Baixo Gávea** é um "tradicional" local de encontro dos jovens da Zona Sul. Nos anos 90, teve muita visibilidade e foi alvo de polêmicas, quando o prefeito da cidade decretou um horário para o fechamento dos bares da região, em torno dos quais havia uma grande aglomeração de jovens. Reúne uma série de bares, "botecos", restaurantes e um teatro, freqüentado por jovens que se vêem como "alternativos", por artistas e também pelos chamados "playboys". O Baixo Gávea é conhecido por 63% dos jovens entrevistados, mas apenas 14% dos entrevistados já foi foram alguma vez ao "BG".

2 Segundo dados de um informante, os organizadores do baile do Disco Voador de Marechal Hermes são os mesmos que organizam o baile de Sábado em Madureira. Estes seriam pessoas na faixa etária de 40, 50 anos e que participaram tanto como organizadores, como freqüentadores dos primeiros Bailes de Black Music que aconteciam no Rio de Janeiro nos anos 70.

A classe que mais freqüenta o Baixo Gávea é a classe B (48,5%). Apenas 8,7% dos jovens da classe D e 6,8% dos jovens da classe A freqüentam este local. É interessante observar que o número de jovens que já foi ao Baixo Gávea e que moram na AP Norte (35,9%) é quase igual ao daqueles que moram na AP Sul (36,9%). Há ainda 13,6% dos que já foram que moram na AP Oeste e 12,6% que moram na Baixada Litorânea.

16º) A **Zoeira Hip Hop** é uma festa de Hip Hop que acontecia aos sábados numa sinuca situada também na Lapa. Reunia jovens ligados diretamente com a chamada "*Cultura Hip Hop"*, como rappers, grafiteiros e jovens que simplesmentes gostam da música. A Zoeira Hip Hop é conhecida por quase 58% dos jovens entrevistados e 26,6% nunca foram, mas gostariam de ir. Um total de 8,7% dos jovens já foi à Zoeira pelo menos um vez. Desses, 55% são da classe C, 30% da classe B e 12,7% da classe D. É mais frequentado por jovens da AP Norte (47,6%), da AP Oeste (22,2%) e por 14,2% de jovens da AP Sul e 12,6% da AP Baixada Litorânea.

17º) As **Festas Raves** – festas ao ar livre, em grandes sítios nos arredores da cidade ou em áreas isoladas, onde toca música eletrônica e milhares de jovens "alternativos" se reúnem para dançar por horas a fio – são conhecidas por 49% dos jovens entrevistados, um número expressivo, dado o caráter relativamente recente da realização de raves no Brasil. Dentre os jovens, 36% gostariam de ir para conhecê-las. Do total de entrevistados, 8% já foram a alguma festa rave. São mais freqüentadas por homens (65,5%) do que por mulheres (34,5%), por mais jovens das classes B (43%) e C (48%) e das APs Sul (36,1%) e Norte (43,1%).

18º) Baile funk da Ladeira dos Tabajaras Este baile, localizado na zona sul, é conhecido por quase 60% dos jovens entrevistados e quase 25% dos entrevistados não foram, mas dizem que gostariam de ir. Do total, 6,5% dos jovens entrevistados já foram alguma vez a este baile. É mais frequentado por jovens das classes C (55%) e B (36%) e por moradores da AP Sul (36%) e da AP Norte (40%).

19º) O **Arco do Teles**, localizado na Praça XV, Centro Histórico do Rio de Janeiro, reúne uma série de bares e boates onde os jovens que trabalham no centro da cidade (em geral, executivos, mas não necessariamente) se reúnem para o *happy hour*. A maior parte dos jovens entrevistados (73%) declara não conhecer o Arco do Teles. Dos 26,8% que já ouviram falar neste lugar, 49,1% gostariam de ir. Do total de entrevistados, apenas 4,7% dos jovens já foram alguma vez ao Arco do Teles. Este local é mais freqüentado por jovens da classe C (52,9%), seguido da classe B (38,2%), da classe D (5,8%) e da classe A (2,9%). Este dado é interessante, pois embora a fama do lugar esteja relacionada com a presença de "executivos", a maioria dos freqüentadores é da classe C. A maioria (52,9%) mora na AP Norte, mas 26,4% são da AP Sul, 11,7% da AP Oeste e 8,8% da AP Baixada Litorânea.

20º) As **festas do Cine Íris**, antigo cinema localizado na rua da Carioca, têm público diversificado e são freqüentadas por 4,5% dos jovens entrevistados. Desses, a maioria é de homens (72,7%) e apenas 27,2% de mulheres. É mais freqüentado por jovens maiores de 18 anos e por jovens das classes A/B (51%) e C (42%). Apenas 6% dos jovens da classe D já foram a essas festas. São mais freqüentadas por jovens da AP Norte (51,5%) e Sul (30, 3%) do que por jovens das APs Baixada Litorânea (12%) e Oeste (6%).

Em todos esses lugares, observamos uma tendência considerável de serem mais freqüentados por homens do que por mulheres. Em relação à faixa etária, a maior parte

desses lugares tende a ser mais freqüentada por jovens mais velhos (acima de 21 anos), do que pelos mais jovens. Isso pode ser explicado pela diminuição do controle dos pais, maior autonomia financeira e possibilidades de deslocamentos pela cidade, que aumentam conforme os jovens vão ficando "mais velhos". Somente as Lonas Culturais e o Olimpo são freqüentados igualmente por jovens de diferentes idades. O baile funk de Rio das Pedras é o único local em que esta tendência é diferente: tende a ser mais freqüentado por jovens entre 18 e 20 anos (32%) do que por jovens com menos de 18 (18,8%) e com mais de 21 anos (21,8%).

Estilos, circuitos e acessos

Fizemos um teste com os lugares que os jovens costumam freqüentar à noite, buscando verificar se há correlações significativas entre eles. Assim, pode-se visualizar uma espécie de "circuito" dos lugares freqüentados pelos jovens cariocas.

A ida à quadra de escolas de samba está correlacionada com jovens de diferentes origens e preferências de lazer: as quadras são freqüentadas tanto pelos jovens que costumam ir à Ilha Pescadores, como por aqueles que vão, aos sábados, ao viaduto Madureira dançar o Charme. Além disso, há um terceiro grupo de jovens, frequentadores da Feira de São Cristóvão, que costumam ir às quadras de escola de samba. De acordo com os dados, podemos afirmar que as quadras são freqüentadas por pelo menos três grupos de jovens, dada a não-correlação entre Ilha dos Pescadores, viaduto de Madureira e Feira de São Cristóvão.

Se o Arco do Teles é conhecido como "point" dos yuppies do centro da cidade do Rio de Janeiro e o El Turf como "boate de mauricinho", não é surpresa verificarmos que estes locais estão correlacionados. Por outro lado, quem espera que o Baixo Gávea seja o "point" dos alternativos perde de vista a grande diversidade de "estilos" dos que freqüentam este lugar: o Baixo Gávea é freqüentado tanto pelos "mauricinhos" que vão ao El Turf e à Ilha dos Pescadores, como pelos alternativos que vão dançar música eletrônica nas festas Raves e do Cine Íris e dançar forró na Quinta do Bosque.

Os frequentadores das Festas Raves, além de irem ao Baixo Gávea, também costumam ir à Lapa e à Quinta do Bosque. Este dado é interessante pois sugere que os jovens que curtem música eletrônica também gostam de dançar forró, uma mistura inusitada, dada a aparentemente grande diferença entre estes dois tipos de música e dança.

As Festas do Cine Íris estão correlacionadas às Festas Rave, uma vez que ambos os lugares são freqüentados por jovens "alternativos". Esta razão sozinha, porém, não explica a forte correlação entre esses locais. Como o que ambos têm em comum e como diferencial de outros lugares é a música eletrônica, acreditamos que estes lugares são parte do "circuito" dos jovens que gostam deste tipo de música.

Ir ao Olimpo e ao bar Formula Sport Bier são atividades fortemente correlacionadas. É interessante notar que o Olimpo e a Ilha dos Pescadores estão correlacionados, assim como lha dos Pescadores e El Turf, porém o mesmo não ocorre entre Olimpo e El Turf. Em outras palavras, os jovens que freqüentam o Olimpo já foram à lha dos Pescadores e aqueles que vão à Ilha dos Pescadores também costumam ir ao El Turf, mas há um grupo de jovens que costumam ir ao El Turf, mas não necessariamente ao Olimpo. Por outro lado, há uma correlação direta entre o El Turf e o Fórmula Sport Bier e Ilha dos Pescadores e Formula Sport Bier, formando um "circuito" freqüentado pelos jovens. As Lonas Culturais estão correlacionadas apenas com o Olimpo e mais nenhum outro bar, festa ou casa noturna da Zona Norte.

Os jovens que freqüentam bailes Charme também costumam ir ao Disco Voador de Marechal Hermes, onde há um conhecido baile e ao Viaduto de Madureira aos sábados. Os frequentadores de bailes Charme também costumam ir a quadras de escola de samba.

Também é notável a correlação entre os que vão à Ilha dos Pescadores pois estes também costumam ir ao baile Funk Rio das Pedras, o que reforça a imagem deste baile como um baile para a "classe média". Os frequentadores do baile funk de Rio das Pedras costumam freqüentar quadras de escola de samba, o que pode denotar a preexistência de uma certa proximidade social desses jovens com a favela e as manifestações artísticas que aí se desenrolam. Por outro lado, este baile funk também é freqüentado pelos jovens da Zona Norte e Oeste que vão ao Fórmula Sport Bier e ao Olimpo. Há também uma correlação (um pouco menor) entre o Disco Voador de Marechal Hermes e o baile funk de Rio das Pedras, denotando uma proximidade entre os que gostam de charme e os que curtem o funk.

Por fim, os jovens que gostam de ir à Feira de São Cristóvão também gostam de ir à Lapa, às quadras de Escola Samba e à Ilha dos Pescadores. Como as escolas de samba também estão correlacionadas à Ilha dos Pescadores, podemos dizer que, com exceção dos jovens que freqüentam a Lapa (apenas correlacionada à Feira), há um circuito entre Feira, Escola de Samba e Ilha dos Pescadores, que pode ser também o encontro entre jovens que gostam de forró, de samba e de pagode.

percepções da violência

O que mais te revolta?

Fizemos esta pergunta pedindo que os jovens hierarquizassem (através de notas de 0 a 10) um conjunto de práticas consideradas condenáveis, violentas, discriminatórias e/ou violadoras de Direitos Humanos. Vejamos o "ranking":

Maior consenso

No gráfico ao lado alcançam maior grau de consenso os cinco primeiros itens. A disseminação do ideário ecológico e a existência de um teórico anti- racismo podem explicar as declarações "politicamente corretas" dos jovens entrevistados (gráfico 55).

No interior deste consenso, há duas pequenas nuances:

- Os mais velhos tendem a se revoltar mais com "ficar horas na fila do hospital" e com a "corrupção dos políticos" (ambos com média 10 entre os acima de 21 anos, em relação à média 9 nas outras faixas de idade)
- A classe D é a única que tem média 9 para o grau de revolta no item "queimar florestas" (as outras têm 10).

Em seguida, verifica-se um lugar comum na cultura brasileira: também entre os jovens há uma crítica generalizada ao governo, sobretudo através da avaliação negativa dos serviços públicos e dos políticos também genericamente relacionados com a corrupção. Neste aspecto uma única nuance foi verificada:

- A classe A é a única que atribui nota 10 ao grau de revolta com a corrupção dos políticos (as outras atribuem 9).

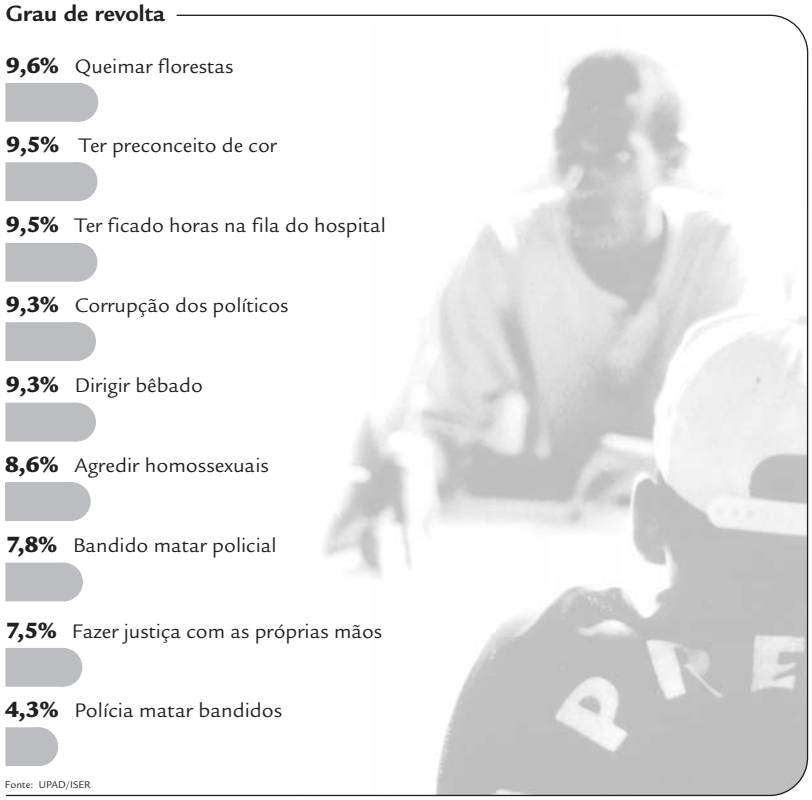


gráfico 55

Consenso médio

Em seguida, voltamos à questão do homossexualismo, já tratada neste número quando relatamos as respostas para a aceitação da "união civil de pessoas do mesmo sexo". Aqui a questão é saber qual é o nível de tolerância frente a quem "agride homossexuais": o "grau de revolta" é significativo, mas o consenso não é forte.

Nossa impressão é que este resultado expressa o "estado atual da questão". Há um certo ideal "politicamente correto" que inibe a afirmação pública da discriminação e da violência contra homossexuais. Porém – diferentemente do racismo que só é admitido em espaços de intimidade – a discriminação

" Homens jovens, na faixa etária de 15 a 29 anos, representam mais de 70% do total de homicídio intencional no Brasil e mais de 90% das vítimas de sexo masculino. Na região metropolitana do Rio de Janeiro, assim como nas de Vitória, Recife e São Paulo, a taxa de homicídios entre homens de 15 a 29 anos de idade superava 200 por cem mil habitantes em 1999- índice só comparável ao de países de guerra civil".
(Leonarda Musumeci, 2002)

contra o homossexualismo pode freqüentar o espaço público, as Igrejas[1], as rodas de amigos, etc...

Uma pequena nuance se manifesta em termos de grupos etários:

- "agredir homossexuais" é considerado mais revoltante pelos jovens acima de 18 anos (média 8 para os menores de 18 e média 9 para os entre 18 e 20 e acima de 21 anos).

Maior discenso

- Bandidos matar policiais
- Fazer justiça com as próprias mãos
- Polícia matar bandidos

As três últimas situações apresentadas são as que mais polarizam os jovens. Ou seja, do total, 31,8% não se revoltam nem um pouco (deram nota zero) com a polícia que mata bandido; 18,8% têm grau médio de revolta (nota cinco) e 16,6% expressam total revolta (nota dez).

Quando o que ocorre é o inverso, isto é, quando o bandido mata o policial, 8,5% dos jovens entrevistados não se revoltam nem um pouco com isso, 10% com grau médio de revolta e 55% exprimem grau máximo de revolta. Neste último caso, as notas mais freqüentes estão acima de 7: um total de 73% dos jovens têm grau relativamente alto de revolta quando o bandido mata o policial.

Já no que se refere a fazer justiça com as próprias mãos, observa-se que 51% dos jovens acham isso muito revoltante, 15,5% têm grau de revolta médio e 7,2% não se revoltam nem um pouco.

Ainda assim, vale a pena chamar a atenção para o fato de que o grau de revolta em relação **a polícia matar bandido e fazer justiça com as próprias mãos** cresce nos setores menos favorecidos.

Polícia matar bandido
classe A teve uma média de 3
classes B e C, média 4
classe D, média 5
Fazer Justiça com as próprias mãos
classe A,média 6
classe B,média 7
classe C e D, média 8

Ou seja, estes resultados parecem confirmar a hipótese de que – justamente nestes casos em que as respostas dos jovens é mais polarizada – a experiência cotidiana com as situações apresentadas pode explicar o aumento do "grau de revolta" dos jovens das áreas pobres da cidade.

Quanto às faixas etárias, a única violência que gera mais revolta entre os mais novos do que entre os mais velhos é a polícia matar bandido (média 5 entre os abaixo de 18 anos e 4 entre os acima desta idade).

As mulheres jovens se revoltam mais com as práticas violentas do que os rapazes. Em todas as questões elas têm um grau de revolta igual ou superior ao dos homens. As médias de revolta das mulheres foram 1 ponto mais altas do que as dos homens nas seguintes práticas violentas:

- Ficar horas na fila do hospital (média 10 de revolta entre as mulheres e 9 entre os homens);
- Polícia matar bandido (média 5 de revolta entre as mulheres e 4 entre os homens);
- Ter preconceito de cor (média 10 de revolta entre as mulheres e média 9 entre os homens);
- Agredir homossexuais (média 9 entre as mulheres e 8 entre os homens);
- Fazer justiça com as próprias mãos (média 8 entre as mulheres e 7 entre os homens).

1 O negro é filho de Deus, ser racista é pecado, ser homossexual – para a maioria que freqüenta as igrejas cristãs – também o é.

Os que se declaram negros. Nas respostas obtidas, os jovens que se declaram negros são os que apresentam maior grau de revolta na maior parte das situações apresentadas. As médias dos jovens que se auto-classificaram como negros foram 1 ponto superior nas seguintes questões: horas na fila do hospital (10), polícia matar bandido (5), corrupção dos políticos (10), dirigir bêbado (10), ter preconceito de cor (10) e fazer justiça com as próprias mãos (8). As médias iguais foram: bandido matar policial (8), queimar florestas (10) e agredir homossexuais (9).

Os que se declaram pardos. É interessante notar que os resultados do grupo de entrevistados que se declararam pardos são muito próximos do grupo dos que se declararam brancos, com exceção de ficar horas na fila do hospital (10) e agredir homossexuais (9), violências que os revoltam mais que aos brancos.

O que os jovens entrevistados falam sobre sua experiência direta com a violência?

Do total de jovens entrevistados:

7,4% afirmam ter arma de fogo em casa;
8,5% já foram alguma vez agredidos pela polícia (agressão moral ou verbal);
12,8% foram vítima de assalto nos últimos 12 meses anteriores à pesquisa.

Particularmente nos chama a atenção o número significativo de 7,4% dos jovens entrevistados terem declarado ter arma de fogo em casa. O mesmo vale para o número relativamente alto de 8,5% dos jovens que já sofreram agressão moral ou verbal da polícia.

No Rio de Janeiro, em 1998, as armas de fogo mataram jovens com idade entre 15 e 19 anos mais que todas as outras causas de morte reunidas. As últimas estatísticas revelam que na cidade houve aumento significativo para vítimas com idades entre 10 e 14 anos. Nos últimos 20 anos, as mortes por arma de fogo em todo o Brasil e no Rio de Janeiro particularmente, vem aumentando. Entre a população jovem (aqui definida entre 15 e 29 anos de idade) e do sexo masculino, encontramos a maior parte dos feridos por arma de fogo. 27% dos jovens brasileiros mortos em 1997 foram vítimas de armas de fogo. No Rio de Janeiro, 53% dos jovens desta idade que morreram em 1998, eram vítimas de arma de fogo. No ano 2000, a taxa de homicídios declarados no Município do Rio de Janeiro, ou seja, o número de homicídios em cada 100 mil habitantes era de 54,9, uma taxa que se pode considerar entre as mais altas do mundo. 67% dos mortos por causas externas (excluindo os que morreram em acidente de trânsito), morreram por arma de fogo e 57,5% das causas externas de morte foram homicídios por arma de fogo. (Patricia Rivero, Iser/DATASUS, 2001).

Na rua reside o maior perigo. Os jovens afirmam que as ruas são o lugar aonde convivem mais com a violência (55,9%). Em seguida, com um percentual bem mais baixo, 13,9% dos jovens afirmam que convivem mais com a violência nos bailes e boates, 8,6% afirmam que é nos ônibus ou no trem, 8,6% nos estádios de futebol e 7,8% afirmam que convivem mais com a violência perto de casa. Apenas 2,9% dizem conviver com a violência na escola.

Chama a atenção a situação a que estão expostos os jovens da classe D. Estes são os jovens que mais se sentem inseguros perto de casa (o dobro das classes A e B). Com efeito, já foi verificado[2] que as mortes de jovens desta classe social ocorrem em geral próximo de casa. Nos bailes, os jovens da classe D entrevistados se sentem cinco vezes mais expostos à violência do que aqueles da classe A e mais do dobro da classe B. Por outro lado, os jovens da classe D se sentem menos vulneráveis do que as outras classes no chamado espaço da rua. Em pesquisas qualitativas[3], jovens desta classe afirmam que nas ruas da Zona Sul são eles que despertam o medo.

	classe A	classe B	classe C	classe D
Ruas	44,4%	61,9%	55,8%	45,7%
Ônibus/Trem	16,7%	10,6%	6,9%	9,5%
Bailes/Boates	5,6%	10,6%	13,3%	24%,
Perto de Casa	5,6%	5,5%	8,6%	10,3%
Estádios de Futebol	22,2%	5,9%	10,2%	6,0%

2 Cf. CANO, Ignacio. Análise Territorial da Violência no Rio de Janeiro. ISER, 1997.
3 Pesquisa Violência e Racismo. RAMOS, Sílvia (coord.). Relatório do CESeC, 2002.

Enfim, são os jovens mais pobres que mais estão expostos à associação lazer / violência /local de moradia (ver tabela na página anterior)**.**

Quem afirmou ter sido vítima de assalto nos últimos 12 meses?

Em relação à classe social. 11,8% dos jovens da classe A, 16,6% dos jovens da classe B, 11,8% dos jovens da classe C e 9,3% dos jovens da classe D, foram vítimas de assalto. Dos jovens da AP Sul, 20,5% sofreram assalto nos últimos 12 meses, em relação a 13,6% dos jovens da AP Norte, 10,6% dos jovens da AP Oeste e 5,8% dos jovens da AP Baixada Litorânea.

Homens e mulheres. Do total das mulheres jovens entrevistadas, 10,3% dizem que foram vítimas de assalto nos últimos 12 meses e, do total de homens, 16% afirmam que sofreram assalto nos últimos 12 meses.

Os jovens mais novos sofreram mais assaltos. Dos jovens com menos de 18 anos, 14,4% foram vítimas de assalto; dos jovens entre 18 e 20 anos, este número é de13,6% e dentre os com mais de 21 anos, este número é de 9,7%.

Quem afirmou ter sofrido agressões nos últimos 12 meses?

Os homens foram mais agredidos pela polícia. Foram significativos 14,7% dos homens que disseram ter sofrido agressões da polícia, em relação a 3,6% das mulheres.

Quanto à **classe** dos que declraram ter sofrido agressões da polícia,

17,6% da classe A
10% da classe B
8% da classe C
5,9% da classe D

Em relação ao **local de moradia**, temos:

14,8% da AP Sul;
8% da AP Norte;
7,3% da AP Oeste;
5% da AP Baixada Litorânea.

Em relação à **cor** (auto-classificação), dos 8,6% dos jovens que declararam ter sofrido agressão policial nos últimos 12 meses:

37,3% brancos,
31,3% pardos,
19,4% negros
11,9% amarelos ou indígenas

Em pesquisa qualitativa recente[4], observamos que há uma tendência da polícia em achacar os jovens de classe média que circulam pela cidade (sobretudo à noite) e têm dinheiro para propinas. Talvez por isso os jovens brancos, das classes A e B e moradores de áreas privilegiadas são os que mais reconheceram ter sofrido agressões da polícia nesta pesquisa. Por outro lado, também é significativa a soma das respostas de negros e pardos – mais da metade do total dos que relatam ter sofrido agressões (50,7%). Em pesquisas qualitativas que realizamos[5], há uma recorrência de relatos de jovens pardos e negros, nos quais eles se reconhecem como alvo preferencial de suspeição.

Qual é a causa principal da violência?

Para os jovens entrevistados, as principais causa da violência na cidade do Rio de Janeiro são o tráfico de drogas, a pobreza, os baixos salários e a falta de estrutura ou apoio familiar (gráfico 56).

Tráfico de drogas e *pobreza e baixo salários* mudam de lugar de acordo com a **classe social**:

Para os jovens das classes A, a principal causa da violência é a baixa escolaridade (44,4%), para os jovens da classe B é a pobreza e os baixos salários (33,2%).

4 Idem ibid.

5 Cf. Percepções sobre a qualidade de vida no Rio de Janeiro. Relatório PNUD/Nações Unidas, 2000.

Já para os jovens da classe C, o tráfico de drogas é a principal causa da violência na cidade (38,1%), percentual que aumenta ainda mais na classe D (50,4%).

Nas classes C e D, a pobreza e os baixos salários aparecem em segundo lugar nas causas da violência na cidade com 24,3% e 19,7%, respectivamente.

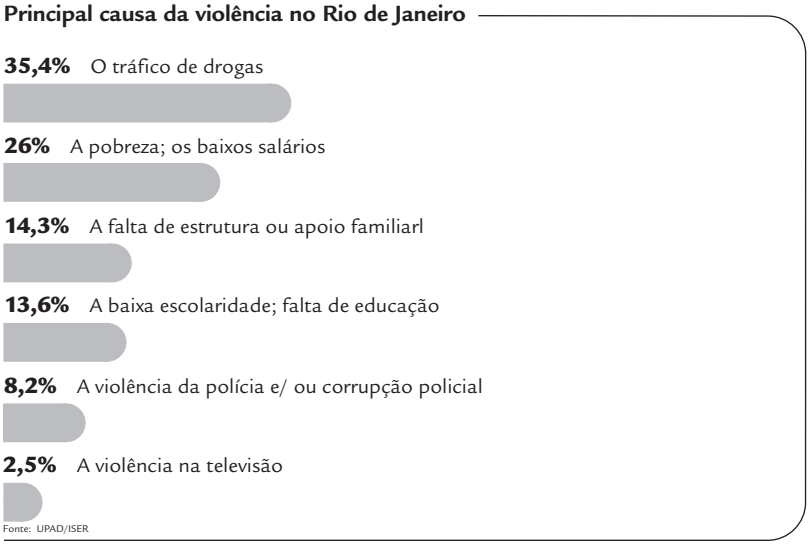
O peso da escolaridade e da estrutura das famílias também se modifica com as classes. A baixa escolaridade é mais citada na classe A (44,4%) do que nas classe B, C e D (16,8%, 11,8% e 8,5%, respectivamente).

Em relação às regiões da cidade. Na AP Sul há um certo equilíbrio na atribuição de causas para a violência entre três fatores: a pobreza e os baixos salários (28,9%), o tráfico de drogas (25,8%) e a baixa escolaridade (23,4%).

Na AP Norte, há um peso maior para o tráfico de drogas (citado por 32% dos jovens dessa área), seguido da pobreza e dos baixos salários (28%) e da falta de estrutura ou apoio familiar (16,6%). A AP Baixada Litorânea e a AP Oeste apresentam resultados semelhantes. Ambas dão um maior peso ao tráfico de drogas como a principal causa da violência (42,4%, respectivamente), seguido da pobreza e dos baixos salários (21,2% e 24%, respectivamente) e da falta de apoio ou estrutura familiar (12,7% e 11,5%) e da violência da polícia (11% e 11,5%).

Não há grandes diferenças entre a percepção dos jovens das diferentes religiões sobre as causas da violência. Observamos a seguinte configuração: para os evangélicos pentecostais, não-pentecostais, católicos praticantes e não-praticantes, a principal causa da violência da cidade é o tráfico de drogas, com uma média de 34% das citações. Os jovens dessas quatro formas de filiação religiosa citam, em seguida, a pobreza e os baixos salários, com uma média de 27,8% em cada uma.

Principal causa da violência no Rio de Janeiro



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 56

Para os jovens "sem religião" há números semelhantes: a maioria (43,5%) acredita que a principal causa da violência na cidade é o tráfico de drogas. Em seguida, 22% citam a pobreza e os baixos salários.

A que tipo de violência você está mais exposto?

Os jovens entrevistados acreditam estar mais expostos a serem assaltados com violência (40,8%) e a serem atingidos por bala perdida (31,9%). Há um número significativo de jovens que afirma estar exposta(o) ao estupro (10,4%) e a acidentes de trânsito (9,9%). A violência policial tem 6,5% das citações (gráfico 57).

É interessante observar que as formas de violência atingem homens e mulheres e as várias faixas etárias de maneira diferenciada. Os homens estariam mais expostos a assalto com violência (49%) do que as mulheres (34,2%) e os jovens com mais de 21 anos (44,4%) mais do que os menores de 18 anos (37,6%). Por outro lado, as mulheres pensam estar mais expostas a serem atingidas por bala perdida (37,1%) do que os homens (25,5%). Enquanto sofrer acidente de trânsito é citado igualmente por ambos os sexos (9,7% do sexo feminino e 10,2% do sexo masculino), a violência policial é majoritariamente citada pelos homens

A que riscos os jovens se sentem mais expostos

40,8% Ser assaltado com violência

31,9% Ser atingido por bala perdida

10,4% Sofrer estupro

9,9% Sofrer acidente de trânsito

6,5% Sofrer violência policial

0,4% Outro

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 57

A que riscos os jovens se sentem mais expostos por AP Sul

53,5% Ser assaltado com violência

23,6% Ser atingido por bala perdida

10,2% Sofrer acidente de trânsito

8,7% Sofrer violência policial

3,1% Sofrer estupro

0,8% Outro

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 58

A que riscos os jovens se sentem mais expostos por AP Norte

43,8% Ser assaltado com violência

32,3% Ser atingido por bala perdida

9,9% Sofrer estupro

7,8% Sofrer acidente de trânsito

5,6% Sofrer violência policial

0,6% Outro

Fonte: UPAD/ISER

gráfico 59

jovens (12,2%), do que pelas mulheres (2%). O estupro, por outro lado, é mais citado pelas mulheres (16,7%), por 2,5% dos homens, pelos jovens menores de 18 anos (15%), mais do que pelos jovens entre 18 e 20 anos (8,5%) e os maiores de 21 anos (6,1%).

No que se refere à classe social, observamos que os jovens das classes A/B se vêem mais expostos a serem assaltados com violência (54,1%) do que os jovens da classe C (36,3%) e D (27,6%). Ser atingido por bala perdida é uma possibilidade mais citada por jovens da classe C (37,3%) e da classe D (33,6%) do que por jovens da classe A/B (22,4%). Note-se que sofrer acidente de trânsito ou violência policial não varia significativamente por classe. Já o estupro é uma violência citada por 7,5% dos jovens das classes A/B; 9,7% dos jovens da classe C e significativos 19,8% dos jovens da classe D.

Quanto às regiões da cidade, há mudanças importantes quanto à percepção do risco de sofrer violência (gráficos 58 a 61).

Ser assaltado(a) com violência é citado por 53,5% dos jovens que moram na AP Sul, 43,8% dos jovens da AP Norte; 38,8% dos jovens da AP Baixada Litorânea e 30% dos jovens da AP Oeste.

Os jovens da AP Oeste (39,6%) e da AP Norte (32,3%) são os que mais se sentem expostos a serem atingidos por bala perdida, em relação a 24,8% dos jovens da AP Baixada Litorânea e 23,6% dos jovens da AP Sul.

Sofrer acidente de trânsito é um risco significativamente mais citado pelos jovens da AP Baixada Litorânea (17,4%), seguido de longe pelos jovens da AP Sul (10,2%) e das APs Oeste (9,2%) e Norte (7,8%).

A percepção sobre o risco de sofrer violência policial é mais citada pelos jovens da AP Sul (8,7%), em seguida, temos a AP Baixada Litorânea (7,4%), a AP Oeste (6,5%) e a AP

Norte (5,6%). O estupro é mais citado pelos jovens da AP Oeste (14,7%), da Baixada Litorânea (11,6%) e AP Norte (9,9%), na AP Sul é citado por apenas 3,1% dos jovens.

Somente em duas situações a cor do entrevistado parece fazer diferença na avaliação do risco a que se está exposto. Dentre os que se declaram brancos, 49,7% afirmam estar mais expostos a assalto com violência e a bala perdida (23,9%). Dentre os que se declaram pardos, 45,7% sentem-se expostos a assalto com violência e 31,7% a bala perdida. Os que se declaram negros sentem-se mais expostos a bala perdida (44,5%) e a assalto com violência (27,1%).

As jovens temem mais a violência sexual. O tipo de violência que as jovens mais temem é a violência sexual. Sofrer estupro foi citado por 41,5% do total de entrevistados. Neste caso, a marca de gênero é forte: do total das mulheres, 66,5% citaram o estupro, em relação a apenas 9,7% dos homens.

Os rapazes temem mais bala perdida, assalto e violência policial. Do total de jovens entrevistados, 23,6% temem ser atingidos por bala perdida, índice que sobe para 31,1% entre os homens e cai para 17,8% entre as mulheres. Do total de jovens, 19,2% temem ser assaltados com violência, mas para 31,6% dos homens, temos 9,4% das mulheres. Por fim, 8,3% dos jovens citam a violência policial (16,8% dos jovens homens e apenas 1,6% das mulheres) e 6,4% apontam o temor sofrer acidente de trânsito (9,7% dos homens e 3,8% das mulheres).

A que riscos os jovens se sentem mais expostos por AP Baixada Litorânea

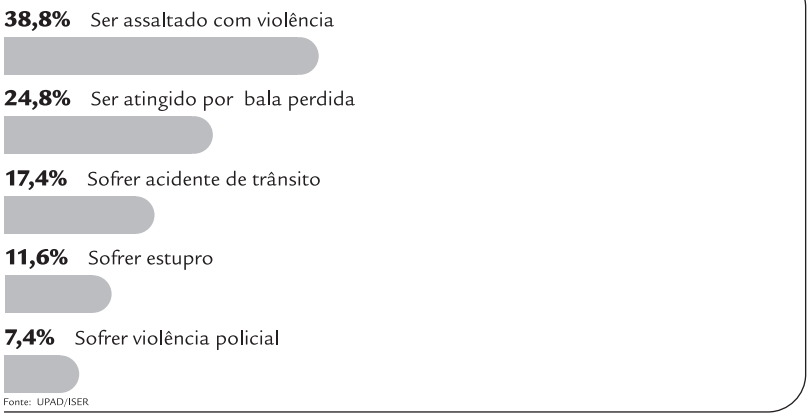


gráfico 60

A que riscos os jovens se sentem mais expostos por AP Oeste

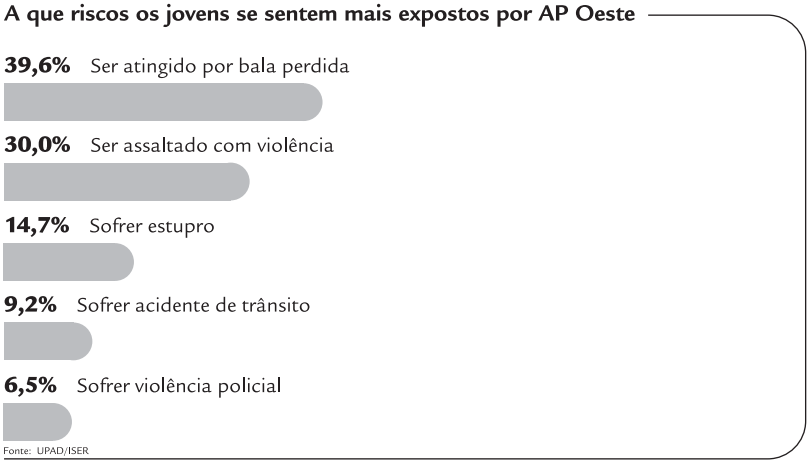


gráfico 61

Tipo de violência que os jovens mais têm medo por gênero

feminino
masculino

Ser assaltado com violência
9,4%
31,6%

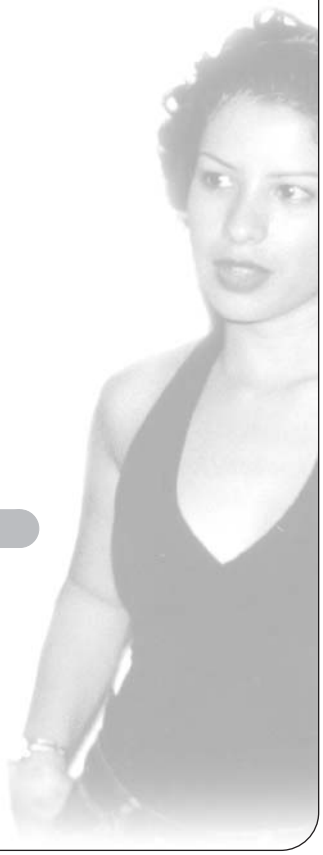
Ser atingido por bala perdida
17,8%
31,1%

Sofrer violência policial
1,6%
16,8%

Sofrer acidente de trânsito
3,8%
9,7%

Sofrer estupro
66,5%
9,7%

Outro
0,9%
1,1%



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 62

expressões da política

A maioria dos jovens (56%) votariam mesmo que não fosse obrigatório. Esse resultado varia significativamente quando fazemos um recorte da escolaridade dos entrevistados.

Quanto mais escolaridade, maior o desejo de votar. Votariam se não fossem obrigados 40% dos que têm primário incompleto, 43,3% dos que têm até primário completo, 47,7% dos que têm 1º grau incompleto, 56,9% dos que têm 1º grau completo, 57,5% dos que têm 2º grau incompleto, 58,4% dos que têm 2º grau completo e 72,4% dos universitários.

Do total, 21,6% dos entrevistados disseram que se identificam ou simpatizam com um partido político.

Entre os jovens que se identificam com algum partido político, o mais citado foi o Partido dos Trabalhadores (13,1%).

O segundo partido com o qual os jovens entrevistados mais se identificam é o PDT (2,5%).

A identificação dos jovens com outros partidos de esquerda (Comunistas, PSB e PSTU) representa apenas 0,8% do total.

Já os partidos PFL, PMDB, PRONA, PSC, PSDB e PTB alcançam somados a identificação de 4,2% dos jovens.

Com o objetivo de conhecer as opiniões dos jovens sobre os atuais movimentos e manifestações políticas, perguntamos se concordam ou discordam das ocupações de terras improdutivas para fins de reforma agrária, greves por melhores salários, manifestações pela paz (tais como Reage Rio e Basta! Eu quero paz) e manifestações pelo perdão ou não pagamento da dívida externa.

Formas de ação política que os jovens apóiam

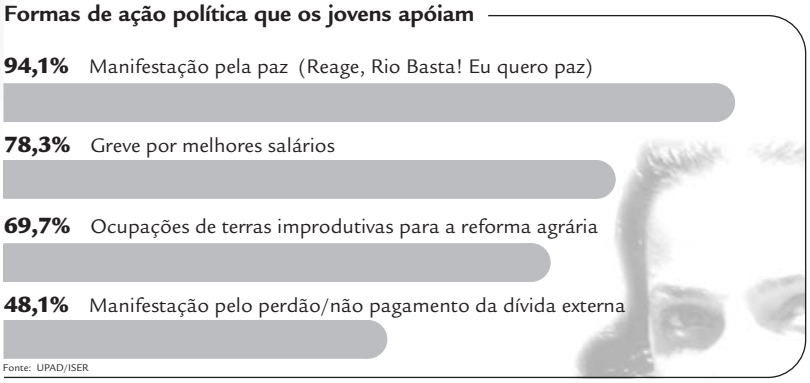


gráfico 63

As manifestações pela paz são o tipo de protesto que os jovens mais apóiam: 94,1% do total são a favor.

A realização de greves por melhores salários é apoiada por 78,3% dos jovens entrevistados.

Em relação à ocupação de terras improdutivas para reforma agrária, o significativo número de 69,7% dos jovens entrevistados concordam com esta prática.

A questão que mais dividiu os jovens foram aquelas relacionadas ao perdão da dívida externa, que ganhou apoio de 48,1%.

Dentre os jovens da classe A, estão os que mais apóiam as manifestações pelo perdão ou não-pagamento da dívida externa. (64,7%). Todos apóiam as manifestações pela paz, 88,2% as ocupações de terra para reforma agrária e 76,5% as greves por melhores salários.

Na classe B, o apoio às manifestações pela paz é quase total (95%), seguido das greves por melhores salários (76%), a ocupação de terras improdutivas para reforma agrária (74,4%) e as manifestações pelo perdão ou não-pagamento da dívida externa (49,2%).

Os jovens da classe D são os que mais apóiam as greves por melhores salários (82,9%). Os jovens da classe C também dão significativo apoio às greves (79 %). Por outro lado, quanto ao perdão ou não-pagamento da dívida externa, o número de jovens dessas classes que discordam supera o número daqueles que concordam, 48% são a favor. O apoio à ocupação de terras improdutivas para reforma agrária é de 69,3% dos jovens da classe C e de 60,7% dos jovens da classe D. Nas classes C e D também verifica-se forte apoio dos jovens às manifestações pela paz, num total de 93,9% da classe C e de 94,9% da classe D.

Levando-se em conta a religião dos entrevistados, observamos que **as ocupações de terras improdutivas para reforma agrária são relativamente mais aprovadas pelos jovens que se declararam espíritas kardecistas (82%)**. Dentre os jovens de outras religiões, o percentual de apoio às ocupações de terra fica em torno de 71% (católicos não-praticantes, evangélicos pentecostais e de religiões orientais), o mesmo para os jovens que não têm religião.

As greves por melhores salários são relativamente mais apoiadas pelos evangélicos pentecostais (82,3%), pelos católicos não praticantes (80,4%) e pelos que não têm religião (81,5%).

As manifestações pela paz são apoiadas por mais de 90% dos jovens de todas as religiões – os únicos que tendem a apoiar um pouco menos (85,3%), embora o percentual ainda seja alto, são os jovens evangélicos não-pentecostais. As manifestações pelo perdão da dívida externa[1] são mais apoiadas pelos católicos praticantes ou não praticantes (51%), pelos evangélicos não pentecostais (50%) e pelos que não têm religião (47%). Os que menos apóiam esse tipo de manifestação são os evangélicos pentecostais (41,6%) e os espíritas (38%).

Você participa de quê?

Grande parte dos jovens participa de grupos de igrejas. A participação em espaços coletivos dos jovens se dá principalmente através dos grupos ou de movimentos vinculados igrejas (69,1%). A participação nos grupos de igreja se concentra entre jovens com até 20 anos (por volta de 70%) e é menor entre os jovens com mais de 21 anos (64,7%).

O movimento estudantil também conta com a participação de um número expressivo de jovens. Do total de entrevistados, 48,2% participam ou já participaram deste movimento[2]. Em seguida, 20,3% dos jovens afirmam ter participado ou participar de movimento ecológico ou ambientalista; 17,5% participam ou já participaram de atividades comunitárias em associações de moradores, 9,8% de partidos políticos e 7,6% fazem ou já fizeram trabalho voluntário em ONGs (gráfico 64).

Movimentos ecológicos e comunitários são os que mais despertam o interesse dos jovens. **Partidos políticos despertam menos interesse**. Por outro lado, dos movimentos em que os jovens gostariam de participar, o movimento ecológico ou ambientalista e as atividades comunitárias em associação de moradores são os que mais atraem o interesse dos jovens (73,3% e 69,1%, respectivamente). Em seguida, 48,4% dos jovens afirmam que gostariam de fazer trabalhos voluntários em ONGs e 45% dos jovens citam o movimento estudantil como objeto de seu interesse de participação. A vontade de participar de movimentos ou grupos de igreja congrega 24,3% dos jovens entrevistados.

1 Esse tipo de manifestação estava vinculado ao Jubileu 2000.

2 Consideramos movimento estudantil não apenas aquele nas entidades estudantis conhecidas (UNE, UBES, AMES, etc.), como também a participação em grêmios estudantis e/ou representação estudantil na escola ou universidade. A participação no movimento estudantil se concentra mais entre os jovens entre 18 e 20 anos (52,7%), do que em relação aos jovens entre 15 e 18 anos (46,8%) e entre 21 e 24 anos (43,9%).

O menor percentual de interesse dos jovens é quanto à participação em partidos políticos, citada por 13,9% do total dos jovens (gráfico 65).

Mulheres participam mais do que homens em grupos de igrejas e homens participam mais no movimento estudantil. No recorte por gênero, observamos que as mulheres participam mais do que os homens em movimentos ou grupos ligados a igrejas (72,4% das mulheres e 64,8% dos homens), enquanto que os homens participam um pouco mais do movimento estudantil (51,1% dos homens e 45,9% das mulheres) e dos partidos políticos (9% das mulheres e 11% dos homens).

Meio ambiente atrai as classes mais altas. Enquanto o recorte por classe social não revela variações significativas entre os jovens que participam do movimento estudantil e aqueles que participam de movimentos de igrejas, há uma tendência dos jovens das classes A e B a participar mais do movimento ecológico/ambientalista (por volta de 25%), em relação às classes C (19,6%) e D (14,9%). A participação em partidos políticos é mais freqüente entre jovens das classes C (10,7%) e D (14,9%), comparando-as aos jovens das classes A e B (apenas 6,2%). A participação em associações de moradores em trabalhos comunitários é ligeiramente mais comum entre os jovens da classe B (22,3%), do que entre aqueles das classes C (16,4%) e D (14,9%). Ser voluntário em ONGs é mais freqüente nas classes B e C (8,5% e 8,9%, respectivamente) do que na classe D (2,7%).

Orientais, evangélicos e católicos praticantes lideram a participação em grupos de igrejas. É interessante observar os resultados do cruzamento entre religião do entrevistado e participação dos grupos de igreja. Os jovens das religiões orientais são os que mais participam de grupos de sua igreja (72,7%), seguidos pelos evangélicos pentecostais (68,8%), pelos evangélicos não-pentecostais (61,8%) e católicos praticantes (60%). Dentre os afro-brasileiros, o percentual é menor (35,7%), assim como entre os espíritas (30%). É surpreendente, porém, que 26,9% dos jovens que se declaram católicos não-praticantes já participaram de algum grupo de igreja, assim como 31,7% dos que declaram não ter religião. Essas informações ratificam a idéia de que as igrejas são espaços de agregação social, em uma determinada fase da vida de muitos jovens.

Participam ou já participou

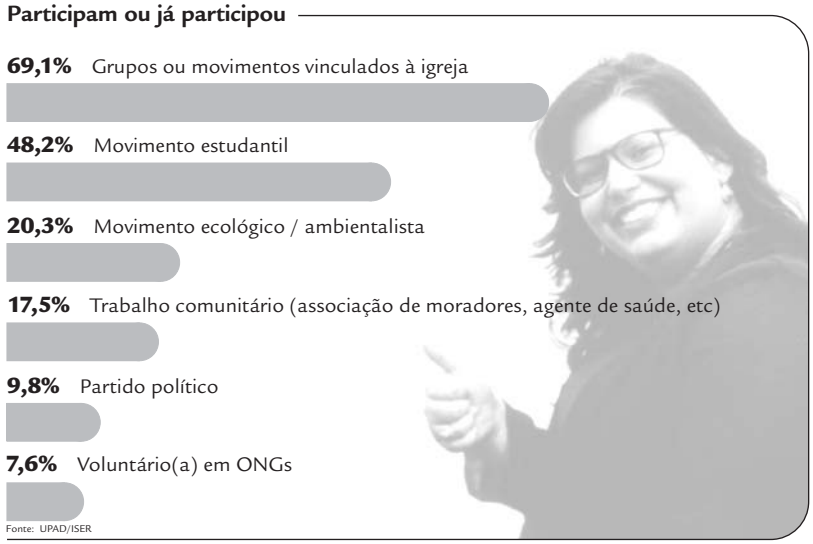


gráfico 64

Se não participou gostaria de participar

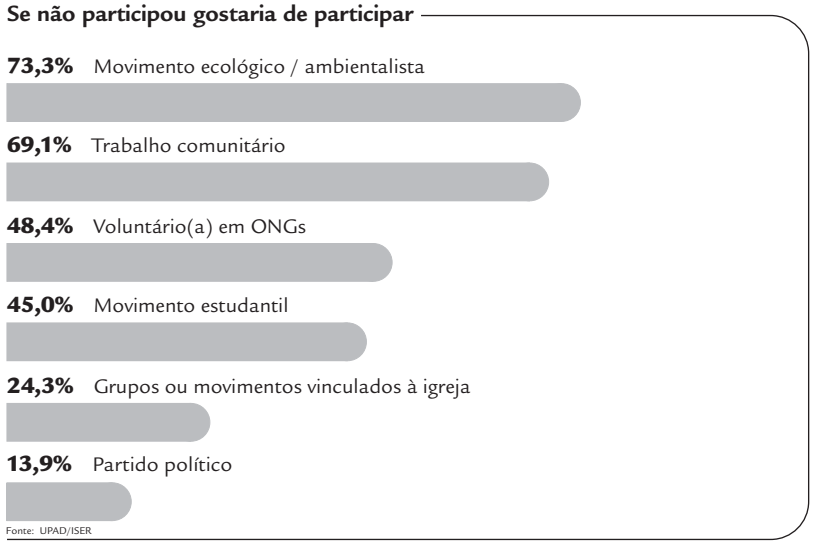


gráfico 65

Desemprego, violência e má administração política: os problemas do Brasil.

Na pergunta em que indagamos qual o pior problema do Brasil, os jovens só podiam escolher um dos problemas da lista, montada a partir de outras pesquisas em que essa pergunta era aberta[3]. De um modo geral, os entrevistados expressavam o desejo de marcar mais do que uma opção, mas o entrevistador esclarecia que apenas um problema, aquele que o jovem considerasse o pior de todos, poderia ser escolhido. Obtivemos um dado bastante interessante: um empate entre três problemas – o desemprego, a violência e a má administração política do país, cada um em torno de 20% do total das respostas dos jovens. Em seguida, 14,6% dos jovens citaram a desigualdade social, 13,8% a fome ou a miséria, 8,1% a educação e 1,3% a saúde (gráfico 66).

O **recorte de gênero** introduz modificações nessa ordem de priorização dos problemas.

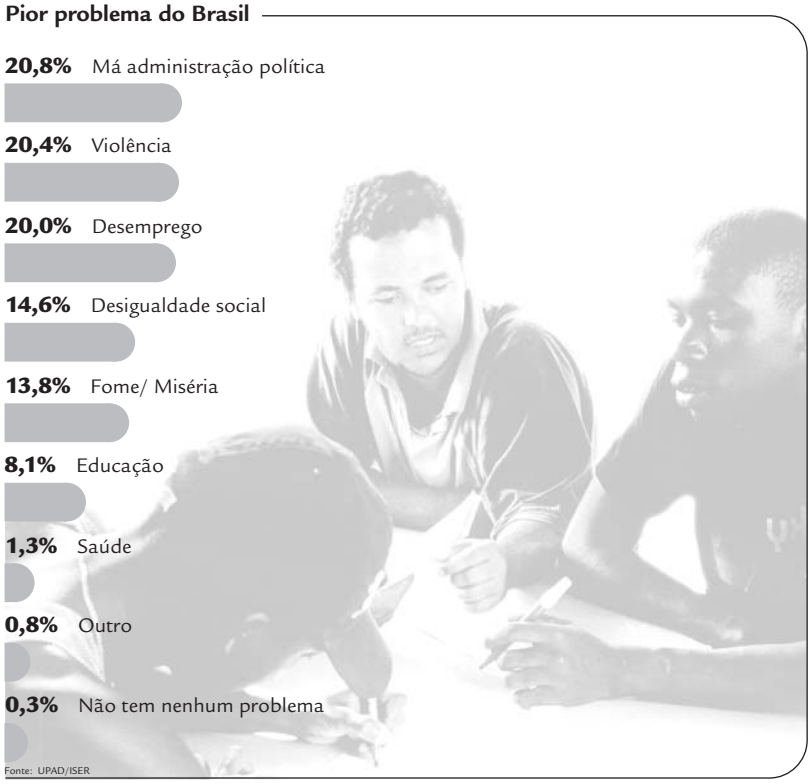


gráfico 66

Para as mulheres, o principal problema do Brasil é a violência (24,7%), enquanto que para os homens, o principal problema é a má administração política (24,1%) (gráfico 67).

O recorte de classe também traz modificações no "ranking" dos piores problemas do país. Para a classe A, o principal problema do Brasil é a educação (38,9%). Para a classe B, o principal problema do país é a má administração política (23,1%). Para a classe C, o principal problema do Brasil é o desemprego (24,5%). Para os jovens da classe D, a violência é o principal problema do país, apontada por expressivos 30,5% dos jovens dessa classe (gráficos 68 a 71).

Grau de confiança nas instituições

As instituições que os jovens entrevistados **mais confiam** são a **escola** e a **igreja**. As **associações de moradores** vêm em terceiro no grau de confiança e, em quarto, temos os meios de comunicação. As três instituições que os jovens **menos confiam** são o **Congresso Nacional**, o **Governo Federal** e, por último, a **polícia** (gráfico 72).

Os homens jovens têm mais confiança na **escola** do que as mulheres jovens. Dentre eles, 41,5% deram nota 10, enquanto 33,8% das mulheres deram esta mesma nota. Os jovens da classe D afirmam confiar totalmente na escola (49,6%), mais do que os jovens de outras classes. Na classe C, 40% declararam que confiam totalmente na escola e, nas classes A/B, apenas 27% dos jovens. São os jovens da Baixada Litorânea (38,8%) e aqueles da AP Oeste (48,8%) os que mais confiam na escola, em relação a 33,3% dos jovens da AP Norte e 25,8% dos jovens da AP Sul.

Em relação ao grau de confiança na **igreja**, as mulheres confiam mais nessa instituição do que os homens: 45,5% afirmam confiarem totalmente, em relação a 37,6% dos homens. Os jovens mais novos têm maior confi-

3 Cf. Venturi & Abramo, 2000.

ança na igreja do que os jovens mais velhos: dos entre 14 e 18 anos, 45% confiam totalmente na igreja; já entre os que têm 18-20 anos são 42,6% os que têm total confiança na igreja, percentual que cai para 37,2% daqueles jovens com mais de 21 anos.

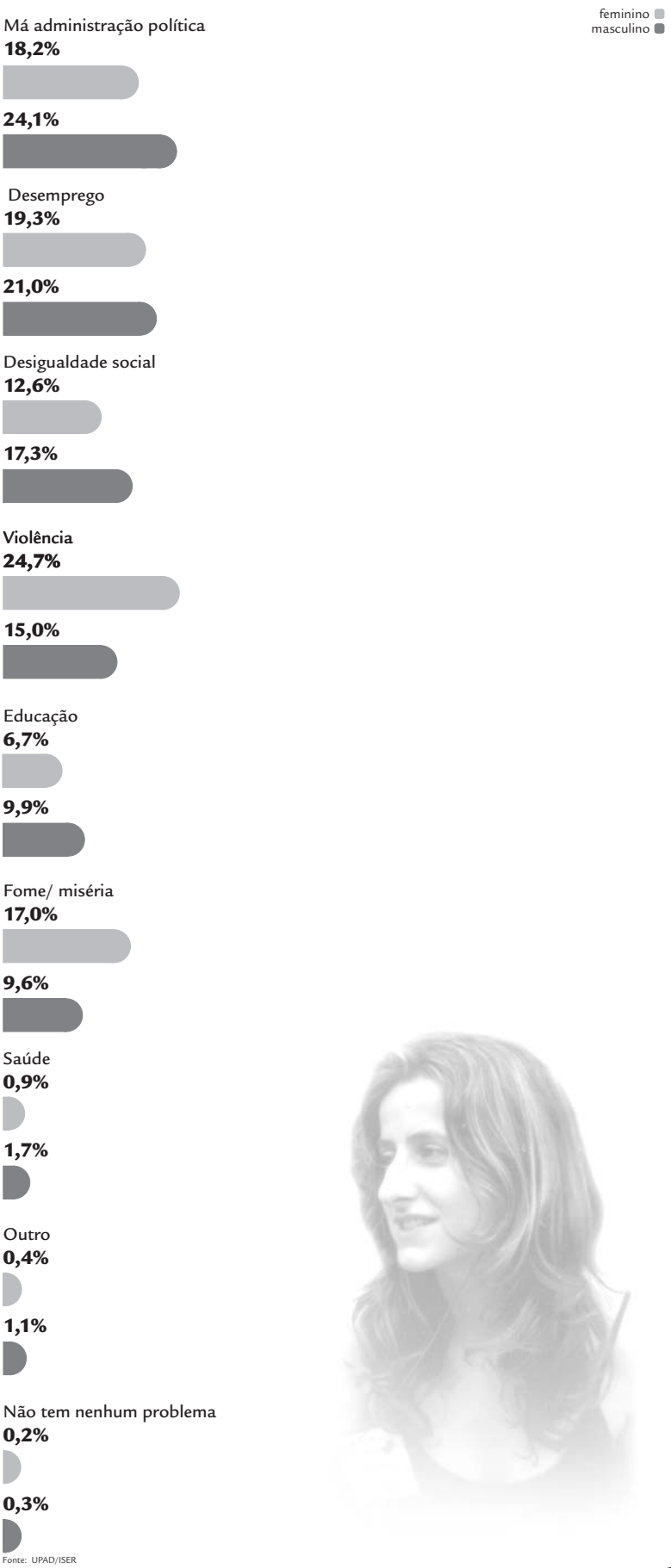
A dimensão da classe social parece desempenhar um papel fundamental na confiança dos jovens na igreja: dentre os jovens da classes D, 61,5% confiam totalmente na igreja; entre os da classe C são, 43,6% confiam e na classe B, 30,5% os que confiam totalmente, metade do percentual da classe D. Na classe A, temos 27,8% dos jovens que confiam totalmente na igreja. Os dados indicam portanto, uma possível correlação entre nível de pobreza/exclusão dos jovens entrevistados e um maior grau de confiança na instituição religiosa.

Por outro lado, também é relevante a relação entre grau de confiança na igreja e região da cidade do Rio: dos jovens da AP Oeste, 60,5% confiam totalmente na igreja, na AP Baixada Litorânea, temos 47,9% de confiança total, na AP Norte, esse percentual cai para 34,1% e na AP Sul, cai ainda mais para 24,6%.

Relacionando o grau de confiança na igreja e as formas de participação dos jovens em movimentos sociais e políticos, é interessante notar que aqueles que participam ou já participaram de partidos políticos, 51% confia totalmente na igreja, o que pode denotar que fé religiosa e crença política não são excludentes. Dos jovens que participam ou já participaram do movimento estudantil, temos um índice de confiança na igreja também alto: 39,5%, assim como dentre os jovens que fazem trabalhos comunitários.

Quanto ao grau de confiança nas **associações de moradores**, os jovens da classe D têm um maior grau de confiança, 38%. Já dentre os jovens da classe C, este percentual é de 27,9% e das classes A/B, de 14,2%. O

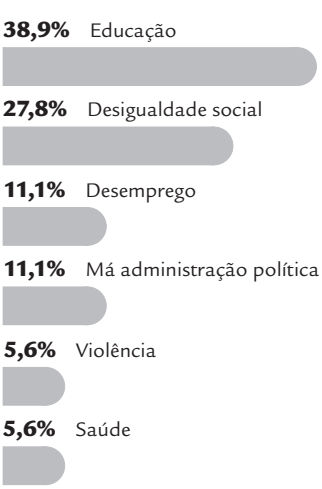
Pior problema do Brasil por gênero



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 67

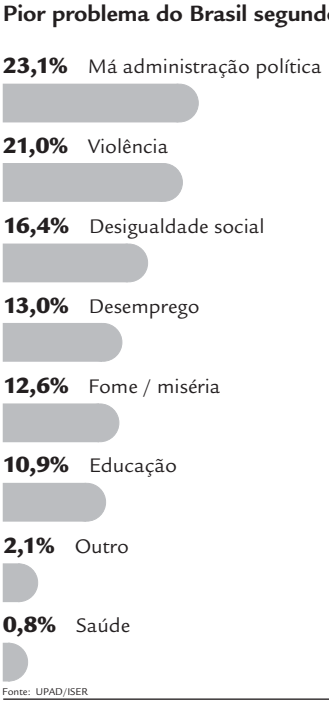
Pior problema do Brasil segundo a Classe A



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 68

Pior problema do Brasil segundo a Classe B



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 69

Em pesquisa nacional realizada pelo Instituto Perseu Abramo em 1999, entrevistando jovens de 15 a 24 anos residentes em 9 regiões metropolitanas, os principais problemas do país são: desemprego (47%), violência (40%), administração política do país (26%), fome/miséria (23%), educação (11%) e drogas (10%).
(Cf. Abramo, H. & Venturi, G. 2000)

grau de confiança não varia segundo gênero ou idade, mas é maior nas APs Baixada Litorânea (30,8%) e Oeste (31,6%) do que nas APs Sul (14,5%) e Norte (22,2%).

Quanto aos **meios de comunicação** (jornal, rádio e TV), observamos uma polarização entre os jovens: há aqueles que confiam neles totalmente (20,4% deram nota 10) e jovens mais céticos (21,7% deram nota 5). Quanto à classe social é marcante que 33,9% dos jovens da classe D tenham declarado que confiam totalmente nos meios de comunicação, percentual que cai para 19,8% na classe C e 14,2% nas classes A/B.

O grau de confiança em relação ao **Congresso Nacional** não varia significativamente com o gênero dos entrevistados. Há pequenas variações em relação à classe social: enquanto a média das notas dadas pelos jovens das classes A e B é 4, para os jovens das classes C e D, a média das notas é 5, denotando uma confiança um pouco maior no Congresso. É interessante notar que são os jovens que já participaram ou que participam de partidos políticos aqueles que menos confiam no Congresso Nacional. Destes, 30,4% deram nota zero, enquanto a média de rejeição dos jovens que participaram de outros movimentos é por volta de 19%.

Quanto ao grau de confiança no **governo federal**, observa-se que as mulheres são mais críticas ao governo federal do que os homens: 26,4% das entrevistadas deram nota zero para o grau de confiança no governo, em relação a 19% dos homens. É interessante notar que o grau de (des)confiança dos jovens em relação ao governo federal não varia muito entre as classes sociais. A única variação significativa é que na classe D, 6,8% dos jovens deram nota 10 para o governo, em relação a apenas 3,6% da classe C e 1,3% das classes A/B.

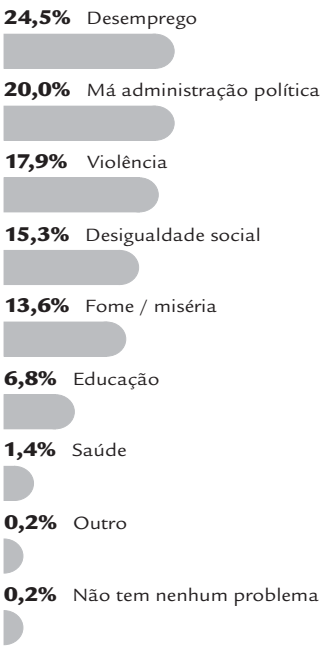
Em relação à **polícia**, observamos que os homens jovens entrevistados tendem a rejeitá-la um pouco mais do que as mulheres (28,9% dos homens, em relação a 23,9% das mulheres). Em relação às classes sociais, são os jovens da classe D os que mais desconfiam da instituição policial: do total dos jovens desta classe, 30,5% deram nota zero para o grau de confiança em relação à polícia, em relação aos também significativos 26,5% dos jovens da classe C e 21,8% dos jovens da classe B. Na classe A, um número alto de jovens – 44,4% – expressa total ausência de confiança na instituição polícia. Esses dados indicam que a aversão à instituição policial pode ser algo que une os jovens das diferentes classes sociais e regiões da cidade, uma vez que o grau de rejeição à polícia é muito semelhante nas diferentes APs, com exceção da AP Oeste, em que há um significativo número de jovens (8,4%) que confiam totalmente na polícia.

E as ONGs?

Indagamos aos jovens se eles conhecem alguma ONG – Organização Não-Governamental. O resultado foi que a maioria dos jovens (82,3%) não conhece nenhuma ONG, enquanto apenas 17,7% conhecem alguma. Mais homens do que mulheres conhecem ONGs – 22,2% em relação a 14,1% das mulheres. Dos jovens da classe A, 56,3% conhecem alguma ONG, na classe B são 25%, na classe C, esse número cai para 15% e na classe D, apenas 6,1%.

Conhecer ou não ONGs está relacionado com o grau de escolaridade dos entrevistados: dos jovens com até o primário completo ou primeiro grau completo ou incompleto, 9,3% e 9,4% respectivamente conhecem alguma ONG. Já entre os que têm segundo grau completo ou incompleto este número sobe para 23% e, dentre os jovens com superior completo ou incompleto, esse percentual sobe para 42,6% dos jovens.

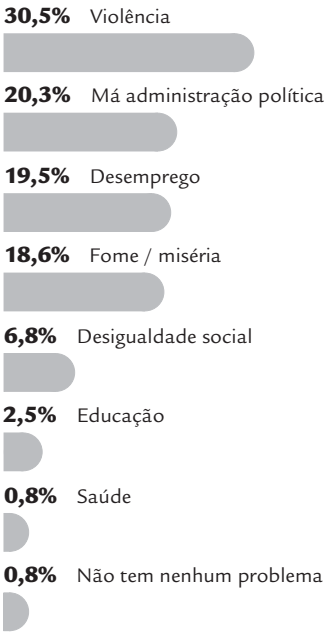
Pior problema do Brasil segundo a Classe C



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 70

Pior problema do Brasil segundo a Classe D



Fonte: UPAD/ISER

gráfico 71

gráfico 72

É possível supor que os jovens não conheçam a sigla ONG ou a expressão "organização não-governamental" (embora ambas as nomeações tenham sido citadas pelos entrevistadores na apresentação da pergunta). Como a expressão que se consagrou no vocabulário dos movimentos sociais comunitários é "projeto social", as parcerias entre associações locais e ONGs não são necessariamente conhecidas.

ídolos, medos e sonhos

O que é valorizado mais entre os jovens?

Sempre na busca de conhecer melhor quem são e o que pensam os jovens do Rio de Janeiro, pedimos aos nossos entrevistados que valorassem com notas de 0 a 10 determinadas metas e objetivos de vida.

Certamente, ao responder este tipo de pergunta, cada entrevistado também está dizendo como gostaria de ser visto, isto é, como gostaria de construir sua imagem para si e para os outros. As notas mais altas, acima de 9, reforçam valores socialmente bem aceitos. Já as mais baixas, foram atribuídas a itens controversos (dinheiro, ideologia política e fama) que produzem algum tipo de censura moral quando desejado explicitamente. Por isto mesmo, a despeito de reconhecermos a existência de estratégias de apresentação social, é importante atentar para as variações nas respostas (gráfico 73).

Quanto maior é a escolaridade do jovem entrevistado, menor o reconhecimento público da importância de "ter muito dinheiro" e "ser famoso".

As jovens valorizam mais a fé e a realização profissional que os rapazes que, por sua vez, valorizam mais do que elas "ter uma ideologia ou crença política". Vejamos as notas: ter fé ou crer tem grau máximo de importância para 82% das mulheres e 73,4% dos homens; ter um trabalho que te realize recebeu grau máximo de importância entre 88% das mulheres e 83,3% dos homens; ter uma ideologia ou crença política é tido como muito importante para 25% dos homens, em relação a 18,7% das mulheres.

Os jovens mais pobres são os que deram as notas mais altas em todos os itens. Com estas respostas, estes jovens (talvez com exceção do item fé) podem estar indicando uma consciência de tudo que lhes falta no presente. Vejamos as variações: dentre os jovens que deram importância máxima a "ter fé/crer", 83% pertencem à classe D, 81,6% pertencem à classe C, 71,1% à classe B e 61,1% à classe A. "Aproveitar a vida" foi mais citado por jovens da classe D (82,2%) do que por jovens da classe C (78,4%) e das classes A/B (72%) e "ter um diploma", foi mais citado como tendo importância máxima pelos jovens da classe D (83,9%), seguido pela classe C (77,6%), pela classe B (66,9%) e, por fim, pela classe A (44,4%). "Ter muito dinheiro" teve mais notas máximas entre os jovens da classe D (41,5%), da classe C (31,5%) do que entre os jovens da classe B (19,7%) e A (22,2%). "Ser uma pessoa famosa" é considerado muito importante por 36,4% dos jovens da classe D, 19,8% dos jovens da classe C e apenas 8,8% dos jovens da classe B (nenhum jovem da classe A deu nota máxima a este valor). A importância maior a ter uma ideologia ou crença política é mais levantada pelos jovens da classe D (29,5%), C (19%) e da classe B (23,5%).

Quem você mais admira?

Perguntar quem são aqueles que os jovens elegem como objeto de admiração, também é um caminho para entender um pouco mais sobre seus sonhos e aspirações. Em nossa pesquisa buscamos saber quem são as pessoas que mais admiram, aqueles com quem se identificam. Queríamos saber quem são os ídolos dos jovens cariocas. Porém, não

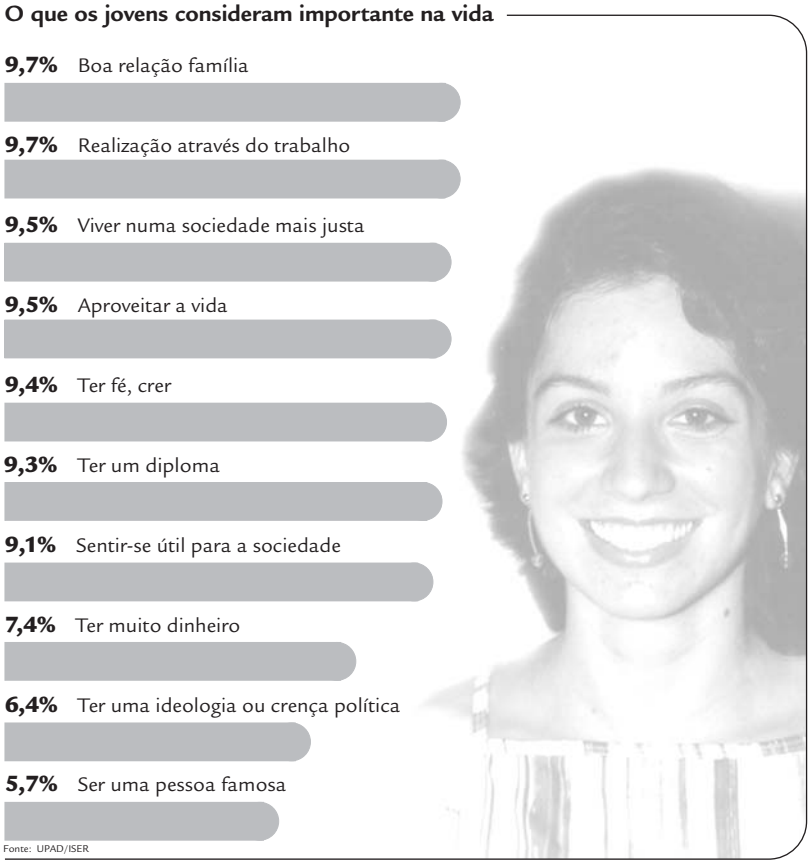


gráfico 73

usamos a palavra ídolo no questionário porque já sabíamos que essa palavra tem conotação negativa para alguns grupos de jovens. Para os mais politizados, quem tem um "ídolo" não tem pensamento próprio. Para os jovens evangélicos, ter "ídolos" remete à "idolatria" tão criticada nas devoções católicas expressas nas imagens dos santos. Por outro lado, também buscamos sair do âmbito familiar, da esfera da vida privada, na qual a admiração dos jovens, de maneira geral focaliza os membros da família[1]. Solicitamos, então, aos entrevistados que citassem "*uma pessoa conhecida do público em geral*" que admirassem.

Apenas 10% não responderam a esta pergunta. Entre os que responderam, 4,9% afirmam não ter admiração por ninguém em especial. Mas cerca de 86% dos jovens citaram seus personagens admirados. No total, foram computadas 230 citações diferentes distribuídas em diferentes áreas como esporte, política, religião e meio artístico. Em um conjunto múltiplo e disperso, na preferência dos jovens cariocas, dois personagens se destacaram muito: Xuxa e Betinho. Vejamos quem aparece em cada uma das áreas.

O esporte produz seus ídolos. O jogador de futebol Romário teve 35 citações (4,4%). Controverso, Romário é uma espécie de personalidade *macunaímica* que produz uma relação de "amor e ódio" com a torcida dos diferentes clubes pelos quais já passou. Sua imagem, veiculada na imprensa, mistura atributos positivos e negativos. Representa o menino pobre que ficou rico devido ao seu talento com a bola. Mas, também é visto como alguém que nem sempre está disposto a dar o melhor de si, pois costuma fazer "corpo mole", "é preguiçoso". Porém, por ser esperto e vaidoso, quando quer, acaba fazendo um (ou mais) gols. Mas, é interessante notar a importância que Romário tem no imaginário desta geração quando comparado com Zico e Pelé. Zico, referência do futebol carioca para os que hoje já não são "jovens", teve 7 citações. Pelé, ídolo do futebol nacional, teve apenas 6 votos .

Ainda na área de esportes, foram citados Ayrton Senna e Gustavo Kuerten, o Guga, por 16 e 18 jovens (2,3% e 2,0%)respectivamente. O automobilismo e o tênis, áreas de esporte outrora exclusivas das nações ricas do "primeiro mundo", já fazem parte das referências de um segmento de jovens desta geração que diversifica suas preferências em termos esportivos. Neste contexto, surge um sentimento de afirmação de identidade nacional expresso em frases do tipo: "nós também podemos", "nós também somos capazes" de fazer o que "eles" fazem.

Os políticos da vez. Com 2,5% do total e 20 citações, o governador Garotinho, foi o político mais citado espontaneamente pelos jovens. Com metade das citações, temos a Martha Suplicy (1,3%/10 citações), um número relevante, levando-se em conta que seu colégio eleitoral é São Paulo[2]. Sempre espontaneamente, os outros políticos citados foram Lula (6 citações), com duas citações Benedita, Brizola, Mário Covas, Ulisses Guimarães e Veronica Costa; com uma citação apareceram Tancredo Neves, Getúlio Vargas, José Serra, Ciro Gomes, Collor e Enéas.

1 Em outras pesquisas que fizemos sem especificar que os citados deveriam ser pessoas conhecidas do público em geral, os jovens citaram seus pais, sobretudo as mães. Esta é uma informação importante, mas não permite diferenciar os diversos perfis de jovens.

2 No momento da pesquisa, Marta Suplicy assumia a prefeitura de São Paulo e estava muito presente na mídia.

28 de junho de 1996
Largo de São Francisco
IFCS/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Encontro de jovens promovido pelo Grupo Geração/Jovens na Ação da Cidadania.

Neste dia, coordenador da Campanha, Betinho falou aos jovens:
"Dizem que os jovens são o futuro da humanidade... Eu quero dizer que vocês são o presente e têm que ser sempre o presente. No presente todas as idades são iguais. Eu tenho 60 anos e vivo meu presente, cada dia, cada hora.
Vocês podem ter 14, 18, 22 anos, que vocês também vivem esta hora. A minha hora é a mesma de vocês e os desafios que nós temos são os mesmos.
É claro que existem diferenças! Eu não posso subir três andares à pé. Vocês podem subir 11 andares se quiserem. Mas, se eu não posso subir com as pernas, subo com a cabeça.
Aceitar as diferenças é uma questão fundamental da democracia.A igualdade se constrói com as diferenças entre sexos, entre idades, entre raças, entre cores, entre religiões.
A cidadania deve se expressar através do respeito à diversidade. A paz se constrói no respeito às diferenças. E a PAZ só pode existir se não houver fome e abuso de poder.
Não basta estabilizar a miséria. Estabilizar a miséria é como um médico que me encontrando com 40 graus de febre me dissesse: vou estabilizar sua febre. Muito obrigado, eu não quero febre estabilizada. Eu quero acabar com a febre, eu quero acabar com a miséria.
Nós não queremos cultuar a culpa e tristeza em relação à pobreza e à miséria. O que nós queremos cultuar é a vontade, a força, a energia, a capacidade de mudar o mundo, de mudar o planeta, enquanto nós estamos vivos, enquanto nós estamos jovens. Jovens no físico. Jovens na consciência... na capacidade de se indignar e de se mobilizar".

Os religiosos se fizeram presentes. Na área da religião, Padre Marcelo Rossi foi o mais citado com 19 citações (2,4%). Ainda no campo católico, foram citados o Papa (4), Madre Tereza de Calcutá (2), Frei Betto (1), Padre Zezinho (1). Na área evangélica (0,6% do total) foram citados os Bispo Edir Macedo (2), Bispo Marcelo Crivela (2) e Bispo Renato Maduro (1) e o pastor Silas Malafaia.

Artistas e cantores. A atriz Vera Fischer teve 16 citações (2%), provavelmente devido à expressão da novela que estrelava na época das entrevistas. Em seguida, temos o apresentador Sílvio Santos, com 15 citações (1,9%) e os humoristas Renato Aragão (14 citações/ 1,8%) e Jô Soares (12 citações/ 1,5%). Os cantores mais lembrados foram Roberto Carlos (13 citações /1,6%) e Renato Russo (10 citações/1,3%). Como se pode notar, estilos e gerações diferentes foram lembrados pelos jovens entrevistados.

Xuxa e Betinho: os mais citados. As duas personalidades mais citadas pelos jovens foram a apresentadora Xuxa (com 7,8% / 62 citações) e o sociológo Herbert de Souza, o Betinho (com 7,5% do total/ 60 citações). É interessante notar como a figura de Xuxa continua catalisando a "tietagem" de muitos jovens. Personagem pública construída através de programas infantis de televisão, sucesso musical , sucesso de bilheteria de cinema e, até pouco tempo, com um programa dominical vespertino na poderosa Rede Globo, Xuxa marcou a infância desta geração de entrevistados. É conhecida de todos, independente de cor, gênero ou classe social. É sempre lembrada em conversas de jovens, é usada como referência para contrapor estilos. Para aqueles que dizem não gostar dela, ela representa o incentivo ao consumo, à alienação, "à ilha da fantasia". Para aqueles que gostam dela – como é o caso de uma significativa parcela de nossos entrevistados – ela representa beleza, talento, carisma e sucesso. Voltando agora, mais recentemente, a fazer programas infantis, Xuxa se candidata a ser uma destes raros produtos artísticos que passam de "pai para filho", "de mãe para filha", ou vice-versa.

Por outro lado, o que mais surpreende é a figura de Betinho ter tido quase o mesmo número de citações que Xuxa. Herbert de Souza, o Betinho, não teve o mesmo grau nem o mesmo tipo de exposição na mídia como teve e tem Xuxa. Ele só se tornou conhecido do grande público, a partir de 1992, através da *Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida,* conhecida simplesmente como "*Campanha contra a Fome"* ou "*Campanha do Betinho"*. O sucesso desta iniciativa deveu-se a uma peculiar combinação entre compromisso social, criatividade e determinado "marketing social" que convocava "*cada um para fazer sua parte*" para acabar com a fome e a miséria no Brasil. De diferentes maneiras, este apelo à solidariedade tocou consciências politizadas e mobilizou sensibilidades pessoais. Betinho que, por ser portador do vírus da AIDS, estava marcado para morrer, tornou-se um profeta "sem religião" que anuncia novas formas de atuar no espaço público, de

reinventar a política. Quando esta pesquisa foi feita, já se passavam quatro anos da morte do sociólogo, mas ele já tinha se tornado uma referência para esta geração. É escolhido para patrono de formaturas escolares, empresta seu nome a salas, grêmios estandantis, e também é usado em conversas entre jovens como um parâmetro para definir estilos e identidades juvenis. No relatório da pesquisa Percepções sobre a Qualidade de Vida no Rio de Janeiro (PNUD/Nações Unidas, 2000) há um trecho que exemplifica esta possibilidade. Diz o relatório: " Alguns grupos destacaram indivíduos cuja ação pessoal marcaram suas percepções (...). Cazuza e Betinho aparecem como indivíduos exemplares. No Santo Cristo, quando um jovem fez um comentário sobre a fome no morro, outro participante do grupo reagiu dizendo: *Calma Betinho!* Em seguida explicou que estava chamando o rapaz de Betinho porque *ele é todo humanista.*

E do que você tem medo?

São muitos os medos expressos pelos jovens entrevistados. Apenas 5,4% declaram não ter medos. As respostas sobre os medos dos jovens apresentam detonadores bem concretos e localizados tais como: "de trovão", "de barata", "de minhoca", "de escuro". Outras respostas expressam medos que poderiam ser classificados como existenciais, tais como "medo da destruição da terra pelos seres humanos", "medo de não ser feliz"; "medo de sofrer", "chegar aos 40 anos e ver que não fiz nada", "medo de enfrentar o mundo","frustração pessoal", "medo de gostar da pessoa errada", "medo de ficar pra titia". Muitos jovens (6,8%) declararam ter medo da "solidão", temor normalmente mais associado aos adultos e idosos. Um pequeno grupo de jovens relacionou seus medos à religião – "medo do castigo de Deus", "medo de morrer sem salvação", "medo que aconteça alguma coisa que abale a minha fé". Contudo, a grande maioria localizou-os na vida em tempo real. Neste contexto, destacaram-se duas dimensões: *o medo da morte e o medo do futuro.* Analisando o conjunto das respostas podemos dizer que no "*medo da morte*" se expressam várias características da insegura vida urbana atual e no "*medo do futuro*" expressam-se, mais uma vez, os sentimentos de uma geração que se defronta com um mercado de trabalho restritivo e mutante.

O medo da morte precoce: uma marca geracional?

Margulis e Urresti (1996) usam "moratória vital", como um conceito complementar ao de "moratória social". Afirmam eles: "terá mais probabilidades de ser jovem todo aquele que possua capital temporal como condição geral." De fato, no ciclo biológico da vida, são os jovens que se encontram mais longe da morte. É esta condição que explicaria o gosto pela aventura, a disposição para correr risco, a busca da adrenalina. No entanto, em nossa pesquisa, o medo mais citado pelos jovens foi o medo da morte ou o medo de morrer (16,8%), assim como o medo da perda do pai, da mãe e de familiares (15,1%). Dizem eles: "tenho medo de morrer cedo", "medo dos meus pais morrerem", "medo de morrer antes de criar os filhos", "medo de morrer injustamente", "medo de perder as pessoas que eu amo", "medo de sair de casa sem saber se vai voltar", "tenho medo de acontecer alguma tragédia com a minha família".

Podemos nos indagar até que ponto este medo da morte está relacionado com uma experiência geracional específica. Como já mostraram várias pesquisas, e também o Mapa da Violência produzido pela UNESCO (2002), hoje nas grandes cidades brasileiras, são os jovens que mais matam e que mais morrem. E, neste quesito, o Rio de Janeiro se destaca[3]. A chamada "violência urbana" estaria produzindo conseqüências nas percepções dos jovens no que diz respeito à morte? Não temos pesquisas anteriores para comparar os medos dos jovens de gerações diferentes. Porém, nas respostas obtidas há sinais desta correlação. Nossos entrevistados têm medo de "bala perdida", "da po-

3 No Rio de Janeiro recente, como já foi assinalado por vários autores, há evidências empíricas: os jovens (homens, negros e pobres) são as "vítimas preferenciais" de mortes por causa violenta. Sobre o assunto ver Soares (1996), Minayo (1999), Waiselfisz, J.J. (2000), Cano (1997 e 2001)

lícia", "do aumento da violência", "de estar no meio do tiroteio", " do tráfico de drogas dominar tudo", "de ser preso sem motivo", "de ser violentada", "de tiro", "de ser espancada e enterrada viva", "de violência e injustiça". Se levarmos em conta que a possibilidade da morte precoce está muito relacionada à violência e, dessa forma, somarmos os percentuais relacionados à morte e à violência, observamos que **50% do total dos jovens temem por suas vidas**.

Interrogações sobre um futuro incerto: o medo ligado ao mundo do trabalho

O medo de "não conseguir um emprego para manter a família" atinge 10% dos entrevistados, o temor de "não melhorar de vida" outros 10%, o de "piorar de vida" outros 4,8%. Os jovens escreveram ter medo: "de não conseguir um emprego", "de ficar desempregada", "de terminar os estudos e então não arrumar emprego", "de ficar impossibilitado de trabalhar", "de ficar pior do que estou", "de ficar velha e passar dificuldades", "de não realizar meus sonhos", "de não atingir meu objetivo profissional", "de não conseguir realizar minhas metas", "de não poder dar um lar para a minha filha", "de passar a vida sem colher frutos", "de ficar na miséria", "de passar fome", "de ter uma casa e depois não ter mais", "de virar mendigo", "do futuro", "de enfrentar o mundo".

O depoimento de uma jovem desempregada revela as dificuldades que a levam a ter medo do futuro: *"Com esforço cheguei ao 2º grau completo, mas sempre pedem outra especialidade. Alguns pedem curso de línguas, curso de informática... Nós fomos ver um estágio, chegamos lá, tinha advogado, tinha psicólogo, tinha tudo que você possa imaginar. Aí a gente fala: Nossa! O quê que a gente tá fazendo aqui? Me sinto perdida. Tenho medo do futuro"* (Jovem, moradora da Tijuca, Grupo Focal realizado em 2002).

As respostas corroboram a "preocupação com o futuro" que, como vimos no capítulo II, foi enfatizada como "a pior coisa em ser jovem". Relacionando respostas a perguntas abertas e fechadas, percebemos que o "medo do futuro" não remete a uma questão abstrata de ordem existencial, mas a questões concretas expressas em palavras como "colher frutos" e "ficar na miséria". Neste contexto, a palavra futuro entra fortemente em cena, dizem eles: "medo de não ter um futuro decente"; "medo de não ter um bom futuro"; "medo de não ser ninguém no futuro". Enfim, o medo de não realizar objetivos e não conseguir boas condições de vida.

Um grupo minoritário envolveu o Brasil e suas questões sociais em seus medos. Eles disseram: ter "medo da desigualdade social", "de não ter liberdade de expressão"; "medo que o Brasil piore cada vez mais"; "medo que o país se torne um caos".

E como vão os sonhos?

A última pergunta do questionário era "qual é o seu maior sonho?" Do total, apenas 1,6% declararam não ter sonhos. No conjunto das respostas obtidas, os sonhos parecem mais diversificados do que os medos: foram citados por volta de 600 sonhos diferentes. Mesmo assim, foi possível agrupá-los em vários conjuntos:

Estudo, profissões, empregos, realização profissional

Quase 40% dos jovens circunscreve seus sonhos na **dimensão do trabalho.**

Os sonhos mais lembrados pelos jovens relacionam **trabalho e estudo** (16,3%): "sonho completar os estudos", "acabar os estudos", "fazer faculdade" e "me formar"; "ser médico", "ser psicóloga", "ser economista".

Em seguida, vêm os sonhos relacionados a ter **emprego e estabilidade financeira** (15,3%): "arrumar um emprego bom onde eu ganhe bem", "conseguir um bom trabalho", "conseguir um emprego digno", "estabilidade no emprego", "encontrar um emprego", "passar

num concurso público"; "que o meu marido arrume um emprego de carteira assinada", "ter um emprego que me dê segurança".

Mas há também os que dizem querer mais, estes falam em "**realização profissional**" (7,4%), ou "ser músico", "ser goleiro", "ser DJ profissional". Tendo em vista a articulação entre as dimensões do emprego e da realização profissional, talvez nem tanto na prática, mas nas representações dos jovens.

Realização pessoal, ser feliz, casar, ter e prover a família

Do total, 19,8% dos sonhos poderiam ser classificados como busca de "realização pessoal". "Ser feliz" foi literalmente (e sempre enigmaticamente) citado por 9,6% dos entrevistados. Outros 8,3% detalharam seus sonhos de realização existencial ou afetiva, tais como: "amadurecer", "ver a filha crescer com saúde", "casar e ser mãe", "casar e ter filhos", "ser livre", "nunca parar de sonhar", "ter uma família", "ver todos felizes", "viver feliz com o meu marido". Uma outra pequena parte (1,9%) também falou sobre "prover" a família: "ser um chefe de família que nunca deixará faltar nada para meus filhos", "dar uma vida melhor para a minha mãe", "dar tudo para os meus filhos", "dar uma casa para a minha mãe".

A família continua em alta. Em outra pergunta, do total de jovens, 91,6% dizem que pretende ter filhos e apenas 8,4% dizem que não. Embora estes números indiquem apenas uma intenção (e não uma decisão concreta) podemos dizer que o desejo de ter filhos reafirma o valor que os jovens atribuem à família e representa um projeção quanto ao futuro.

Ser rico, conseguir coisas materiais

Do total, 15,8% falam em subir na vida e – mais concretamente – nos bens materiais que almejam. Há os jovens que sonham em enriquecer (5%) – "ficar rico", "ter muito dinheiro", "ser rico". Outros 10, 8% formularam respostas como estas: "ter casa própria"- a mais citada – "ter dinheiro para viver bem", "televisão", "ter minha casa mobilizada", "ter um carro", "ganhar na megassena", "ganhar dinheiro e comprar uma casa fora daqui", "ir à Disney", "ter uma BMW", "ter uma casa em Angra com Iate", "comprar uma casa em Copacabana".

"Tudo que desejam": combinar realização profissional e afetiva

Do total, 13,6% dos entrevistados optaram pelo sonho de conseguir realizar tudo o que desejam. Nesta categoria, a ênfase parece estar na combinação entre a dimensão profissional e a afetiva. No grupo dos que querem "realizar tudo que desejam" destacam-se as seguintes formulações: "realização na vida", "conquistar meus objetivos", "conquistar meus ideais", "realização dos meus objetivos, arrumar um bom emprego e formar uma boa família", "construir uma família e participar de uma Olimpíada". Entre estes, estão os que resumem: "conseguir se realizar profissional e afetivamente" (2,8%).

Sempre há quem reconheça que deseja ficar famoso

Do total de jovens entrevistados, 5,6% sonham em ficar famosos ou em serem reconhecidos: "entrar no campo com a camisa 10 do Flamengo e ser independente", "ser um grande líder religioso", "ser um pagodeiro famoso", "ser um famoso cabelereiro", "ser um profissional respeitado", "ser alguém importante".

Há também quem sonhe com menos desigualdade, mais justiça e paz

Do total, 1,4% têm sonhos ligados à melhoria geral da sociedade. Estes dizem que sonham "viver numa sociedade mais justa", "ter mais paz", "que o mundo melhore", "que acabe a violência", "acabar com a violência", "que o Brasil vire Primeiro Mundo", "que os governantes mudem o Brasil para melhor"," que haja mais justiça social", "igualdade de oportunidades para todos e um mundo sem preconceitos".

NOTAS FINAIS

Circuitos de lazer

Na cidade do Rio de Janeiro, ser jovem é ter ido (ou querer ir) para as quadras de escola de samba, para a feira de São Cristóvão e para a Lapa. Por estes espaços, que ficaram no topo do "ranking" dos locais mais freqüentados, transitam jovens oriundos de diferentes locais e com grandes diferenças de poder aquisitivo. São espaços "democráticos", que aceitam galeras diversas.

Também e ao mesmo tempo, os bailes Charme, espalhados sobretudo pela zona norte, definidos como um "funk sem violência", estão em alta. No Rio, prestígio especial têm o baile funk de Rio das Pedras, conhecido por quase 88% dos jovens entrevistados e o baile funk da Ladeira dos Tabajaras, conhecido por 60% deles. Também foram muito citadas, três casas de show e dança: a Ilha dos Pescadores, o Olimpo e a Fórmula Sport Bier que oferecem uma diversidade grande de estilos musicais.

Por outro lado, outros espaços de lazer foram acionados para demarcar identidades: a Quinta do Bosque é para quem valoriza o forró e o reggae; no Viaduto de Madureira é onde acontecem bailes de black music e charme aos sábados; no conjunto de bares que compõe o "Baixo Gávea" predominam jovens "alternativos", muitos dos quais também vão à Lapa e às festas Rave. No entanto, pelas respostas obtidas nesta pesquisa, estas fronteiras não são tão rígidas pois os que poderiam ser classificados como "Mauricinhos", por freqüentar o El Turf e a Ilha dos Pescadores, também não deixam de passar pelo Baixo Gávea.

Já a Zoeira Hip Hop, que também fica na concorrida Lapa, embora fosse conhecida por 58% dos entrevistados, recebe um grupo bem mais delimitado, aos que se identificam com rap, break e grafite.

Fora deste circuito centro/zona sul, as Lonas Culturais surgem como opção para jovens moradores de outras áreas da cidade. As mais citadas foram a Lona de Irajá/Vista Alegre, Bangu e Realengo. Contudo, segundo as respostas obtidas, entre seus freqüentadores não estão os mais pobres (só 7% dos jovens da classe D já foram às Lonas) e sim jovens que se identificaram como parte da classe média baixa (56,6%, classe C) e da classe média (32,5%, classe B).

Mas, se fosse preciso dizer apenas duas palavras sobre as preferências de lazer dos jovens cariocas, elas seriam: a praia e a Lapa. A praia é o denominador comum das preferências entre todos jovens cariocas: todos gostam de ir à praia e para todos a praia faz parte do fim de semana ideal. Certamente, o acesso à praia nos fins de semana diferencia os jovens por local de moradia. Os jovens moradores de áreas distantes das praias "valorizadas" da zona sul, de acordo com suas posses, precisam se deslocar de carro ou dependem de ônibus para chegar às praias. Ou seja, neste item, "morar na zona sul" parece fazer diferença tanto quanto o poder aquisitivo. É por isso que, quando o assunto é praia, os jovens das "favelas da zona sul" também se sentem privilegiados. O acesso à praia aproxima jovens da zona sul ("asfalto e favela"), em oposição aos "suburbanos", o que não quer dizer que nas mesmas praias não existam "pedaços" diferenciados e hierarquizados que traduzem marcas de diferenciação social.

A Lapa, por sua vez, menos que um denominador comum, pode ser vista como um "território símbolo" compartilhado por muitos jovens da cidade. Localizada no Centro do Rio de Janeiro, a Lapa conecta passado e presente. É considerada o "berço da malandragem" carioca e faz parte da história romântica da violência que caracterizou a cidade na primeira metade do século XX. Hoje são muitas as "galeras" que se fazem presentes na Lapa: ao mesmo tempo em que grupos de

travestis e conhecidos pontos de prostituição estão na Lapa, em seus diferentes bares e espaços (e, algumas vezes, nos mesmos eventos), pode-se encontrar jovens da Zona Sul, da Zona Norte e dos chamados subúrbios.

Em resumo, a cidade se apresenta como um grande mosaico no qual as várias "juventudes" cariocas se esbarram, constróem pertencimentos, se movem em um complexo jogo de aproximações e distanciamentos geográficos e sociais.

Acessos diferenciados ao lazer

No entanto, se os lugares preferidos para o lazer não se definem apenas pelo poder aquisitivo, há diferenças econômicas que separam os jovens cariocas nos fins de semana. Por exemplo, em suas respostas, os jovens da classe A afirmam que viajam nove vezes mais do que os da classe D e, enquanto isto, "ir à igreja" no fim de semana é mais comum entre os jovens mais pobres.

Ao descrever o fim de semana real, jovens de todas as classes sociais dizem que foram a shows, bailes e boates. Mas, em um fim de semana ideal, estes itens são mais citados pela classe D, o que indica uma restrição do acesso destes jovens a determinados shows, bailes e boates aos quais gostariam de ir.

Algo semelhante ocorre com as atividades culturais, cinema, teatro, museus. Neste caso, na descrição do fim de semana real, estas atividades só são citadas por jovens das classes mais altas. Essa resposta isolada poderia indicar que estas atividades são desvalorizadas pelos mais pobres. No entanto, indagados sobre o fim de semana ideal, os jovens das classes C e D enfatizam seu desejo de freqüentar esses lugares.

Por outro lado, é verdade que *todos* os jovens entrevistados disseram que gostariam de ficar menos em casa e não desejariam trabalhar nos finais de semana. *Todos* gostariam de ir mais à praia, namorar mais, passear mais e poder viajar com mais freqüência. Mas, para além do consenso na descrição do fim de semana desejado, há diferenças significativas nas descrições do rejeitado fim de semana real. Para uns, o fim de semana real está ligado ao trabalho, para outros ao estudo. Vejamos as diferenças. Comparados com as classes A e B, são os jovens das classes C e D os que mais trabalham nos finais de semana. E, comparados com os da classe C e D, são os jovens das A e B que estudam ou fazem provas nos finais de semana.

Cabe salientar ainda que os jovens de baixa renda (C e D) citam duas vezes mais "programas em família" no seu final de semana real do que os jovens das classes A e B. Mas, os jovens da classe A declaram (quatro vezes mais que jovens das outras classes sociais) que as "atividades dentro de casa" também fazem parte do seu final de semana ideal. Contudo, ficar em casa e fazer programa em família não é a mesma coisa para jovens com condições sociais diferentes pois nem todos têm condições de ficar em seus quartos com seus aparelhos eletrônicos e em reunião com amigos.

Quanto aos shoppings, as respostas indicam que eles são mais freqüentados pelos estratos "médios" (B e C). Enquanto que para os mais ricos o shopping é apenas um dos lugares do consumo, os mais pobres da classe D estão afastados dos shoppings pela falta de recursos, tempo, pela distância e pelos preconceitos de cor e classe fortemente presentes nestes locais. Talvez por isto mesmo, sejam os jovens da classe D, os que mais expressam seu desejo de freqüentar shoppings.

Crenças religiosas em movimento

E em que confiam e crêem os jovens do Rio? Como já foi dito em capítulos anteriores, perguntados sobre as instituições que mais confiam, os jovens entrevistados citaram a escola e a igreja. E são os jovens da classe C

e D e das APs Oeste e Baixada Litorânea que confiam mais na igreja do que outros. Entretanto, cabe salientar que, para esta geração de jovens, a referência à igreja já não se circunscreve à Igreja Católica.

Relacionando religião e transferência intergeracional, o demógrafo René Decol (2001) afirmou em artigo recente que o fluxo atitudinal de católicos para outros grupos ganhou, particularmente no Rio de Janeiro, proporções de "mudança social" na medida em que está alterando significativamente e de forma definitiva o perfil religioso da população. O processo tem um componente demográfico: à medida que os grupos populacionais (coortes) se sucedem no tempo, menos adultos em idade de reprodução se declaram católicos, resultando em número cada vez menor de crianças recebendo influência desta natureza. A tendência é um menor número de católicos no interior de cada coorte, fazendo com que a percentagem de católicos no conjunto da população decline de forma cada vez mais acentuada. Segundo o demógrafo, a estrutura social tradicional, onde valores e normas são transmitidos verticalmente, de geração em geração, passa a ser afetada cada vez mais por processos culturais, que atuam em planos horizontais, agindo sobre as coortes de forma diferenciada.

O que diz nossa pesquisa a respeito da transferência religiosa intergeracional? Pouco mais da metade de nossos entrevistados segue a religião dos pais. Filhos de pais católicos praticantes, evangélicos não-pentecostais e pentecostais seguem as religiões de seus pais. Entre as mães, são as pentecostais que mais logram transmitir suas religiões para seus filhos. Em resumo, segundo nossos entrevistados, a influência da família ainda pesa para a escolha da religião (58,1%), mas esta transferência deságua cada vez menos naturalmente no catolicismo.

Em sua análise, Descol enfatiza os "ventos secularizantes" que, de fato, têm soprado pela sociedade carioca. Mas, parece-nos importante atentar que estes não são os únicos ventos. Isto porque, segundo as respostas obtidas em nossa pesquisa, também não há total transferência intergeracional do ateísmo ou do agnosticismo: entre os pais que não têm religião, há 56,6% dos filhos que têm alguma religião e, entre as mães que não têm religião, 31% dos filhos afirmam ter. Isso quer dizer que parte dos jovens que não segue a religião dos pais busca outras religiões.

Somam 42% os jovens que não seguem as religiões dos pais e fazem suas escolhas por outros motivos: 33,1% por motivos pessoais, 6,5%, por influência de amigos, e 1,6% pelos agentes religiosos. De fato, entre os jovens entrevistados há um índice considerável de trânsito entre religiões diversas. Chama a atenção, por exemplo, que mais da metade dos jovens da classe C já mudaram de religião. Focalizando apenas os jovens da classe D, destacam-se duas características: quase 1/3 destes jovens se declaram "sem religião" e, ao mesmo tempo, nesta mesma classe D, há mais jovens evangélicos pentecostais do que católicos praticantes. Trajetos distintos podem ser pensados como retratos instantâneos de um mesmo movimento de buscas de sentido para a vida e de vínculos sociais.

Podemos dizer que em nenhuma outra época houve tantos jovens se definindo como "sem religião" mas, ao mesmo tempo, também, é significativo o número de jovens das igrejas orientais, pentecostais e católicos praticantes que dizem participar ativamente de grupos de sua igreja.

Enfim, a pesquisa não nos permite isolar "uma tendência" no que diz respeito às relações entre religião e juventude da cidade do Rio de Janeiro. As vertentes em jogo (disposição para mudança de religião, (re) afirmação de pertencimento institucional e auto

definição como sem religião) se relacionam entre si, pois fazem parte de uma mesma configuração social, para usar um termo do sociólogo Norbert Elias.

Neste contexto, explicitam-se também os velhos sincretismos e surgem novas combinações. Entre os jovens entrevistados se fizeram presentes afro-brasileiros que crêem tanto em Orixás como no Espírito Santo, assim como jovens evangélicos pentecostais que, embora sem explicitar nesta pesquisa, que essa crença se relaciona a exorcismos, reafirmam a crença nos Orixás.

Não só os católicos afirmaram acreditar na reencarnação, mas também católicos e espíritas afirmaram suas crenças na "energia", astrologia, Orixás, duendes e gnomos. E, vale salientar, que os jovens que se autoclassificaram como "sem religião" afirmaram também acreditar praticamente em todos os itens deste mesmo elenco de crenças.

Estas informações indicam a necessidade de novas abordagens e técnicas de pesquisa para compreender melhor no que consiste a singular e internamente diferenciada experiência religiosa desta geração. Por exemplo, no que diz respeito à religião, pode-se dizer que, entre os jovens de todas as religiões, mais de 50% afirmam já ter tido relações sexuais. O que indica que os preceitos religiosos que, via de regra, vinculam o sexo e casamento, não têm um peso decisivo nas opções sobre a sexualidade dos jovens. Neste item, as mudanças no interior das famílias parecem pesar mais.

Crenças, sexualidade e valores morais

Quase 70% dos jovens afirmam já ter tido relações sexuais, sendo que neste percentual, há mais rapazes do que moças. No geral, a iniciação sexual se dá por volta dos 15 anos. Nas respostas obtidas, chama a atenção o número de jovens que mantêm um mesmo parceiro fixo. Por esta e outras respostas dadas podemos dizer que, no geral, do ponto de vista dos entrevistados, "sexo com amor" ainda fazem a dobradinha ideal.

É significativo o número de jovens que tem permissão dos pais para levar o (a) namorado (a) para dormir em casa, em todas as classes (nas classes C e D é menor do que nas classes A e B, mas mesmo assim é expressivo). As jovens o fazem com mais freqüência que os rapazes. Como explicar isto? Talvez esteja se construindo uma nova versão de "proteção" às mulheres: mesmo para "transar" é melhor ter as meninas mais perto de casa, já que elas são (sempre ou ainda?) vistas como sexualmente mais vulneráveis do que os rapazes (lembremos que é significativo o número das jovens que declararam nesta pesquisa ter medo do estupro).

Por outro lado, se é verdade que relações sexuais entre jovens se generalizaram, como e quando se protegem da gravidez não planejada e de possíveis doenças? Os jovens se dividem entre os que se protegem sempre (pouco mais da metade), os que nunca se protegem e os que definem diferentes graus de proteção, de acordo com a situação e o(a) parceiro(a) em jogo. Os homens se protegem mais do que as mulheres e os jovens mais novos, mais do que os mais velhos.

Quanto ao aborto**,** a maioria o justifica quando a mãe corre risco de vida ou o bebê pode nascer com defeito ou doença. Mas há também um número significativo de jovens que consideram que nada justifica o aborto. Esse número é maior nas classes C e D (e nas APs Norte, Oeste e Baixada Litorânea) e menor nas classes A e B (e na AP Sul). No que diz respeito à filiação religiosa, os jovens que mais se colocam contra o aborto são os evangélicos, embora católicos praticantes e espíritas também apresentem índices altos de rejeição. Os grupos que mais aceitam a possibilidade do aborto são os afro, os católicos não-praticantes e os "sem religião".

Já no que diz respeito à legitimidade da união civil de homossexuais, houve uma polarização: 50% se disseram indiferentes, 25% contra e 25% a favor. Em termos religiosos, os católicos não-praticantes são os mais indiferentes, os afro brasileiros são os mais a favor e os pentecostais os mais contra. Entre os que se posicionam, as mulheres apóiam mais do que os homens. Neste item, "ser indiferente" pode revelar uma estratégia de resposta que protege o entrevistado de se expôr publicamente, evitando "patrulhas politicamente corretas". Mas também pode indicar uma mudança de padrão condizente com uma nova experiência geracional em que há uma maior valorização da tolerância e da diversidade dos padrões sexuais. Nos dias atuais, existem certos constrangimentos que impedem que se assuma publicamente o preconceito contra homossexuais. Neste contexto, os atos ou comportamentos discriminatórios tendem a diminuir. Porém, isto não quer dizer que o preconceito tenha chegado ao fim. Em nossa pesquisa isto ficou evidente, quando pedimos aos jovens para hierarquizar uma série de eventos (situações de violência), segundo seu próprio grau de indignação ou revolta. Na comparação, sempre em termos relativos, entre os jovens entrevistados, "agredir homossexuais" causa "uma revolta média". O que pode indicar tanto tolerância quanto indiferença. Mas, vejamos a seguir, o que mais revolta os jovens.

Acessos desiguais e percepções da chamada violência urbana

O jovens entrevistados disseram que se revoltam mais com a "queima de florestas" e com o " preconceito de cor". O descaso com os doentes nos hospitais, a corrupção e o uso de bebidas alcóolicas antes de dirigir um carro provocam, também, reações de indignação. E quais são os itens que revoltam menos? São três: bandido matar policial, fazer justiça com as próprias mãos e polícia matar bandido.

Os jovens expressam os dilemas da sociedade onde vivem. Estes tipos de extermínios que não despertam a indignação dos jovens, encontram respaldo na própria sociedade com seu "silêncio sorridente", para usar a expressão de Caetano Veloso na letra da música Haiti. São os vários dispositivos de naturalização da violência policial que vão se constituindo em silêncio, num contexto de descrença na ação do Estado e nas políticas eficazes de segurança pública que respeitem os Diretos Humanos.

Mas no caso dos jovens entrevistados, o fato de manifestarem a menor revolta no que diz respeito à "polícia matar bandido" (com uma média muito abaixo das outras) chama a atenção, sobretudo quando se leva em conta que a instituição que os jovens menos confiam é a polícia. Não há porque tentar buscar uma coerência artificial entre as duas respostas, pois elas refletem ambigüidades presentes nas percepções sobre a chamada violência urbana e as formas de combatê-la. Entretanto, se quisermos ir mais adiante, podemos analisar internamente as respostas dadas pelos jovens a esse item. É verdade que a "escala geral das revoltas" não se altera quando consideramos as variáveis cor, sexo e local de moradia. "Polícia matar bandido" continua provocando pouca indignação. Contudo, mesmo sem chegar a ter o peso de mudar a escala, são maiores os graus de revolta entre os jovens do sexo masculino, entre os que se autodefinem como negros, e entre os jovens das classes C e D. Talvez esta nuance na percepção esteja relacionada à sua proximidade com os embates entre os personagens em questão.

Nesta mesma perspectiva, em nossa pesquisa, respostas a outras perguntas também nos levam a correlacionar a experiência vivida por diferentes segmentos juvenis e suas percepções da violência. No que diz respeito a percepção das causas da violência, também encontramos diferenças significativas: para os jovens da classe A, a principal causa da

violência é a educação precária; já para os jovens da classe B é a pobreza ou os baixos salários; para as C e D (justamente as mais atingidas pela educação precária, pobreza e baixos salários), a principal causa da violência é o tráfico de drogas. Também, não por acaso, são os jovens das classes C e D que sentem-se inseguros perto de casa. Para eles, as balas perdidas entre bandidos e entre bandidos e policiais se movem perto de casa. Cabe salientar, ainda, que foram, sobretudo, os pardos e negros e moradores da AP Oeste que manifestaram esta insegurança perto de casa. No geral, os jovens entrevistados se sentem mais inseguros nas ruas. Também é nas ruas que os jovens das classes mais altas, moradores da AP Sul, mais brancos do que pardos, declaram mais ter sofrido agressões da polícia. É nas ruas que estes jovens se sentem expostos às balas perdidas, este fantasma que acompanha os jovens desta geração por todos lugares da cidade, com seu poder de interromper vidas, de inviabilizar o futuro.

Ora, a melhor coisa em ser jovem é ter um futuro pela frente e a pior coisa é a preocupação com este mesmo futuro. O futuro é visto como tempo potencial de possibilidades infinitas e, ao mesmo tempo, os maiores medos também estão relacionados com o futuro. Talvez todas as gerações de jovens tenham vivido esta ambivalência em relação ao futuro, mas talvez nunca o futuro tenha sido tão olhado pela ótica do medo.

Em nossa pesquisa, o medo mais citado pelos jovens foi o medo da morte ou o medo de morrer, assim como o medo da perda do pai, da mãe, de familiares. Dizem eles: "tenho medo de morrer cedo", "medo dos meus pais morrerem", "medo de morrer antes de criar os filhos", "medo de morrer injustamente", "medo de perder as pessoas que eu amo", "medo de sair de casa sem saber se vai voltar", "tenho medo de acontecer alguma tragédia com a minha família".

Nossos entrevistados têm medo de "bala perdida", "da polícia", "do aumento da violência", "de estar no meio do tiroteio", "do tráfico de drogas dominar tudo", "de ser preso sem motivo", "de ser violentada", "de tiro", "de ser espancada e enterrada viva", "de violência e injustiça". Como morte precoce está geralmente relacionada à violência e se somarmos os percentuais de respostas que mencionam morte e violência, observamos que 50% do total dos jovens ouvidos por esta pesquisa, disseram temer por suas vidas.

Acessos ao mundo do trabalho: a escola como passaporte

Contudo, para esta geração o futuro também está bastante relacionado com os medos que residem na esfera do trabalho. E, ao que parece, há razões para preocupações. Entre os jovens entrevistados, encontramos um número expressivo de desempregados: 18,4%. Um pouco mais de 1/3 dos jovens entrevistados ainda estuda, 1/3 diz que parou de estudar por ter concluído os estudos e 1/3 porque teve que trabalhar. Obviamente, quem parou de estudar para trabalhar não foram os jovens da classe A, e sim, os jovens da classe D. Além disto, se é verdade que não são só os jovens das classes C e D que trabalham, são estes que se inserem no mercado de trabalho de maneira mais instável: quanto mais pobre, maior a precariedade. Isto é, enquanto na classe A, a maioria dos entrevistados não trabalha, ou está empregado com carteira ou é estagiário com remuneração, nas outras classes, aumenta o número de jovens sem carteira ou empregados por conta própria. Os jovens com carteira assinada têm segundo grau (completo ou não), os sem carteira assinada têm segundo grau completo e também se distribuem por níveis mais baixos de escolaridade. No trabalho doméstico não-remunerado, concentram-se jovens com baixa escolaridade.

Na verdade, a equação escolaridade / inserção no mercado de trabalho revela desigualdades sociais que se retroalimentam. Neste sentido é compreensível que "ter estudos" tenha sido considerado o item mais importante para "se melhorar de vida". Mas, no que diz respeito à escola, é surpreendente que 1/3 dos jovens entrevistados considerem que não há problemas na sua escola ou universidade. Surpreende também que a outra terça parte, que reconhece a existência de problemas, os localize nos próprios colegas, na indisciplina e desinteresse dos alunos. A falta de recursos e infra-estrutura foi mais citada pelos jovens das classes mais altas. Também é entre aqueles alunos que tiveram que deixar a escola para trabalhar ou que fracassaram na escola (ou, melhor dizendo, aqueles em relação aos quais a escola fracassou em sua tarefa educativa) que predomina uma valoração positiva em relação à escola. Tal valoração pode ser relacionada com o reconhecimento do ambiente escolar como local potencialmente positivo para a sociabilidade e a convivência intra e intergeracional.

No entanto, não há ingenuidade em relação à escola e diplomas. É interessante notar que, no imaginário dos jovens entrevistados, podemos perceber uma espécie de mapa que descreve os contornos de um mercado de trabalho restritivo e mutante. Dizem os jovens: "tenho medo de não conseguir estudar e não conseguir emprego" , "tenho medo de terminar os estudos e então não arrumar emprego", "medo de terminar de estudar, ter um emprego e depois não ter mais". Isto é, a escolaridade é vista como um passaporte que viabiliza, mas que, por si, não garante que a viagem aconteça, nem determina *a priori* o seu roteiro ou ponto de chegada.

Acessos à cidadania, reinvenções da Política

Segundo nossos entrevistados, os maiores problemas do Brasil são: desemprego, violência e má administração política. Este "ranking" varia com o recorte de gênero e classe. Para as mulheres é a violência, para os homens é a má administração política. Para a classe A é a educação, para a B é a má administração, para a C é o desemprego e para a D é a violência.

Como foi visto no decorrer deste trabalho, em seu conjunto, os jovens têm uma confiança relativa nas associações de moradores e meios de comunicação e, baixa confiança na polícia, no Congresso Nacional e no governo federal. É interessante notar, que este grau de desconfiança em relação ao Congresso e Governo Federal não se traduz em uma total descrença em eleições. Mais da metade dos jovens (56%) votaria mesmo que não fosse obrigatório, embora 44% não votariam, número também expressivo.

Por outro lado, as respostas dos jovens sobre as manifestações políticas deixam a impressão de que muitas informações circulam entre eles e que eles aprovam ações "progressistas". Os jovens apóiam fortemente as manifestações pela paz e as greves por melhores salários. Os jovens da classe D são os que mais apóiam as greves por melhores salários. No total, quase 70% dos jovens também apóiam a ocupação de terras improdutivas para reforma agrária.

Contudo, como já mostraram outras pesquisas, o apoio a estas e outras formas de manifestação política não se traduz em engajamento e participação direta dos jovens em partidos políticos ou movimentos sociais. A escola é onde os jovens mais participam de grêmios e campanhas, logo depois vêm os espaços das igrejas. E, como já foi lembrado anteriormente, os jovens de igrejas orientais, pentecostais e católicos praticantes são os que dizem que mais participam de grupos de sua igreja. Os movimentos ecológicos e comunitários são os que os jovens mais gostariam de participar.

1 Dossiê *Universo Jovem*. MTV Brasil, agosto de 1999.

Filhos de uma época caracterizada como "sem utopias", os jovens se reencontram com fragmentos de velhas utopias. Família, trabalho, justiça social, viver a vida e ter fé – são os cinco valores mais citados por eles. O que os jovens expressam através destes valores? O que desejam para si e para a sociedade em que vivem? As respostas para estas perguntas não são simples e nem únicas.

Em 1999, em uma pesquisa encomendada pela MTV[1], os jovens entrevistados declararam como ídolos de sua geração: Sadan Hussein por "peitar" os americanos, Madre Teresa de Calcutá, pelo espírito solidário, Xuxa (que acabava de ter uma filha sem se casar) por revelar seus sentimentos a todos sem nenhuma vergonha ou medo do que os outros vão pensar... . A combinação causou surpresa, mas é reveladora. Vista da ótica dos personagens (Sadan Hussein, Madre Tereza de Calcutá e Xuxa), a junção parece uma colcha de retalhos sem sentido. Porém, vista pela ótica das justificativas apresentadas, as escolhas revelam valores que podem ser complementares (questionamento do poderio americano, valorização da solidariedade, sentimentos verdadeiros contra convenções sociais). Ou seja, os personagens escolhidos, cada qual ao seu modo, expressam dilemas desta geração. Através deles, os jovens apresentam inimigos para derrotar (o poder sem limites, a indiferença frente ao sofrimento alheio, a hipocrisia das convenções sociais).

Em nossa pesquisa, Xuxa e Betinho foram os personagens mais citados entre aqueles admirados por nossos entrevistados. Estas duas escolhas podem ser comparadas com as que foram feitas na outra pesquisa acima citada: revelam percepções sobre figuras públicas que se destacam por motivos e vias diferentes. Mas, para compreender esta combinação e também os diferentes subgrupos de jovens desta geração que se identificam ou rejeitam Xuxa e/ou Betinho, é preciso, em primeiro lugar, fugir das comparações valorativas entre as juventudes de diferentes épocas, caracterizando umas como conscientes e outras como alienadas.

Compreender os jovens de hoje significa perceber sua diversidade e compreender os desafios mais gerais do tempo presente. Como vimos, uma das características dos dias de hoje é que os jovens de diferentes classes sociais têm preocupações individuais semelhantes. Todos sentem-se vulneráveis frente à polícia, aos assaltos, às balas perdidas e demais conseqüências da chamada violência urbana. E, ainda que sejam muito diferentes seus acessos à escola e aos bens materiais, os jovens de hoje partilham interrogações sobre como se inserir em um mercado de trabalho restrito e mutante. Tais contradições podem favorecer a que uma parcela deles se fechem em si mesmos, não tenham limites no uso de drogas lícitas e ilícitas, supervalorizem o consumo imediato, promovam a intolerância e exerçam a violência. Contudo, como vimos nesta pesquisa, se é verdade que não existe "uma" juventude carioca e sim vários segmentos e estilos diversos, em muitos deles existem crenças, opiniões e valores suficientes e propícios para que se reinventem as formas de solidariedade e novas vias de participação social. Trata-se de um processo em curso. E, como todo processo, este também possui distintas virtualidades. No seu desenrolar, contarão as escutas a serem feitas para compreender os múltiplos sentimentos e inéditas experiências sociais dos jovens de hoje. E, a partir daí, também contarão as políticas públicas dirigidas aos jovens a serem implementadas no Rio de Janeiro e no país.

NOTA METODOLÓGICA

Pesquisa Domiciliar com a Juventude do Rio de Janeiro
Plano Amostral

Por Tereza Serrano e Marcelo Nascimento

A pesquisa foi planejada em âmbito domiciliar com jovens de 15 a 24 anos residentes no município do Rio de Janeiro. Foram considerados moradores jovens as pessoas que dormem e fazem suas refeições pelo menos 4 dias por semana nos domicílios selecionados.

O desenho adotado foi o de uma amostragem de conglomerados estratificada obtida a partir de 3 estágios de seleção. No primeiro estágio, a seleção de setores censitários, no segundo estágio, a seleção dos domicílios, no terceiro estágio, o jovem dentro do domicílio. Para a seleção dos setores, três estratos foram constituídos visando uma estratificação sócio-econômica. A classificação dos setores segundo o nível sócio-econômico foi obtida após a realização de uma análise multivariada na qual foram consideradas as variáveis: renda familiar média, nível de escolaridade dos moradores, infra-estrutura e forma de ocupação dos domicílios.

População alvo e Âmbito geográfico

A população alvo deste estudo compõe-se de jovens (15 a 24 anos) moradores permanentes dos domicílios situados em áreas urbanas e áreas não urbanizadas (favelas) do município do Rio de Janeiro. A tabela 1 abaixo apresenta a classificação dos setores, domicílios e pessoas por estrato (nível sócio-econômico). Estes estratos foram criados a partir da aplicação da técnica multivariada de Análise Fatorial descrita em anexo. Apresenta ainda as proporções da população jovem para cada nível destes estratos.

Tabela 1 – Informações segundo nível sócio-econômico

Informação	Baixo	Médio	Alto	Total
Setores Censitários	2.047	2.576	1.342	5.965
Domicílios	741.001	553.351	404.037	1.698.389
Pessoas	2.665.059	1.762.437	1.133.311	5.560.807
Jovens	**276.519**	**492.999**	**163.817**	**933.335**
%	**29,6**	**52,8**	**17,6**	**100,0**
Setores da amostra	**18**	**32**	**10**	**60**

Nota: os setores sem informação do nível de renda não entraram nos estratos bem como os setores que não obedecem às características especificadas acima.

Seleção da Amostra

Devido às limitações de custo, fixou-se o tamanho inicial da amostra em 1000 domicílios, onde previa-se uma perda de 20%. Para definir o número de setores, fixou-se que seriam selecionados 16 domicílios por setor e assim, definiu-se que seriam sorteados 60 setores. A distribuição do número de setores a ser sorteado em cada estrato sócio-econômico foi feita de forma proporcional ao número de jovens do setor.

No primeiro estágio de seleção, os setores foram selecionados com probabilidade **proporcional ao** nº de jovens entre 15 e 24 anos residentes no setor.

No segundo estágio, foram selecionados 16 domicílios a serem visitados em cada setor. A seleção dos domicílios foi feita de forma sistemática com partida aleatória, o que faz com que a amostra se aproxime de uma amostra aleatória simples. O intervalo de seleção em cada setor foi igual ao número de domicílios em cada setor dividido por 16.

O terceiro estágio de seleção foi feito no campo da seguinte forma:

1) No domicílio sorteado, listou-se todos os jovens residentes, começando com os do sexo masculino em ordem decrescente de idade;
2) Escolheu-se na tabela de sorteio qual destes seria o respondente;
3) Em nenhuma hipótese houve substituição de respondente.

Controle da amostra

Cada setor selecionado foi incluído em uma base de dados onde foi gerada uma distribuição por sexo e idade nos estratos e, a partir daí, decidiu-se pelo sorteio de novos setores nos estratos com o objetivo de manter a proporcionalidade da distribuição da população em relação a estas variáveis.

Cada entrevistador recebeu uma folha com informações do setor, a descrição do setor (IBGE 1991), o mapa do setor e um manual de campo que ensinava como percorrer os setores recebidos.

Análise Fatorial

Esta técnica tem por objetivo agrupar um volume grande de dados que possuam características e variabilidades similares, identificando a existência ou não de correlação entre as variáveis. Assim podemos reduzir o número de informações dos setores a um único indicador, o de nível de renda.

As variáveis eleitas para classificação dos setores censitários utilizados na amostra foram :

PESSDOM - número médio de pessoas por domicílio;
PESSDORM - número médio de pessoas por dormitório;
PESSCOMO - número médio de pessoas por cômodo;
PROPALFA - proporção de pessoas alfabetizadas;
PROP10 - proporção de pessoas do setor com até 10 anos de estudos;
PROP11E - proporção de pessoas do setor com 11anos de estudos ou mais;
PROP2 - proporção de domicílios com renda familiar até 2 salários mínimos;
PROP20 - proporção de domicílios do setor com renda familiar igual ou superior a 20 salários mínimos;
PROPAGUA - proporção de domicílios com abastecimento de água;
PROPINST - proporção de domicílios com instalações sanitárias;
RENDMED - renda média do setor (em Salário Mínimo).

A partir da matriz de correlação apresentada abaixo, utilizou-se o método das componentes principais visando extrair fatores que representem grande parte da variabilidade destas variáveis.

Matriz de correlação

	PROP_2	PROP_10	PROP_20	PROP_11E	RENDMED	PROPALF	PROPSANE	PROPAGUA	PESSCOMO	PESSDORM
PROP_2	1,0000									
PROP_10	-0,8616	1,0000								
PROP_20	-0,3777	0,3802	1,0000							
PROP_11E	-0,8344	0,9081	0,5485	1,0000						
RENDMED	-0,7777	0,8449	0,5609	0,9026	1,0000					
PROPALFA	-0,6751	0,6714	0,2370	0,6515	0,6138	1,0000				
PROPSANE	-0,2922	0,2873	0,1154	0,2883	0,2792	0,4820	1,0000			
PROPAGUA	-0,4900	0,4221	0,1436	0,3934	0,3662	0,6307	0,5629	1,0000		
PESSCOMO	0,4151	-0,5002	-0,2926	-0,5167	-0,4919	-0,5452	-0,3973	-0,4751	1,0000	
PESSDORM	0,6432	-0,6677	-0,3848	-0,6787	-0,6147	-0,6446	-0,3381	-0,5230	0,8698	1,0000

Fator	**Autovalor**	**% da Variação**	**% acumulado da variação**
1	5,9116	59,1	59,1
2	1,3779	13,8	**72,9**
3	0,8261	8,3	81,2
4	0,7130	7,1	88,3
5	0,4317	4,3	92,6
6	0,2883	2,9	95,5
7	0,1973	2,0	97,5
8	0,1124	1,1	98,6
9	0,0771	0,8	99,4
10	0,0644	0,6	100,0

A decisão de trabalhar com dois fatores deve-se ao fato de conseguirmos explicar 73% da variabilidade do conjunto de variáveis a partir desses dois fatores, associado à regra de usar os autovalores maiores que a unidade.

O próximo passo é conhecer esses fatores com a finalidade de podermos identificar os seus significados. Isto é possível a partir da verificação das variáveis que têm maior influência em cada um dos dois.

	FATOR 1	**FATOR 2**
PROP_2 -	0,7948	-0,3828
PROP_10	0,8470	0,3605
PROP_20	0,6872	-0,0487
PROP_11E	0,9110	0,3058
RENDMED	0,8932	0,2661
PROPALFA	0,4908	0,6960
PROPSANE	0,0030	0,7929
PROPAGUA	0,1588	0,8330
PESSCOMO	-0,3925	-0,6654
PESSDORM	-0,5905	-0,6156

Como se pode observar, o fator 1 reuniu as variáveis ligadas à renda e escolaridade e o fator 2 agrupou as informações relacionadas à infra-estrutura dos domicílios (vide definição das variáveis acima).

Esses fatores foram usados para analisar e separar em três estratos os setores censitários pelo método "*K-means Clusters*". Este método leva em consideração a distância entre os setores, calculada a partir dos seus escores fatoriais definidos anteriormente. Os resultados apresentados abaixo tornaram possível denominar os estratos de baixo, médio e alto nível de renda.

Centros dos clusters (iniciais)

Cluster	Fator 1	Fator 2
1	4,8636	-0,9036
2	-0,7492	0,9272
3	0,6704	-4,7355

Com base no resultado apresentado temos que identificar qual desses clusters é o setor de baixo, médio ou de alto nível de renda.

Médias das variáveis estudadas – por cluster gerado

Baixo	Médio	Alto		
PROP_2	0,7705	0,5522	0,1536	
PROP_10	0,0018	0,0034	0,0683	
PROP_20	1,3155	2,3499	7,5631	
PROP_11E	0,5794	0,7569	0,8717	Médias mais baixas
RENDMED	0,0198	0,0815	0,2864	
PROPALFA	0,0367	0,1404	0,6153	Médias mais altas
PROPSANE	0,7503	0,9483	0,9744	
PROPAGUA	0,4945	0,9312	0,9750	
PESSCOMO	0,9694	0,7725	0,4929	
PESSDORM	2,4948	2,1338	1,6622	

Nesta última tabela podemos nos certificar de que na separação dos três estratos identificamos os números com os níveis correspondentes:

1- baixo;
2- médio;
3- alto nível de renda.

Basta comparar como as médias das variáveis sinalizam os níveis de renda. Por exemplo, o setor de baixo nível de renda tem menores médias nas variáveis que indicam positivamente melhorias para uma comunidade, e maiores médias para as variáveis que indicam dificuldades como número médio de pessoas por dormitório e proporção de pessoas com renda até 2 salários mínimos.

QUESTIONÁRIO

Nº do questionário |__|__|__|__|

Pesquisa Juventude no Rio de Janeiro: valores, comportamento e perspectivas de futuro

Pesquisa realizada pelo ISER Rio de Janeiro

1 - Nome do entrevistador: _____ código |__|__|__|
2 - Primeiro nome do entrevistado: _____
3 - Endereço:_____
4 - Ponto de referência: _____
5 - Hora de início da entrevista: _____ 6 - Hora de término da entrevista: _____
7 - Duração: _____ 8 - Data:_____
9 - Bairro: _____ 10 - Setor: _____

Primeira Visita:
Data ___/___/___
Hora: _____h

1- ( ) Questionário preenchido
2- ( ) O sorteado não estava em casa
3- ( ) Remarcou
4- ( ) Ninguém atendeu a porta
5- ( ) Outro: _____

Observações:_____

Segunda Visita:
Data ___/___/___
Hora: _____h

1- ( ) Questionário preenchido
2- ( ) O sorteado não estava em casa
3- ( ) Remarcou
4- ( ) Ninguém atendeu a porta
5- ( ) Outro: _____

Observações:_____

Terceira Visita:

Data ___/___/___
Hora: _____h

1- ( ) Questionário preenchido
2- ( ) O sorteado não estava em casa
3- ( ) Remarcou
4- ( ) Ninguém atendeu a porta
5- ( ) Outro: _____

Observações:_____

I. A PRIMEIRA PARTE DA ENTREVISTA É DEDICADA AO QUE VOCÊ PENSA SOBRE SER JOVEM E QUAIS SÃO AS SUAS ATIVIDADES DE LAZER PREFERIDAS:

IJ1 - Qual é a melhor coisa em ser jovem? (marque apenas UMA opção)

1. ( ) Poder aproveitar/curtir a vida;

2. ( ) Não ter responsabilidades;
3. ( ) Namorar sem compromisso
4. ( ) Poder só se preocupar com estudos;
5. ( ) Ser livre para fazer o que se quer
6. ( ) Ter um futuro pela frente
7. ( ) outro: _____
9. ( ) NS/NR

IJ2. E qual é a pior coisa em ser jovem? (marque apenas UMA opção)
1. ( ) O controle dos pais
2. ( ) Não poder se sustentar sozinho
3. ( ) O desemprego
4. ( ) A influência das más companhias
5. ( ) A preocupação com o futuro
6. ( ) outro:_____
9. ( ) NS/NR

IJ3. Diga três atividades que você fez no seu último final de semana:
[Pode ser dentro ou fora de casa]
1._____
2._____
3._____
9.( ) NS/NR

IJ4. Diga três atividades de um final de semana ideal:
1. _____
2. _____
3. _____
9.( ) NS/NR

IJ5. Agora eu vou apresentar uma lista com o nome de vários lugares freqüentados por jovens à noite. Para cada um dos lugares que eu vou citar, diga se você já foi ou não e se gostaria de ir ou não.

(*Todas as alternativas deverão ser perguntadas* - marque com um X a resposta indicada*)*

	Já foi?	(Se não foi) Gostaria de ir?	NS/NR/Não conhece
1.Arco do Teles	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
2. Baile Charme Qual? _____	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
3. Baile da Ladeira dos Tabajaras	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
4. Baile funk de Rio das Pedras	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
5. Baixo Gávea	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
6. Disco Voador de Marechal Hermes	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
7. El Turf	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
8. Feira de São Cristóvão	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
9. Festa Rave	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
10. Festas do Cine Íris	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )

	Já foi?	(Se não foi) Gostaria de ir?	NS/NR/Não conhece
11. Formula Sport Bier	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
12. Ilha dos Pescadores	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
13. Lapa	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
14. Lona Cultural Qual? _____	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
15. Olimpo	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
16. Quadra de escola de samba	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
17. Quinta do Bosque	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
18. Sábado no viaduto de Madureira	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
19. Zoeira (Hip Hop)	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )
20. Outros:_____	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	1. ( ) SIM 2. ( ) Não	9. ( )

II. AGORA NÓS VAMOS FALAR UM POUCO SOBRE ESCOLA E FAMÍLIA:

ES1. Está estudando?
1. ( ) Sim (pule para ES3) 9. ( ) NS/NR
2. ( ) Não

ES2. Por que parou de estudar?
1. ( ) precisou parar para trabalhar;
2. ( ) não acha que estudar vale a pena;
3. ( ) as escolas onde estudou eram ruins
4. ( ) Concluiu os estudos
5. ( ) Outro:_____

ES3. Qual a última série que você completou:
1. ( ) Nenhuma
2. ( ) até 3ª série do 1º grau (primário incompleto)
3. ( ) 4ª série do 1º grau completa (primário completo)
4. ( ) Entre a 5ª e a 7ª série do 1º grau (primeiro grau incompleto)
5. ( ) 8ª série do 1º grau completa (primeiro grau completo)
6. ( ) Segundo grau incompleto
7. ( ) Segundo grau completo
8. ( ) Superior incompleto
9. ( ) Superior completo ou mais

ES4. Escolha na lista abaixo qual você acha que **é ou foi** o MAIOR problema da sua escola ou universidade: (marque UMA opção)
1. ( ) Indisciplina ou alunos desinteressados
2. ( ) Professor que não respeita o aluno ou professor que falta
3. ( ) Falta de recursos e infra-estrutura como carteiras, bebedouros, merenda, livros, computadores
4. ( ) Violência dentro ou fora da escola (por ex.: vizinhança perigosa, alunos armados, gangues, roubos)
5. ( ) Não há problemas na minha escola/universidade.
9. ( ) NS/NR

III. A FAMÍLIA

FA1. Você mora com os seus pais? [PODE SER APENAS UM DOS PAIS]
1. ( ) Sim 2. ( ) Não **(PULE PARA QUESTÃO TR1)** 9. ( ) NS/NR

FA2. Se você tivesse que classificar de 0 a 10 o seu grau de vontade de sair da casa dos seus pais, que nota você daria? (Sendo 0 nenhuma vontade de sair de casa e 10 muita vontade de sair de casa)
_____ Nota ( ) 99 NS/NR

FA3. Pesquisas constatam que os jovens saem cada vez mais tarde da casa dos pais. Dos motivos que eu vou citar abaixo, qual você considera o PRINCIPAL para um jovem permanecer na casa dos pais? (Marque apenas UMA opção):
1. ( ) Não teria dinheiro para me manter sozinho(a).
2. ( ) Na casa dos meus pais eu tenho liberdade e conforto.
3. ( ) Não quero assumir a responsabilidade pela casa o tempo todo.
4. ( ) Eu tenho um bom relacionamento com eles; gosto da companhia deles.
5. ( ) Mesmo tendo dinheiro para viver sozinho(a), não seria possível manter o meu padrão de vida atual.
6. ( ) Outro: Qual?_____

FA4. Você já levou o(a) seu (sua) namorado(a) para dormir na sua casa com o consentimento dos seus pais?
1. ( ) Sim 2. ( ) Não 9. ( ) NS/NR

IV. AGORA VOU FAZER ALGUMAS PERGUNTAS LIGADAS AO MUNDO DO TRABALHO:

TR1. Qual das opções abaixo melhor descreve a sua situação atual em relação ao trabalho? (marque apenas UMA opção; o critério de escolha entre duas opções é qual o trabalho que toma o maior nº de horas)

1. ( ) estou empregado com carteira assinada
2. ( ) estou empregado sem carteira assinada
3. ( ) trabalho por conta própria
4. ( ) trabalho não remunerado
5. ( ) estagiário com remuneração
6. ( ) não trabalho
7. ( ) sou dona de casa
8. ( ) outro:_____
99. ( ) NS/NR

TR2. Nos últimos 30 dias, você procurou emprego?
1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO 9. ( ) NS/NR

TR3. **SÓ PARA QUEM JÁ TRABALHOU**: Com que idade você começou a trabalhar?
1. _____anos 9. ( ) NS/NR

TR4. **SÓ PARA QUEM JÁ TRABALHOU**: Quantos trabalhos diferentes você já fez?
1. _____ tipos de trabalhos 9. ( ) NS/NR

TR5. Qual é a sua opinião sobre a importância de cada uma destas coisas para melhorar de vida? Dê o grau de importância, atribuindo notas de 0 a 10 a cada uma delas. (Marque um X em cada linha)

	Nem um pouco importante										Totalmente importante	
1. Ter estudos	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99 NS/NR
2. Falar bem	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99 NS/NR
3. Ter boa aparência	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99 NS/NR
4. Ter parentes e amigos influentes	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99 NS/NR
5. Ter sorte	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99 NS/NR
6. Trabalhar duro; ser dedicado	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99 NS/NR
7. Ter experiência	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99 NS/NR
8. Ser inteligente ou talentoso	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99 NS/NR

V. AS PRÓXIMAS PERGUNTAS VÃO TRATAR DE POLÍTICA (VOTO, MOVIMENTOS POLÍTICOS E INSTITUIÇÕES):

PO1. Se a eleição para presidente fosse hoje, em qual dos candidatos abaixo você votaria? (**apenas UMA opção**)
1. ( ) Martha Suplicy
2. ( ) Paulo Renato
3. ( ) Ciro Gomes
4. ( ) Brizola
5. ( ) José Serra
6. ( ) Antônio Carlos Magalhães
7. ( ) Lula
8. ( ) Garotinho
9. ( ) Maluf
10. ( ) Nulo/branco
11. ( ) Outro. Qual? _____ 99. ( ) NS/NR

PO2. No Brasil o voto é obrigatório por lei. Cada cidadão, em condições de votar, deve fazê-lo queira ou não. Se o voto não fosse mais obrigatório, você votaria?
1. ( ) Sim 2. ( ) Não 9. ( ) NS/NR

PO3. Você se identifica ou simpatiza com algum partido político?
1. ( ) Sim 2. ( ) Não **(pule para a pergunta PO5)** 9. ( ) NS/NR **(pule para a pergunta PO5)**

PO4. Qual é este partido? [Cite apenas UM] _____ 9. ( ) NS/NR

PO5. Vou apresentar algumas formas de reivindicação popular. Para cada uma delas, diga se você concorda ou discorda.
1. Concorda 2. Discorda 9. Não conhece/NS/NR

1. Ocupação de terras improdutivas para a reforma agrária
2. Greves por melhores salários
3. Manifestações pela paz (Reage Rio, Basta! Eu quero paz)
4. Manifestações pelo perdão/ não-pagamento da dívida externa

PO6. Das organizações e movimentos que eu vou citar, indique se você participa ou participou e se você gostaria ou não de participar:

	Participa ou participou?	Se não, gostaria de participar?
1. Movimento estudantil	1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO 9. ( ) NS/NR	1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO 9. ( ) NS/NR
2. Grupos ou movimentos vinculados a igrejas	1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO 9. ( ) NS/NR	1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO 9. ( ) NS/NR
3. Movimento Ecológico/ambientalista	1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO 9. ( ) NS/NR	1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO 9. ( ) NS/NR
4. Partido político	1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO 9. ( ) NS/NR	1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO 9. ( ) NS/NR
5. Voluntário(a) em ONGs	1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO 9. ( ) NS/NR	1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO 9. ( ) NS/NR
6.Trabalho comunitário (associação de moradores, agente de saúde, etc.)	1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO 9. ( ) NS/NR	1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO 9. ( ) NS/NR

PO7. Se você tivesse que escolher UM entre os problemas abaixo, qual você diria que é o principal problema do Brasil? (marque somente UMA opção)
1. ( ) Desemprego
2. ( ) Violência

3. ( ) Desigualdade social
4. ( ) Má administração política
5. ( ) Fome/miséria
6. ( ) Educação
7. ( ) Saúde
8. ( ) Outro: _____
9. ( ) Não tem nenhum problema 99. ( ) NS/NR

PO8. Em que instituições você confia mais? Dê o seu grau de confiança de 0 a 10 a cada uma delas:

	Não confia totalmente.										Confia nada	NS/NR
Meios de Comunicação (Jornais/rádio/TV)	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
2. Governo Federal	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
3. Escola	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
4. Congresso Nacional	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
5. Polícia	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
6. Igrejas	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
7. Associação de moradores	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99

PO9. Você conhece alguma ONG - Organização Não-Governamental?
1. ( ) Sim

P10. Qual ou quais ? [3 no máximo] _____
2. ( ) Não
9. ( ) NS/NR

VI. AGORA EU VOU PERGUNTAR SOBRE OS VALORES QUE GUIAM A SUA VIDA, AS COISAS EM QUE VOCÊ ACREDITA:

VR1. Aqui há uma lista das coisas que podem ser consideradas importantes na sua vida pessoal. Dê uma nota de 0 a 10, indicando o grau de importância de cada uma delas na sua vida:

	Pouco importante										Muito importante	NS/NR
1. Boa relação familiar	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
2. Ter fé, crer	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
3. Viver numa sociedade + justa	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
4. Aproveitar a vida	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
5. Ter um diploma	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
6. Ter muito dinheiro	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
7. Ter um trabalho que te realize	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
8. Ser uma pessoa famosa	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
9. Ter uma ideologia/crença política	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
10. Sentir-se útil para a sociedade	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99

VR2. Cite uma pessoa conhecida do público em geral que você admira: _____
9. ( ) NS/NR

VR3.Qual é o seu maior medo?
_____ 9. ( ) NS/NR

VII – NOSSO PRÓXIMO TEMA SERÁ RELIGIÃO:

RE1. Qual é a religião da sua mãe? (Pode marcar mais de uma alternativa)
1. ( ) Afro-brasileira (candomblé, umbanda ou outra de origem africana)
2. ( ) Protestante ou Evangélico não pentecostal
3. ( ) Evangélico pentecostal
4. ( ) Espírita Kardecista ou Espiritualista
5. ( ) Católica praticante
6. ( ) Católica não praticante
7. ( ) Judaica
8. ( ) Orientais
9. ( ) Outra. Qual? _____
10. ( ) Não tem religião
99. ( ) NS/NR

RE2. Qual é a religião do seu pai? (Pode marcar mais de uma alternativa)
1. ( ) Afro-brasileira (candomblé, umbanda ou outra de origem africana)
2. ( ) Protestante ou Evangélico não pentecostal
3. ( ) Evangélico pentecostal
4. ( ) Espírita Kardecista ou Espiritualista
5. ( ) Católica praticante
6. ( ) Católica não praticante
7. ( ) Judaica
8. ( ) Orientais
9. ( ) Outra. Qual? _____
10. ( ) Não tem religião
99. ( ) NS/NR

RE3.Qual é a sua religião? (Pode marcar mais de uma alternativa)
1. ( ) Afro-brasileira (candomblé, umbanda ou outra de origem africana)
2. ( ) Protestante ou Evangélico não pentecostal
3. ( ) Evangélico pentecostal
4. ( ) Espírita Kardecista ou Espiritualista
5. ( ) Católica praticante
6. ( ) Católica não praticante
7. ( ) Judaica
8. ( ) Orientais
9. ( ) Outra. Qual? _____
10. ( ) Não tem religião (PULE PARA QUESTÃO RE8)
99. ( ) NS/NR

RE4. Com que freqüência você participa de encontros ou atividades da sua religião? (Marque apenas UMA opção):
1. ( ) Todos os dias
2. ( ) Uma vez por semana
3. ( ) Duas a três vezes por semana
4. ( ) Quinzenalmente
5. ( ) Mensalmente
6. ( ) Anualmente
7. ( ) Nunca
9. ( ) NS/NR

RE5. O que influenciou a sua escolha por esta religião? (**PODE MARCAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA**)
1. ( ) Família
2. ( ) Amigos
3. ( ) Agentes religiosos
4. ( ) Motivos pessoais

5. ( ) Outro. Qual? _____
9. ( ) NS/NR

RE6. Você já mudou de religião?
1. ( ) Sim à Quantas vezes? ____
2. ( ) Não Þ **(pule para questão RE9**)

RE7. Qual foi o principal motivo para que você deixasse a sua religião anterior? **(marque apenas UMA opção)**
1. ( ) Por influência de familiares e amigos;
2. ( ) Porque a religião anterior não respondia mais às suas necessidade espiritual e emocional;
3. ( ) Por falta de coerência entre o que a religião pregava e as atitudes das pessoas;
4. ( ) Por desentendimentos com os líderes da sua religião (padre, pastor, mãe-de-santo, médium, etc.)
5. ( ) Porque era muito rígida e exigente;
6. ( ) Outros: _____
9. ( ) NS/NR

RE8. [SÓ PARA QUEM NÃO TEM RELIGIÃO] Sem levar em conta se você freqüenta ou não alguma igreja, você... [MARQUE APENAS UMA OPÇÃO]:
1. ( ) Tem suas crenças, mas não tem uma religião
2. ( ) Não acredita nem deixa de acreditar em Deus (Agnóstico (a))
3. ( ) Não acredita em Deus (Ateu)
4. ( ) Indeciso(a)
9. ( ) NS/NR

RE9. [PARA TODOS] Atualmente existe alguma alternativa religiosa que você foi para conhecer ou gostaria de ir para conhecer?
1. ( ) Sim. Þ RE12. Qual? [SÓ UMA RELIGIÃO] _____ 9. NS/NR
2. ( ) Não.

RE10. [PARA TODOS] Você acredita em...

	SIM	NÃO	NS/NR
1. Deus	( )	( )	( )
2. Jesus Cristo	( )	( )	( )
3. Virgem Maria	( )	( )	( )
4. Santos	( )	( )	( )
5. Anjos	( )	( )	( )
6. No Espírito Santo	( )	( )	( )
7. Nos ensinamentos da Bíblia	( )	( )	( )
8. Energias/Aura	( )	( )	( )
9. Demônios	( )	( )	( )
10. Duendes, gnomos	( )	( )	( )
11. Entidades/Orixás	( )	( )	( )
12. Na imortalidade da alma	( )	( )	( )
13. Reencarnação/ Vidas passadas	( )	( )	( )
14. Espíritos	( )	( )	( )
15. Astrologia	( )	( )	( )

VIII. O PRÓXIMO TEMA QUE VAMOS ABORDAR É O DA VIOLÊNCIA, QUE MUITAS VEZES FAZ PARTE DA NOSSA VIDA COTIDIANA.

VC1. Vou apresentar uma lista de situações que acontecem em nossa sociedade. Dê uma nota de 0 a 10 indicando o seu grau de revolta em relação a elas: [ATENÇÃO: zero é grau mínimo revolta e dez é grau máximo de revolta]

	Nem um pouco revoltante									Muito revoltante		NS/NR
1. Ter que ficar horas na fila do hospital	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
2. Polícia matar bandidos	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
3. Bandido matar policial	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
4. A corrupção dos políticos	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
5. Dirigir bêbado	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
6. Queimar florestas	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
7. Ter preconceito de cor	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
8. Agredir homossexuais	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
9. Fazer justiça com as próprias mãos	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99

VC2. Você ou seus pais têm uma arma de fogo em casa? [válido para o caso do entrevistado que não mora na mesma casa que o pai ou mãe]
1. ( ) Sim 2. ( ) Não 9. ( ) NS/NR

VC3. Nos últimos 12 meses, você foi vítima de assalto ?
1. ( ) Sim 2. ( ) Não 9. ( ) NS/NR

VC4. Nos últimos 12 meses, você foi alguma vez agredido pela polícia, inclusive agressão moral ou verbal?
1. ( ) Sim 2. ( ) Não 9. ( ) NS/NR

VC5. Onde você convive mais com a violência? **(marque somente UMA opção):**
1. ( ) perto de casa
2. ( ) na escola/ universidade
3. ( ) nas ruas
4. ( ) nos bailes/boates
5. ( ) no ônibus/trem
6. ( ) nos estádios de futebol
7. ( ) Outro: _____
9. ( ) NS/NR

VC6. As pessoas atribuem diversas causas para a violência na nossa cidade. Marque aquela que você considera a PRINCIPAL causa da violência no Rio de Janeiro. (Marque apenas UMA alternativa)

1. ( ) A pobreza; os baixos salários
2. ( ) A baixa escolaridade; falta de educação
3. ( ) A violência da polícia e/ou corrupção policial
4. ( ) A violência na televisão
5. ( ) A falta de estrutura ou apoio familiar
6. ( ) O tráfico de drogas 9. ( ) NS/NR

VC7. A que tipo de risco você acha que está mais exposto? (**marque apenas UMA resposta**)
1. ( ) ser assaltado com violência
2. ( ) ser atingido por bala perdida
3. ( ) sofrer acidente de trânsito
4. ( ) sofrer violência policial
5. ( ) sofrer estupro
6. ( ) Outro: _____ 9. ( ) NS/NR

VC8. Qual o tipo de violência de que você mais tem medo? (**marque apenas UMA resposta**)
1. ( ) ser assaltado com violência
2. ( ) ser atingido por bala perdida
3. ( ) sofrer acidente de trânsito
4. ( ) sofrer violência policial
5. ( ) sofrer estupro
6. ( ) Outro: _____ 9. ( ) NS/NR

IX. AS PRÓXIMAS QUESTÕES ABORDARÃO O TEMA DA AFETIVIDADE E DA SEXUALIDADE. TALVEZ ALGUMAS PERGUNTAS\N NÃO SE APLIQUEM A VOCÊ. A GENTE QUER SABER A SUA OPINIÃO SOBRE ESTES TEMAS, MAS VOCÊ TEM TODA A LIBERDADE DE NÃO RESPONDER ÀQUELAS QUE NÃO QUISER OU NÃO SE SENTIR CONFORTÁVEL.

SE1. Qual das frases abaixo mais se aproxima da sua opinião?
1. ( ) Só pode haver sexo se houve amor;
2. ( ) Pode haver sexo sem amor;
3. ( ) Sexo sem amor é muito melhor
9. ( ) NS/NR

SE2. Você já transou alguma vez?
1 ( ) Sim.
2 ( ) Não Þ (vá para a questão SE6)
3 ( ) NS/NR Þ (vá para a questão SE6)
SE3. Com que idade foi a primeira vez?_____ 99. NS/NR

SE4. Nos últimos seis meses, com quantas pessoas você teve relações sexuais? ____ pessoas

SE5. Com relação ao uso de camisinha, você... (**pode marcar mais de uma alternativa**):
1. ( ) Não usa por motivos religiosos;
2. ( ) Não usa quando tem relações sexuais com uma pessoa em quem confia
3. ( ) Não usa quando o(a) parceiro(a) não quer;
4. ( ) Não usa quando você ou o(a) parceiro(a) não tem uma camisinha na hora de transar
5. ( ) Usa em todas as relações sexuais
6. ( ) Nunca usa
9. ( ) NS/NR

SE6. Quais dos motivos abaixo justificam fazer um aborto (**pode marcar mais de uma alternativa**):
1. ( ) Quando a mulher não quer ter o filho
2. ( ) Quando o pai não quer assumir o filho
3. ( ) Quando a vida da mãe corre perigo
4. ( ) Quando o bebê pode nascer com defeito/doença
5. ( ) Nada justifica fazer um aborto
9. ( ) NS/NR

SE7. Em relação à união civil entre homossexuais, você é...
1 ( ) a favor
2 ( ) contra
3 ( ) indiferente
9 ( ) NS/NR

X. A PRÓXIMA PERGUNTA É SOBRE DROGAS.

DG1. Com que freqüência você consome...

	1. Bebida alcóolica	2. Remédios de tarja preta (anfetamina, calmante)	3. Maconha	4.Inalantes (cola, lança perfume, clorofórmio)	5. Ácido/ Ecstasy	6. Cocaína
Todos os dias; quase todos os dias						
Nos fins de semana; em festas						
Esporadicamente						
Apenas experimentou						
Nunca usou						
Não usa mais						
NS/NR						

XI. PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO:

PS1. Sexo: (anote direto; não precisa perguntar)
1. ( ) feminino 2. ( ) masculino 9. ( ) NS/NR

PS2. Qual a sua idade? ____ anos 9. ( ) NS/NR

PS3. Aonde você nasceu? _____ |__|__| 9. ( ) NS/NR
(CIDADE **) (Se nasceu na cidade do RJ pule para PS5)** (UF)

PS4. [**Só para quem não nasceu no Rio de Janeiro**]
Há quanto tempo você mora na cidade do Rio de Janeiro? |__|__| ou |__|__| 9. ( ) NS/NR
anos meses

PS5. Aonde o seu pai nasceu? _____ 9. ( ) NS/NR
(Estado ou país)

PS6. Aonde sua mãe nasceu? _____ 9. ( ) NS/NR
(Estado ou país)

PS7. Qual a sua cor ou raça?
1. ( ) branca
2. ( ) negra
3. ( ) parda
4. ( ) amarela
5. ( ) indígena
6. ( ) outra. Qual?_____
9. ( ) NS/NR

(ENTREVISTADOR: observe a cor e anote): _____

PS8. Entre as categorias abaixo, qual descreve melhor a sua situação atual?
1. ( ) Solteiro (a)
2. ( ) Casado(a) no religioso
3. ( ) Casado(a) apenas no civil
4. ( ) Casado(a) no civil e no religioso
5. ( ) Separado(a)/ divorciado(a)

6. ( ) União estável/mora junto
7. ( ) Viúvo(a)
9. ( ) NS/NR

PS11. Você tem filhos?
1. ( ) Sim. Quantos?_____
2. ( ) Não. Pretende ter? 1.( ) SIM 2. ( ) NÃO
9. ( ) NS/NR

PS12.Qual a última série que o chefe do seu domicílio completou:
1. ( ) Nenhuma
2. ( ) até 3ª série do 1º grau (primário incompleto)
3. ( ) 4ª série do 1º grau completa (primário completo)
4. ( ) Entre a 5ª e a 7ª série do 1º grau (primeiro grau incompleto)
5. ( ) 8ª série do 1º grau completa (primeiro grau completo)
6. ( ) Segundo grau incompleto
7. ( ) Segundo grau completo
8. ( ) Superior incompleto
9. ( ) Superior completo ou mais 99. ( ) NS/NR

PS13. Em qual das seguintes classes sociais você se colocaria?
1. ( ) Pobre/Classe baixa
2. ( ) Classe média baixa
3. ( ) Classe média
4. ( ) Classe média alta
5. ( ) Rico/Classe alta
9. ( ) NS/NR

PS14. Quantas pessoas moram na sua casa (incluindo você)? _____ pessoas

PS15. Quantos cômodos existem na sua residência, excluindo banheiro e cozinha? |__|__| cômodos

PS 16. Cite quantos existem na sua casa:
0 1 2 3 4 ou mais NS/NR

1. carro
2. máquina de lavar roupa
3. videocassete
4. TV em cores
5. número de banheiros na residência
6. aspirador de pó
7. geladeira
8. empregada doméstica mensalista
9. aparelhos de rádio

PS 17. Qual é o seu maior sonho?
_____ 9. ( ) NS/NR

PS18. Quanto tempo você acha que durou a nossa entrevista? _____

PS 19. Telefone do entrevistado: _____

Bibliografia citada

ABRAMO, H. (1997). Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In Juventude e Contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, número especial. SP: ANPED.

ABRAMO.H e VENTURI, G. (2000). "Juventude: cultura e cidadania". Revista Teoria e Debate, n. 45, ago-set

ABROMOVAY, M. e Rua, Maria da Graça (2002) Violência nas Escolas UNESCO

BECKER, H. (1997). Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Pualo: Hucitec.

BOURDIEU et alli. (1963). Travail et travailleurs em Algérie. Paris, La Haye: Mouton & co.

BOURDIEU, P. (1983). Juventude é apenas uma palavra. In: *Questões de Sociologia*. São Paulo: Marco Zero.

Cano, Ignácio (1997) Letalidade e Ação Policial, ISER, R.J.

Cano, Ignácio e Santos, Nilton (2001) Violência Letal, renda e desigualdade Social no Brasil, Sete Letras/ISER.

COULON, A. (1995). A Escola de Chicago. Campinas (SP): Papirus.

Decol, R (2001)Imigração Intergeracional e mudança Religiosa no Brasil, UNICAMP, Campinas

MALINOWSKI, B. (1978). Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e das aventuras dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural.

MARGULIS, M. & URRESTI, M. (1996). La juventud es más que una palabra. Buenos Aires, Biblos.

Minayo, Maria Cecília et Al. (I999) Fala Galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro, R J, Garamond.
Musumeci., L Homicídios no Rio de Janeiro: trajédias em busca de políticas, Boletim Segurança e Cidadania, ano 1, número 2, julho de 2002.

POCHMANN, Márcio. 2000. A Batalha pelo Primeiro Emprego. São Paulo, Publisher.
Soares, Luiz Eduardo (coord) (1996) Violência e Política no Rio de Janeiro, Relume Dumará/ISER

VERNANT, J-P. (1990). Mito e Pensamento entre os Gregos. São Paulo, Paz e Terra.

VELHO, G. (1999) Desvio e divergência: uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro, Zahar.

Waiselfisz, J (2002) Mapa da Violência III – Os Jovens no Brasil, Brasilia, Unesco
Documentos citados:

Dossiê Universo Jovem. MTV Brasil, agosto de 1999.

Percepções sobre a Qualidade de Vida no Rio de Janeiro. Relatório PNUD / Nações Unidas, 2000.

ISER